



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E  
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



**CAROLINA QUEIROZ SANTANA**

**CONTRIBUIÇÕES DA CIENTISTA LUCÍA TOSI PARA OS ESTUDOS  
DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL**

SALVADOR

2023

**CAROLINA QUEIROZ SANTANA**

**CONTRIBUIÇÕES DA CIENTISTA LUCÍA TOSI PARA OS ESTUDOS  
DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL**

Tese de doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Indianara Lima Silva

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Leticia dos Santos Pereira

**SALVADOR**

**2023**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santana, Carolina Queiroz.

Contribuições da cientista Lucía Tosi para os estudos de gênero e ciência no Brasil / Carolina Queiroz Santana. - 2023.

109 f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Indianara Lima Silva.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia dos Santos Pereira.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2023.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

1. Tosi, Lucia - 1917-2007 - Contribuições em ciência. 2. Mulheres na ciência - História. 3. Gênero e ciência. 4. Mulheres cientistas. I. Silva, Indianara Lima. II. Pereira, Leticia dos Santos. III. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana. V. Título.

CDD 500.82 - 23. ed.

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**CAROLINA QUEIROZ SANTANA**

## **CONTRIBUIÇÕES DA CIENTISTA LUCÍA TOSI PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ensino,  
Filosofia e História da Ciência, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 19 de maio de 2023

### **Banca Examinadora**

---

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> INDIANARA LIMA SILVA – ORIENTADORA**  
**UEFS**

---

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CLÁUDIA SEPÚLVEDA - MEMBRO INTERNO**  
**UEFS**

---

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> RAFAELA DOS SANTOS LIMA - MEMBRO EXTERNO**  
**UFRB**

---

**PROF. DR. FRANKLIN KAIC PEREIRA DUTRA - MEMBRO EXTERNO**  
**UFRB**

---



**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> GIULIA ENGEL ACCORSI - MEMBRO EXTERNO  
IBICIT**

*Dedico este trabalho à minha mãe Noemia por nunca duvidar que a filha  
dela seria doutora.*

## AGRADECIMENTOS

O produto final que se encontra nesta tese, apesar de redigido por mim, foi construído por muitas mãos. E sem dúvidas eu não teria chegado até aqui sem as inúmeras colaborações, trocas intelectuais, suporte emocional, incentivos e especialmente o carinho dos que andam ao meu lado. Eu sei que nos últimos meses foi um tanto difícil lidar com minha ansiedade constante, meus lapsos de estresse e minhas inseguranças. Além do meu muito obrigada, eu prometo que não vou parar com a terapia (risos).

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a Lucía Tosi, a protagonista dessa tese. Foi um presente poder escrever sobre alguém tão enigmática, e lhe agradeço por ter sido uma das primeiras. Estendo, este agradecimento aos seus amigos e familiares, em especial ao seu filho André Tosi Furtado, e seus amigos Heloísa Beraldo e Carlos Alberto Filgueiras.

Agradeço à minha família, meus pais e meu irmão, obrigada por ser sempre nós quatro contra o mundo. Mas um agradecimento especial precisa ser direcionado a minha mãe Noêmia, por ser minha melhor amiga nessa vida, por conhecer meus medos e não apenas me encorajar a desafiá-los, mas a fazer isso junto comigo. Alguns dos nossos sonhos começam a se realizar a partir daqui.

Ao meu namorado Daniel, que entrou nessa jornada na metade do caminho e me ensinou que eu posso ser cuidada e vulnerável. Eu não estaria aqui sem seu incentivo, obrigada por me lembrar todos os dias que eu sou capaz de coisas incríveis e por admirar tanto meu cérebro (apesar disso ainda soar esquisito).

Agradeço às professoras Indianara Silva e Letícia Pereira, minhas queridas orientadoras, por terem aceitado encarar esse projeto ao meu lado, por cumprirem seus papéis profissionais com dedicação, mas também por terem sido tantas vezes o suporte motivacional e emocional que eu precisava. Obrigado por confiarem tanto em meu trabalho, por acreditarem que eu daria conta de ser doutoranda e concurseira, e por acolherem minhas mudanças de planos em prol de meus sonhos.

Agradeço às amigas antigas e construídas nesse processo. Às/Aos colegas e amigas/os do PPGEFHC, colegas de turma, de grupo de pesquisa, ou conhecidos dos corredores da UFBA. Aqui eu preciso destacar os nomes de Tainã Alcântara, Laura Sued e Fernanda Braga,

minhas queridas (Des)orientanda, que se tornaram minhas parceiras de vida que torceram e ouviram meus desabafos com relação a esta pesquisa, e que sem dúvidas estão vibrando por esse momento tanto quanto eu. Agradeço também a Rafaela Lima, por ter me dado a honra de ser escolhida como sua principal oponente, por ter sido um desafio no momento certo, mas especialmente por hoje me permitir movimentar a ciência ao seu lado.

Agradeço aos professores com quem tanto aprendi, e que foram apoio e incentivo. Em especial, ao professor Olival Freire Jr, por ter se empolgado tantas vezes com esta pesquisa, e me enviar fotografias, livros e fontes sobre a Lucía Tosi, seja de Paris, Brasília ou São Paulo. Obrigada pelas cobranças, e pelos incentivos para que me torne uma profissional de excelência. E ao professor Rafael Siqueira pelo apoio junto ao colegiado de pós-graduação.

Agradeço aos colegas do Colégio Estadual de Milagres, em especial, à Paulo Cerqueira, Mônica Almeida, Ana Valéria e Luiza Queiroz, por não terem medido esforços sempre que necessitei de auxílio, mas acima de tudo pela preocupação e cuidado que tiveram comigo nessa reta final. Vocês me fazem acreditar numa educação pública de qualidade e excelência.

Por fim, agradeço à banca avaliadora: às professoras Cláudia Sepúlveda, Rafaela Lima e Giulia Engel Accorsi e ao Professor Franklin Kaic, por se disponibilizarem a avaliar este trabalho com muito comprometimento.

Ao projeto financiado pelo CNPq “História da ciência no Brasil no século XX (1945-2000)” pela verba disponibilizada para consultar algumas fontes.

À CAPES, pelo apoio financeiro por meio da bolsa de Doutorado.

*[...]Enquanto os pelos dessa deusa tremem ao vento ateu  
Ela me conta sem certeza tudo o que viveu  
Que gostava de política em mil novecentos e sessenta e seis  
E hoje dança no Frenetic Dancing Days*

*Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar  
Porque ela vai ser o que quis inventando um lugar  
Onde a gente e a natureza feliz, vivam sempre em comunhão  
E a tigresa possa mais do que o leão [...]*

Tigresa, Caetano Veloso (1982)

## RESUMO

Lucía Piave Tosi foi uma cientista, historiadora das ciências e feminista que deu uma vasta contribuição a esses campos no Brasil. Ela nasceu na cidade de Buenos Aires, Argentina, onde graduou-se em Química e obteve o título de Doutora em Química. Lucia Tosi Trabalhou em inúmeras universidades e laboratórios de química, tais como; o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e o *Centre national de la recherche scientifique (CNRS)*. Após o golpe militar de 1964, Lucia Tosi, então casada com o economista brasileiro Celso Furtado, foi exilada do país em decorrência de violências e ameaças políticas vivenciadas pelo seu marido. Durante seu exílio na França, Tosi foi uma das fundadoras do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en París*, organizado por Danda Prado, que reunia principalmente mulheres brasileiras exiladas. O grupo acabou aderindo mulheres de outros países da América Latina, estabelecendo-se para discutir questões sobre gênero, feminismo, as agendas políticas latino-americanas e passando a publicar o boletim *Nosotras*. Em decorrência a sua formação em química, e seu interesse pelo movimento feminista, Lucia Tosi se tornou uma das pioneiras nos estudos de gênero e ciência no Brasil. Nesse sentido, esta tese, apresentada em formato multipaper, se desdobra em torno do seguinte questionamento: quais as contribuições da cientista Lucia Tosi para o desenvolvimento dos estudos de Gênero e Ciência no Brasil? Para responder tal pergunta, apresentamos três artigos que enfatizam diferentes elementos que compõem essa resposta: Primeiramente apresentamos uma breve biografia de Lucía Tosi. Em seguida, discutimos a importância do periódico *Nosotras* e o papel de Lucía Tosi para essa publicação. Por fim, apresentamos um panorama dos trabalhos sobre Gênero e Ciência escritos por Lucía Tosi no Brasil. Para isso, exploramos fontes primárias, por exemplo, os arquivos pessoais da cientista, as publicações do periódico *Nosotras*, suas publicações sobre gênero e ciências em revistas acadêmicas, e também fontes secundárias que tratam da temática. Em uma perspectiva biográfica feminista, optamos pela utilização de gênero como uma categoria de análise histórica, o que nos permitiu mapear os obstáculos e estratégias de Lucía Tosi para alcançar sucesso em uma ciência aculturada por perspectivas misóginas como a química. Por fim, percebemos que se por um lado ela custou a alcançar uma carreira estável tendo sua carreira encaixada a do seu marido, por outro ela tornou-se reconhecida internacionalmente atuando em importantes centros de pesquisas. Nesse sentido, percebemos a importância que o feminismo teve na vida de Lucía e na sua proeminência na atividade científica. Assim, dialeticamente, o pessoal, privado e doméstico de quem foi Lucía Tosi, encontra-se com o político, científico e acadêmico em uma verdadeira catarse intelectual. Lucía foi problematizadora, questionadora e ativista de histórias de outras que a antecederam, mas também criou espaços, estratégias e ferramentas para que hoje sua história pudesse ser narrada.

**Palavras-chave:** Lucía Tosi. Gênero e Ciência. História das Mulheres na ciência. *Nosotras*.

## ABSTRACT

Lucía Piave Tosi was a chemist, scientist, historian of science, and feminist who contributed significantly to these areas in Brazil. She was born in Buenos Aires, Argentina, where she graduated in Chemistry and obtained a Ph.D. in chemistry. Lucia Tosi worked at several universities and chemistry labs, such as; the *Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)* and the *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*. After the Brazilian military coup in 1964, Lucia Tosi and her husband, the Brazilian economist Celso Furtado, were exiled due to violence and political threats in Brazil. During her exile in France, Tosi founded with Danda Prado the Grupo Latinoamericano de Mujeres en París, bringing together mainly exiled Brazilian women. The group ended up joining women from other Latin American countries, establishing itself to discuss issues about gender, feminism, and Latin American political agendas and starting to publish the bulletin *Nosotras*. As a result of her background in chemistry and interest in the feminist movement, Lucia Tosi became one of the pioneers in gender and science studies in Brazil. In this sense, this multi-paper thesis develops around the following question: what are the contributions of the scientist Lucia Tosi to developing Gender and Science studies in Brazil? Three papers concerning different elements are presented here to elaborate an answer to this question: Firstly, we present a biographical sketch of Lucía Tosi. We also discuss the relevance of *Nosotras* bulletin and Lucía Tosi's role in its publication. Finally, we present an overview of Lucia Tosi's writings on gender and science published in Brazil. For this, we explored primary sources, for example, the scientist's files, the publications of the bulletin *Nosotras*, her publications on gender and science in academic journals, as well as secondary sources that deal with the subject. From a feminist biographical perspective, we chose gender as a historical analysis category, allowing us to draw Lucía Tosi's obstacles and strategies to succeed in a science acculturated by misogynistic perspectives such as chemistry. Finally, we realized that if, on the one hand, it took her a long time to reach a stable career, with her career matching that of her husband, on the other hand, she became internationally recognized, working in important research centers. In this sense, we perceive the importance that feminism had in Lucía's life and her prominence in scientific activity. Thus, dialectically, the personal, private, and domestic of who Lucía Tosi was, meet the political, scientific, and academic in an actual intellectual catharsis. Lucía was problematizing, questioning, and an activist in the stories of others who preceded her. Still, she also created spaces, strategies, and tools so that her story could be told today.

**Keywords:** Lucía Tosi. Gender and Science. History of Women in Science. *Nosotras*.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Certificado de Estudo de Lucía Tosi	18
<b>Figura 2.</b> Tese de doutorado de Lucía Tosi	18
<b>Figura 3.</b> Lucía Tosi e seu filho Juan Cristobal Puente	19
<b>Figura 4.</b> Lucía Tosi e Celso Furtado	20
<b>Figura 5.</b> O livro “ <i>El Metodo Polarográfico de Analisis</i> ” (1952)	21
<b>Figura 6.</b> Lucía Tosi com sua sogra e os filhos Mário e André	22
<b>Figura 7.</b> Lucía Tosi se despedindo de Celso Furtado que sai para o exílio, Aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, 1964	24
<b>Figura 8.</b> Manchete do Jornal Opinião, 11 de Julho de 1975	31
<b>Figura 9.</b> O artigo “ <i>Woman’s scientific creativity</i> ”, publicado em <i>Impact of Science on Society</i> (1975), versão inglês e espanhol	33
<b>Figura 10.</b> O artigo “Criatividade Científica da Mulher”, publicado em Cadernos de Opinião (1975), com anotações feitas à mão por Lucía Tosi	33
<b>Figura 11.</b> Solicitação para contratação da Lucía Tosi na UFMG	35
<b>Figura 12.</b> Contrato da Lucía Tosi na UFMG assinado em maio de 1984	36
<b>Figura 13.</b> Lucía Tosi no 5º Colóquio de História da Ciência " A Ciência no Século das Luzes " Vinhedo, São Paulo, (1989)	37
<b>Figura 14.</b> Lucía Tosi em Belo Horizonte, na comemoração de seu aniversário de 80 anos, em 1997	38
<b>Figura 15.</b> Lucía Tosi sendo entrevistada pela 1ª turma de Jornalismo científico do Labjor, dentre presentes estão as professoras Germana Barata, Simone Pallone e Marta Kanashiro, 1999	39
<b>Figura 16.</b> Capa da revista NOSOTRAS - 1974	46
<b>Figura 17.</b> Lucía Tosi, 1987	48
<b>Figura 18.</b> Manifesto da Mulher brasileira em Favor da Anistia	56
<b>Figura 19.</b> Publicação na revista Visão (1975)	57
<b>Figura 20.</b> Capa da revista Partisans, 1970	59
<b>Figura 21.</b> Capa de <i>Nosotras</i> , edição de janeiro/fevereiro, 1975	64
<b>Figura 22.</b> Texto de Mariza Figueiredo na revista <i>Nosotras</i> , 1974	66
<b>Figura 23.</b> Manuscritos da Lucía Tosi sobre os estudos de Freud	75
<b>Figura 24.</b> Contraceptivo oral Enovid-10 nos Estados Unidos, 18 de agosto de 1960	77

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>ARTIGO 1</b>	<b>13</b>
<b>LUCÍA TOSI: QUÍMICA E FEMINISTA</b>	<b>13</b>
INTRODUÇÃO	13
O FABULOSO DESTINO DE LUCÍA TOSI	17
O LONGO AMANHECER: UMA HISTÓRIA ITINERANTE NA AMÉRICA LATINA	20
O ANO EM QUE SAÍMOS DE FÉRIAS	23
UMA HISTÓRIA DE “TANGUEDIA”	25
PARIS É UMA FESTA	31
UMA PIONEIRA NA CIÊNCIA NO BRASIL	34
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	40
<b>ARTIGO 2</b>	<b>45</b>
<b>LUCÍA TOSI: UMA VOZ FEMINISTA DENTRE NOSOTRAS NO EXÍLIO</b>	<b>45</b>
INTRODUÇÃO	45
MEMÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO EXÍLIO	49
QUEM SÃO “NOSOTRAS”?	54
POR UMA AGENDA FEMINISTA POLÍTICA E CIENTÍFICA NO BRASIL	61
CONTRIBUIÇÕES DE LUCÍA TOSI PARA O FEMINISMO LATINO-AMERICANO	63
DOS MITOS DA CIÊNCIA À FEMINILIDADE	69
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	78
<b>ARTIGO 3</b>	<b>82</b>
<b>“BRUXAS”, “SABICHONAS” OU “CRIPTODOMÉSTICAS”: UMA HISTÓRIA FEMINISTA DAS CIÊNCIAS POR LUCÍA TOSI</b>	<b>82</b>
INTRODUÇÃO	82
OS ESTUDOS DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL	85
CONTRIBUIÇÕES DE LUCÍA TOSI PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL	93
Dimensão Estrutural	93
Dimensão Epistemológica	97
Dimensão de análise dos discursos e das representações sobre mulheres nas ciências	99
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>108</b>



## INTRODUÇÃO

Desde que me aprofundei em pesquisar sobre a história de mulheres cientistas por volta de 2019, as páginas do livro “*Writing about lives in Science: (Auto)Biography, Gender, and Genre*”, de Govoni e Franceschi (2014) me proporcionaram alguns anseios, descobertas e indagações. Em um primeiro momento, elas contribuíram para o meu interesse sobre biografias de mulheres na ciência e, em seguida, para meus questionamentos sobre biografias feministas. Porém, foi um questionamento proposto por estas autoras que ficou marcado nas entrelinhas da minha memória: “até que ponto minha experiência pessoal, profissional e social, incluindo meu gênero – é importante na imagem que estou transmitindo da/o cientista sobre o qual estou escrevendo?”

Entendendo a importância de dizer quem sou eu, para explicar sobre quem falo, inicio essa tese com algumas incompletudes sobre o “eu” que constrói esse texto. Nas nuances de minha identidade, começo dizendo que não me recordo, nem possuo mera lembrança de quando me descobri enquanto “mulher” nesse mundo. Tudo isso sempre me foi apresentado como algo naturalizado, biologicamente e socialmente correto. Todavia, meu espírito serelepe, inquieto, falante e um tanto rebelde logo me mostraram como características que tanto me orgulhavam eram consideradas inadequadas a uma “mulher”. Nessa oposição de ser o que não se devia ser, mesmo sem nunca ter lido uma linha de Simone de Beauvoir<sup>1</sup>, eu me descobri como "outro" em uma sociedade que não me permitia ser nem sujeito, nem verbo, apenas objeto. Percebi que todos os meus esforços, por mais incríveis e brilhantes que fossem, sempre me colocariam no lugar do outro diante de um sistema patriarcal que me subjugava (BEAUVOIR, 2014).

Se perceber-me mulher é algo que me foge a memória, perceber-me enquanto “Professora de Ciências” foi algo bem marcado cronologicamente em minha vida. Sou filha de uma professora, daquelas que ama a educação e que nunca me negou incentivos à vida acadêmica. Um antigo professor dizia que quem é filha/o de professor/a as vezes nega essa profissão, mas lá no fundo tem uma faísca de imaginação, que vez ou outra aparece e diz “quando eu for professora eu vou...”. Comigo não foi diferente! Terminado o Ensino Médio, no auge dos meus 16 anos, do interior (Milagres-Bahia), da roça (povoado Lagoa Duas Irmãs)

---

<sup>1</sup> Simone de Beauvoir (1908 - 1986) , foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

e sem dinheiro no bolso, assim fui apresentada aos desafios “do que vou ser quando crescer?”. E aqui, preciso dizer, que as escolhas/oportunidades a mim apresentadas, começaram por um projeto político de interiorização da Universidade Pública iniciado no Governo Lula (2003-2006 e 2007-2010) e perpetuado no Governo Dilma Roussef (2011-2016). Uma Universidade Federal, no Recôncavo da Bahia e, por sorte minha, há cerca de 40 km da minha casa. O curso, Licenciatura em Química; o lugar, o Centro de Formação de Professores, campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na cidade de Amargosa-Bahia; o tempo 2014 à 2018, oito semestres que mudaram completamente minha perspectiva política, minhas posturas epistemológicas e ontológicas, mas que acima disso, me permitiram entender-me como professora de ciências.

Mas, e a carreira acadêmica em história e ensino de química? Onde entram nisso tudo? Primeiramente, venho de uma geração de mulheres, como pondera Collins (2022), regadas pelas histórias de vida, pela roda de conversa em torno do fogão a lenha, das histórias das sábias matriarcas, que dominavam as virtudes químicas das plantas em nome da fé na minha terra. Mas, para além desse viés menos aceito pela epistemologia tradicional, a história atrelada ao ensino de química entra em minha vida na graduação, no ano de 2017, na disciplina “História da Química”, ministrada pela Profa. Letícia Pereira.

De imediato, eu descobri ali a área que gostaria de seguir: Compreender a ciência em sua gênese como cultura e suas implicações para ensino (MATTHEUS, 1995; GRECA, FREIRE JR, 2004). Em 2019, ingressei no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia da Ciência, na Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Profa. Indianara Silva e da Profa. Letícia Pereira. No ano de 2021, pude novamente me entender como Mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências. E entendo que nesse momento iniciavam os meus primeiros passos para entender-me enquanto Historiadora das Ciências, já que naquele ensejo não me considerava digna desse título.

Recordo ainda das críticas sempre sinceras do professor Olival Freire Jr, ao falar, ainda na qualificação da minha dissertação, que meu texto estava bom e bem escrito, mas que eu havia pegado o caminho errado para iniciar a minha formação como historiadora, já que este era um ofício que se aprendia com a prática historiográfica. Dizia ele que “uma boa historiadora das ciências precisa escrever histórias” e eu tinha escolhido começar minha trajetória teorizando sobre como essas histórias deveriam ser escritas. Na minha cabeça, essa era a lógica a ser seguida, uma vez que, vinda de uma formação em química e em ensino de química permeada por visões de mundo estruturalistas e positivistas, sentia a necessidade de

entender o percurso metodológico, qual teoria usar para interpretar as fontes e onde elas seriam encontradas antes de começar a escrever uma história.

Eu defendi a minha dissertação com convicção, afinal se eu não acreditasse no meu trabalho, quem acreditaria? Aceitei críticas, adaptei, fiz mudanças, mas não seria eu se não tivesse um pouco de birra, se não batesse o pé para assegurar que era aquilo mesmo que eu queria. Eu tenho orgulho da minha dissertação e mais orgulho ainda de parte dela ter sido publicada nos *Cadernos Pagu*<sup>2</sup> sob o título “Contribuições para escrita de biografias de mulheres nas ciências a partir das experiências de Keller, Ferry e Goldsmith”, em 2022. Recordo que logo quando ingressei no mestrado, a professora Indianara Silva me enviou alguns artigos publicados nos *Cadernos Pagu* e, desde então, essa virou uma das minhas metas.

Minha teimosia rendeu bons frutos, mas com a maturidade e o distanciamento que tenho hoje, compreendo que o professor Olival Freire Jr. tinha uma certa razão. Não sei se tomei o caminho errado, mas sem dúvidas partir do caminho mais difícil. Apesar de continuar defendendo a solidez da minha pesquisa de mestrado e sua importância para a escrita sobre mulheres na ciência, teorizar sobre história me trouxe arcabouço teórico, mas é necessário muito mais do que isso para se tornar historiadora da ciência.

Foi quando conheci a personagem desta pesquisa, a Lucía Tosi. Em meados de 2019, eu havia acabado de ingressar no mestrado e minha costumeira ansiedade já criava possíveis temas de pesquisa para um futuro doutorado. Nesse período – diante do desconforto do apartamento que eu conseguia alugar com a bolsa de mestrado, a tantos anos sem reajuste por conta de governos fascistas e antidemocráticos – eu passava grande parte dos meus dias em uma pequena sala do Laboratório de História da Ciência (LAHCIC - UFBA), no Instituto de Física da UFBA. Lá estudava, escrevia e dialogava com muitos colegas. Em um desses dias, a Professora Letícia Pereira, por algum motivo estava presente, e falei para ela sobre meu desejo de escrever a biografia de uma mulher cientista no doutorado.

Eu já havia colaborado em uma escrita da professora Letícia sobre a história da Alice Ball, e desejava fazer algo semelhante. No entanto, haviam alguns obstáculos, enrustida de uma certa euforia contra-hegemônica (um pouco ingênua), eu não gostaria de escrever sobre uma inglesa ou norte-americana, pois ainda havia a barreira linguística. Apesar dos argumentos de que no doutorado daria tempo de aprender uma nova língua, eu já estava

---

<sup>2</sup> Os *Cadernos Pagu*, tem como objetivo contribuir para a ampliação e fortalecimento do campo interdisciplinar de estudos de gênero no Brasil e para o intercâmbio do conhecimento produzido em âmbito internacional.

desprendendo uma grande quantidade de dinheiro e energia para aprender inglês e não estava disposta a aprender outro idioma naquele momento.

Mas, e se eu escrevesse sobre uma brasileira? De início a ideia não me atraiu muito, pois eu sempre soube que a internacionalização era algo importante na carreira em história das ciências e, naquele momento, eu tinha a percepção de que ninguém da comunidade internacional iria se importar com a história de uma brasileira, da periferia do mundo, do eixo sul global... Junto à professora Leticia, recordamos de poucas, ou quase nenhuma química brasileira. Em uma rápida busca no *Google*, com o termo “mulheres na química brasileira” fui levada ao site do projeto *Pioneiras da Ciência no Brasil*<sup>3</sup> do CNPq. Dentre tantos nomes de mulheres fantásticas que apareciam, uma delas me chamou atenção, não pelo nome, e sim pela descrição “Lucía Tosi: Química e Feminista”. Não li mais nada a respeito, anotei o nome dela em uma página qualquer de um caderninho de capa amarela escrito “*Girl Power*” e mudamos de assunto.

No final de 2020 o mundo era outro, não tinha mais sala do LAHCIC, nem dias inteiros na UFBA, nem a bolsa de mestrado defasada. Eu havia retornado para a cidade de Milagres, no interior da Bahia, e tínhamos medo, insegurança e crises de ansiedade em meio ao período pandêmico. Carregávamos a esperança na ciência, mas tínhamos que lutar mais ainda por essa ciência. Apesar das minhas orientadoras serem extremamente sensíveis e jamais me exigirem esforços de pesquisa grandiosos num momento de crise, entendi que para sobreviver àquela crise eu precisava manter-me ocupada. Então, enquanto finalizava a escrita da minha dissertação, decidi que no ano seguinte concorreria na seleção de doutorado e, para isso, precisava de um tema de pesquisa.

A essa altura eu já tinha passado pela qualificação de mestrado e já havia recebido a provocação do professor Olival citada anteriormente, também havia sido provocada pela professora Margaret Lopes a olhar mais para as nossas produções e menos para as norte-americanas, afinal elas não tinham sido tão pioneiras assim ao tratar da relação entre gênero e ciência. Lembrei-me daquele caderninho amarelo escrito “*Girl power*” na frente, o qual anotava tudo que me parecia sugestivo e interessante e, ao folhear as páginas, estava lá no meio de uma página em branco “Lucía Tosi”.

E aqui, me perdoem o trecho um tanto hagiográfico, mas ERA ELA: Lucía Tosi. Foi então que descobri que, apesar de naturalizada Brasileira, ela nasceu na Argentina e tinha sido

---

<sup>3</sup>Disponível em:

<<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1/pioneiras-3a-edicao>> Acesso em 10 abr 2023.

uma das primeiras a estudar sobre gênero e ciência, ainda quando esse tema era pouco tratado pelas feministas norte-americanas. Vi que ela havia sido casada com um ilustre brasileiro, o economista Celso Furtado, que havia vivenciado o exílio por conta da ditadura militar e que havia morado em, aproximadamente, cinco países diferentes, tendo construído uma carreira sólida na França. Era ela, o que eu procurava em uma personagem: latina, contra-hegemônica, feminista, bem relacionada, internacional e sua história tinha um contexto científico, político e cultural que me instigava.

A partir desse dia, me dei conta da parte mais difícil e também prazerosa em formar-me historiadora da ciência, eu precisava descobrir tudo o que fosse possível sobre uma vida inteira. Em um primeiro momento fui consultar minhas orientadoras, saber se conheciam a Lucía, se achavam o tema pertinente. Com o aval delas, busquei outros professores, pois era possível que alguém do meu círculo de convivência a conhecesse. Ninguém a conhecia! Isso me gerou mais revolta e interesse pelo tema, afinal, seria ela uma mulher negligenciada pela história e pelas fontes oficiais?

Um dia redigi quatro e-mails. O primeiro deles endereçado à professora Heloísa Beraldo, autora do único artigo que eu havia localizado sobre a Lucía; o segundo à professora Hildete Pereira, autora do texto sobre a Lucía no projeto Pioneiras da Ciência no Brasil; e os dois últimos aos filhos da Lucía: André e Mário. Confesso que a todo momento temia estar sendo invasiva ou receber um e-mail negativo como resposta. Eu não estava pedindo autorização para escrever sobre ela, mas esse aval era importante para mim e eu precisava dessas pessoas para entender essa história. Eu recebi retorno de três dos e-mails enviados, exceto do Mário (que aparentemente não utilizava mais o endereço de e-mail a que enderecei o texto enviado) e todos eles demonstravam contentamento e disponibilidade para colaborar.

Já em 2021, com o projeto de tese escrito e aprovado, passei a dialogar com todas as pessoas que acreditava ter conhecido ou ouvido falar da Lucía Tosi, tais como membros da comunidade de história da ciência no Brasil, antigos colegas de trabalho e familiares. Li tudo que havia sido escrito dela e por ela. Também li e assisti tudo que encontrava sobre o Celso Furtado, afinal, se boa parte da vida eles foram casados e a biografia dele já havia sido revisitada inúmeras vezes, eu encontraria pistas sobre ela na sua história (e estava um pouco enganada, até as pistas eram escassas).

Entendi que o contexto era importante e me cobrei a conhecer a História do Brasil, da América-Latina e da França. Fiz cursos on-line, li livros de história, biografias, fiz disciplinas sobre o tema, mas também assisti filmes (isso ficará bem perceptível na minha escrita sobre a trajetória da Lucía), ouvi músicas, li romances e poesias ambientados nos diferentes contextos

que perpassam essa história, que explodiram minha mente e me fizeram entender sentimentos, nuances e emoções intrínsecas a essas trajetórias. Nesse processo, eu ri com a ousadia e a ambição de ser uma feminista e lutar por isso, mas eu também chorei com a misoginia, com o exílio e com o projeto antidemocrático que vigorava no Brasil naquele período.

Me dediquei a uma boa literatura secundária relacionada ao tema, lendo publicações sobre a Lucía Tosi; a família Tosi-Furtado (Celso Furtado, André Tosi Furtado, Mário Furtado); a História do Feminismo no Brasil na segunda metade do século XX; os estudos brasileiros sobre Gênero e Ciência; História das Ciências no Brasil; Ciência e Ditadura Militar; bem como, sobre as mulheres latino-americanas em Paris nos anos 1960 e 1970.

E nesse sentido, encontrei apenas três trabalhos que investigam a vida de Lucía Tosi, sendo que se configuram como trabalhos iniciais, em nível de homenagem, apresentando apenas algumas de suas produções. Melo (2014) é exatamente o verbete sobre ela no projeto Pioneiras no CNPQ, Baran (2017) é uma homenagem curta em espanhol para um evento da Universidade de Buenos Aires, Beraldo (2014) é o único dos três textos que explora de fato a trajetória de vida da Lucía, mas ainda assim limita-se a poucas páginas. Tive acesso ainda aos livros organizados pela Rosa Freire Aguiar com as correspondências e diários de Celso Furtado.

Quanto a literatura em história da ciência no Brasil, Motoyama (2004), Goldenberg (1986), e Filgueiras (2015), além de sequer citar a Lucía Tosi, também não falam da relação entre feminismo e ciência nas instituições científicas brasileiras. A literatura secundária que trata dos estudos de Gênero e Ciência no Brasil, como Lopes (2006), Leta (2014), e Lima e Costa (2016) também não abordam o nosso tema de pesquisa, apenas citando o pioneirismo da Lucía Tosi sem abordar sua história.

Me tornei uma “especialista” em sites de arquivos nacionais e internacionais. Brasil, Argentina, França... Arquivo nacional, *History of Science Institute*, Comissão da verdade, Zenith, Hemeroteca Digital Brasileira, Arquivos da Sorbonne... nos últimos 3 anos, eu passei muitas horas inserindo o nome da Lucía Tosi como termo de busca em todos os sites possíveis, mesmo naqueles em que não havia sentido fazê-lo. Eu presenciei a construção da sua página na Wikipédia, passo a passo, desde sua não-existência, até o avanço cada vez maior de suas informações.

Descobri que, na vida de uma quase historiadora das ciências, um recibo, uma informação quase sem sentido, uma fofoca científica, uma fotografia, um verbete de jornal e, no melhor dos casos, uma carta, serviam como uma injeção de endorfina. Confesso que eu

nunca tinha me sentido tão empolgada com algo assim antes e quem me conhece sabe que eu sou uma pessoa que se empolga fácil.

Fazer parte do projeto financiado pelo CNPq *História da ciência no Brasil no século XX (1945-2000)* foi tudo que eu precisava para seguir com minha pesquisa, não apenas porque muitos/as pesquisadores/as tinham projetos que dialogavam com o meu, mas também porque obtive o financiamento necessário para visitar alguns arquivos e consultar fontes.

Fiz contato e reserva a todos esses arquivos com antecedência, construí um plano de trabalho para ser aprovado pelo projeto e descobri, por meio de uma página no *instagram*, que eu deveria levar máscara e luvas para acessar os arquivos (parece absurdo, mas eu não sabia disso). E lá fui eu, sem nunca ter estado em um aeroporto, viajar sozinha para meu primeiro destino: a UFMG em Belo Horizonte. Em seguida, visitei arquivos na USP e UNESP, em São Paulo e UNICAMP, em Campinas. Consultei arquivos, fiz contatos, fotografei, fiz entrevistas, tive acesso ao acervo da Lucía em posse da sua família, mas também recebi algumas recusas e percebi como, ao se tratar de história de mulheres, as fontes se perdem com tanta facilidade. Para fins organizacionais, optei por classificar as fontes encontradas da seguinte maneira:

**Fontes acadêmicas** – Artigos publicados em autoria ou coautoria pela Lucía Tosi, em periódicos brasileiros ou internacionais, que tenham como temática central as relações de gênero e ciência. Acervos documentais, contendo contratos, cartas de indicação, planejamentos acadêmicos, dentre outros arquivos disponibilizados pela Universidade Federal de Minas Gerais.

**Fontes de ativismo político pessoal** - Arquivos da revista *Nosotras*, presente no acervo do Centro Informação Mulher (CIM). Artigos jornalísticos escritos pela Lucía Tosi e recortes de jornais consultados na Hemeroteca Digital Brasileira.

**Fontes Contextuais** - Seção Feminina do PCB (Partido Comunista Brasileiro) arquivados no CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP) que fazem parte da coleção do ASMOB (Archivio Storico del movimento operário brasileiro), possuindo arquivos sobre atividades de mulheres feministas em exílio na Europa. Periódicos produzidos no exílio (tais como *Unidade e Luta*, *Campanha*, *Frente Brasileño de Informaciones*, *Temas y Debates*, dentre outros). Documentação relacionada ao exílio de brasileiros nesse período presente no AEL (Fundo Elisabeth Souza Lobo – militante que foi membro do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris – e Fundo Gilberto Mathias – que foi exilado na França).

**Fontes indiretas** – Realizamos entrevista com o filho da Lucía Tosi, André Tosi Furtado; realizamos um diálogo virtual e presencial com os professores Carlos Alberto Filgueiras e Heloísa Beraldo que disponibilizaram fotos e informações; entrevistas produzidas

por Maira Abreu em 2010 com algumas ativistas do Grupo de Mulheres Latino-americanas em Paris; cartas e diários do Celso Furtado publicados por Rosa Freire Aguiar (2022).

**Fontes iconográficas** - Acervo da família; acervo do Labjor; acervo de Heloísa Beraldo; documentário sobre Celso Furtado (*Um longo amanhecer: uma cinebiografia de Celso Furtado*).

Por fim, passei muitas horas escrevendo e organizando cada uma das informações, fiz esquemas, diagramas, confrontei uma fonte com outra, a fim de me aproximar o máximo possível da trajetória de Lucía. Interpretei essas fontes com cuidado, atenção e, agora sim, utilizei muito das teorias historiográficas estudadas no mestrado (SANTANA, 2021). E foi assim que busquei respostas para a pergunta central desta pesquisa: quais as contribuições da cientista Lucía Tosi para o desenvolvimento dos estudos de Gênero e Ciência no Brasil? Desse questionamento, outros se ramificaram: o que podemos aprender sobre ciência e história da ciência, a partir de uma narrativa sobre a cientista Lucía Tosi? Quais desafios ela enfrentou e quais estratégias ela utilizou para obter sucesso na carreira científica? Quais situações e episódios da sua vida pessoal e profissional a influenciaram a escrever sobre ciência e feminismo? Quais consequências a experiência do exílio trouxe para a carreira de Lucía Tosi?

Utilizo para essa escrita uma perspectiva centrada em argumentos relacionados a escrita de biografias feministas de mulheres cientistas, especialmente como uma ferramenta para escapar de escritas anedóticas e hagiográficas (SANTANA, 2021). A biografia aparenta ser um gênero textual particularmente arriscado para tratar de mulheres na história das ciências, mas, ao mesmo tempo, positivo. Arriscado, pois o/a biógrafo/a se arrisca a colaborar com a formação de estereótipos destas mulheres, apresentando-as como heroínas que conseguiram sobreviver no cenário hostil das ciências por possuírem determinadas características, como traços de masculinidade, frieza e uma genialidade fora do normal (SANTANA, 2021; SANTANA; PEREIRA; SILVA, 2022). Todavia, o potencial da biografia está exatamente no oposto disto, ou seja, em poder mostrar essas mulheres como sujeitos comuns, que foram cientistas e que ocuparam um lugar na ciência apesar de toda negação à sua capacidade. Esse potencial pode ser dispositivo para incentivar outras mulheres a buscarem mais espaço na ciência.

A experiência de biografar uma mulher cientista guarda características que ultrapassam as discussões sobre a biografia na história das ciências. Afinal, se as relações de gênero são intrínsecas à própria ciência e à sua história e demarcam a vida de mulheres cientistas, elas provavelmente afetam também a forma como suas histórias de vida são



pensadas, escritas e lidas. Nesse sentido, biografada, biógrafo/a e leitores/as parecem se entrelaçar, colaborando para a difusão da imagem criada acerca da cientista (FOX KELLER, 2014).

E aqui, não tenho dúvida que, de algum modo, já tenho colaborado com uma imagem sobre quem foi e o que fez Lucía Tosi, seja em minha escrita, interpretações, palestras e conversas aleatórias sobre ela. Do mesmo modo, minha experiência tem mostrado que cada pessoa percebe a história que conto de maneira diferente, criando várias facetas de Lucía Tosi, ou, como afirma Freire Jr (2020) “uma imagem caleidoscópica da vida dessa cientista”.

O termo feminismo se relaciona à ideia e ao conceito de ser mulher, mas, para além disso, defendemos neste trabalho o feminismo como um movimento/posicionamento intrinsecamente político. Tendo em vista que as questões de gênero não permanecem fora do laboratório e desempenham um papel relevante na criação da ciência e de suas instituições, certamente elas também influem no trabalho do historiador ou historiadora.

Schiebinger (2001) apresentou bem a fundo essa discussão, de forma que, em termos políticos, não há como negar o papel do movimento feminista na ciência. A partir da aderência do feminismo à academia, não só a ciência, como também, a história, a epistemologia, a filosofia, a literatura, entre outros campos, passaram por avalanches de críticas e questionamentos. Isso não quer dizer que as feministas fizeram esses questionamentos simplesmente por serem mulheres ou que estavam propondo um jeito feminino de pensar essas diversas áreas. A raiz do problema, levantado pelo movimento feminista, era muito mais complexa e diz muito mais sobre a forma como as próprias áreas de pesquisas se desenvolveram, bem como foram aculturadas sob um padrão de masculinidade.

Posto isso, a ideia de Biografia Feminista foi proposta especialmente por críticas literárias, a exemplo de Virginia Woolf (BURNS, 1994). De acordo com Govoni (2014), Woolf mostrou a importância da escrita sobre mulheres e foi essa tradição que possibilitou uma nova linguagem eficiente, não apenas para contar história das vidas de mulheres, mas também de homens. Um ponto basilar das críticas feministas ao gênero biográfico é o entendimento das relações de gênero. Ousamos a dizer que o conceito de gênero é necessário não apenas para entender a ciência e a história uma mulher cientista, mas também uma ferramenta útil para escapar de escritas anedóticas e hagiográficas.

Ao sugerir gênero como uma categoria de análise histórica, pensa-se como as relações de gênero também impulsionaram as construções das vidas de diferentes sujeitos (TILLY, 1994). Ao se tratar de uma mulher cientista, alcançar o sucesso, ainda mais em séculos passados, poderia parecer um verdadeiro ato heroico. Assim, gênero além de ser uma

categoria na análise da história da ciência – ciência esta que, enquanto agência de poder, foi engendrada ao longo da história como um espaço destinado às masculinidades – é uma categoria importante para se pensar as histórias de vida dessas mulheres, as percebendo como agentes históricos, mostrando como as relações de gênero, enquanto relações de poder, perpassaram as vivências dessas mulheres cientistas.

A partir da organização e proposta de análise, o texto que se segue é dividido em três partes. Na primeira parte *Lucía Tosi: Química e Feminista* apresentamos um breve ensaio biográfico sobre a trajetória de Lucía Tosi em ordem cronológica e geográfica. Para isso, utilizamos gênero como uma categoria de análise, percebendo como diferentes níveis de relações de poder perpassam a história de vida da Lucía, fazendo-a despertar para as questões de gênero e ciência. Utilizamos alguns constructos teóricos da história da ciência como o Efeito Camille Claudel (LIMA, 2008) para refletir sobre sua história.

Na segunda parte, *Lucía Tosi: Uma Voz Feminista dentre Nosotras no Exílio*, buscamos investigar a relação entre a participação de Lucía Tosi em movimentos políticos durante o exílio em Paris, assim como, o seu trabalho de ativismo político e feminista na ciência brasileira e latino-americana. Partimos da hipótese de que os debates vivenciados por Lucía Tosi e suas “hermanas” no exílio em Paris, foram um propulsor para que ela se tornasse pioneira nos estudos de gênero e ciências no Brasil. Para isso, tomamos como principal fonte de pesquisa cerca de 20 edições do periódico *Nosotras*.

Na terceira parte *Bruxas, Sabichonas ou Criptodomésticas: Uma história Feminista da Ciência por Lucía Tosi*, buscamos analisar as publicações da cientista Lucía Tosi relacionadas aos estudos de gênero e ciências, compreendendo quais foram suas principais motivações de pesquisas e quais contribuições ela trouxe para a área. Para isso, utilizamos as três categorias descritas para os estudos de gênero e ciência por Lima e Souza (2011): a Estrutural, seria responsável por analisar a presença, a colocação e a visibilidade das mulheres nas instituições científicas; a Epistemológica, questiona os modos de produção do conhecimento a partir de uma crítica aos princípios norteadores do pensamento científico hegemônico; e a Análise dos discursos e das representações sobre mulheres na ciência, busca identificar metáforas de gênero como as que associam a mulher à Natureza e o homem à Razão, com repercussões importantes nos conteúdos de diversas disciplinas.

A história que se segue, não é ainda uma obra biográfica completa, mas é o início de um projeto com o qual encontro-me comprometida, em que busco analisar as contribuições da cientista Lucía Tosi para os estudos de gênero e ciência no Brasil. Não ousamos nesse primeiro momento escrever uma biografia complexa, crítica e rica em detalhes. Além da

corriqueira dificuldade em acessar fontes históricas sobre mulheres nas ciências, Lucía morou em inúmeros países e em pelo menos três continentes, acentuando ainda mais esse problema. Sendo assim, apesar de, em parte, detalhar aspectos cronológicos da vida da Lucía, nosso estudo se direciona muito mais em uma análise de suas publicações em diferentes meios.

## REFERÊNCIAS

- BARAN, E.J. Lucía Tosi: científica, historiadora de la ciencia y feminista (homenaje en el centenario de su nacimiento ya los diez años de su fallecimiento). *Anales Acad. Nac. de Cs. Ex., Fís. y Nat.*, **Tomo 69**, 2017.
- BERALDO, H.. Lucía Tosi: Cientista, Historiadora da Ciência e Feminista. **Revista Virtual de Química**, v. 6, n. 2, p. 551-570, 2014.
- BURNS, C.L. Re-dressing feminist identities: tensions between essential and constructed selves in Virginia Woolf's Orlando. *Twentieth century literature*, v. 40, n. 3, p. 342-364, 1994.
- COLLINS, P. H.. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. routledge, 2022.
- FILGUEIRAS, C. A. **Origens da química no Brasil**. Editora Unicamp, 2015.
- FOX KELLER, E.. Pot-holes Everywhere: How (not) to Read my Biography of Barbara McClintock. IN: GOVONI, P.; FRANCESCHI, Z. A.. **Writing about lives in science. (Auto) Biography, gender, and genre**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.
- FURTADO, C.. **Correspondência intelectual: 1949-2004**. Companhia das Letras, 2021.
- FURTADO, C.. **Diários intermitentes**. Companhia das Letras, 2021.
- GOLDEMBERG, J.. Análise crítica da história da ciência no Brasil. **Revista da Universidade de São Paulo**, n. 2, p. 29-58, 1986.
- GOVONI, P.; FRANCESCHI, Z. A.. **Writing about lives in science. (Auto) Biography, gender, and genre**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.
- GRECA, I. M.; FREIRE JR, O.. A " crítica forte" da ciência e implicações para a educação em ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 10, p. 343-361, 2004.
- LETA, J.. Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior?. **Revista feminismos**, v. 2, n. 3, 2014.
- LIMA E SOUZA, A. M. F. Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. **Gênero, Mulheres e Feminismos**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011.
- LIMA, B. S.. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, v. 12, n. 1, 2011.
- LIMA, B. S.; COSTA, M. C. Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios. **Cadernos Pagu**, n. 48, 2016.

LOPES, M. M. et al. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. **Cadernos Pagu**, v. 27, 2006.

MARTINS, L. A. P. História da ciência: objetos, métodos e problemas. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 02, p. 305-317, 2005.

MATTHEWS, M. S. História, filosofia e ensino de ciências: a tendência atual de reaproximação. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 12, n. 3, p. 164-214, 1995.

MELO, H. **Lucía Tosi. Pioneiras da Ciência no Brasil**. 3ªed, CNPq, Brasília, 2014.

Disponível em:

<[http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_a6MO/10157/1690513](http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1690513)> acesso em 02 mai 2023.

MOTOYAMA, S.. **Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil**. Edusp, 2004.

SANTANA, C. Q.. **Gênero, ciência e história: reflexões para a escrita de história de mulheres nas ciências**. Dissertação (Mestrado em Ensino, História e Filosofia da Ciência) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2021.

SANTANA, C.; PEREIRA, L.; SILVA, I.. Contribuições para escrita de biografias de mulheres nas ciências a partir das experiências de Keller, Ferry e Goldsmith. **Cadernos Pagu**, 2022.

SCHIEBINGER, L.. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 269-281, 2008.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1994.

## ARTIGO 1

### LUCÍA TOSI: QUÍMICA E FEMINISTA

*“[...]Jo que mais contava para mim era a convicção de ter sido feminista desde meus anos de estudante, e a certeza de não ter podido, mas também de não ter sabido exprimir minhas ideias. Falta de coragem? Não creio, sempre que tinha ocasião de falar o fazia com convicção. Acredito que era só falta de oportunidade.”*

*Lucía Tosi*

#### INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, os estudos sobre Gênero e Ciência popularizaram-se rapidamente pelo ocidente, tornando-se uma relevante área de estudo relacionada à História das Ciências (FOX KELLER, 1978; SCHIEBINGER, 1997). Centrando-se na demarcação de gênero, a ciência começou a ser cobrada por respostas e posicionamentos, já que as categorias gênero e sexo estavam fortemente ligadas aos estudos das ciências biológicas (LOPES, 2006; FOX KELLER, 2006). Inúmeras críticas começaram a surgir questionando a objetividade e o caráter de neutralidade que permeavam uma ciência pautada em ideais de masculinidade (SCHIEBINGER, 1997; HARAWAY, 1989; FOX KELLER, 2014).

Logo, a ciência foi vista como participante no processo de dominação e opressão de gênero na sociedade, ao sustentar discursos que negavam qualquer possibilidade de se fazer ciência às mulheres, defendendo que estas jamais alcançariam a objetividade necessária e apresentando-as como meras coadjuvantes na história da humanidade (SCHIEBINGER, 1989, 1993, 1999, 1997; HARAWAY, 1989); e ao objetificar as mulheres, limitando-as a objetos de estudo da biologia, da medicina, na antropologia, da história e da arqueologia (KOHLSTEDT; LONGINO, 1997; HARDING, 1986; KOHLSTEDT, 1995; CITELI, 2000; LOPES, 1998, 2006; LOPES; COSTA, 2005; LIMA; COSTA, 2016; MAIA FILHO; SILVA, 2019). Assim, notamos como a categoria de gênero se configura como um instrumento de analisar a própria ciência e o objeto dessa ciência (FOX KELLER, 2014; SANTANA; PEREIRA; SILVA, 2022).

Mesmo que muitas das críticas feministas às ciências tenham se destacado a partir do eixo norte do planeta, pesquisadoras/es dos países da América Latina, incluindo o Brasil demonstraram interesse pelas pesquisas da área desde a década de 1970. No entanto, os

percursos de formação das/os representantes da área de Gênero e Ciência nessa região foram pouco explorados até o momento, destacando-se alguns trabalhos como, Lopes (1998), Minella (2013), Lima e Costa (2016), sendo que apenas o primeiro foca em aspectos históricos, enquanto os dois últimos possuem caráter revisionista. Assim sendo, neste texto nos debruçamos sobre a história de vida da cientista argentina naturalizada brasileira Lucía Tosi. Além de contribuições para a química e para a história da ciência, Lucía desempenhou um papel pioneiro ao traçar críticas feministas à ciência.

As contribuições da Lucía Tosi para a ciência têm sido ofuscadas pela historiografia tradicional e, principalmente, pelas fontes historiográficas oficiais, que comumente negligenciam o legado das mulheres nas ciências e tecnologia (SCHIEBINGER, 1987; KOHLSTEDT; LONGINO, 1997; CITELI, 2000; LOPES, 2008; COSTA, 2005; LOPES, 2006; ROSSITER, 1997). Tais silenciamentos contribuem para disseminar “a falsa mitologia da ciência como um terreno quase exclusivamente masculino” (ORESQUES, 1996, p. 87). Foram encontrados apenas três trabalhos que investigam a vida de Lucía Tosi (BERALDO, 2014; MELO, 2014; BARAN, 2017), sendo que se configuram como trabalhos iniciais, em nível de homenagem, apresentando apenas algumas de suas produções.

Quanto a literatura em história da ciência no Brasil, Motoyama (2004), Goldenberg (1986), e Filgueiras (2015), além de sequer citar a Lucía Tosi, também não falam da relação entre feminismo e ciência nas instituições científicas brasileiras. A literatura secundária que trata dos estudos de Gênero e Ciência no Brasil, como Lopes (1998), Lima e Souza (2014), Leta (2014), e Lima e Costa (2016) também não abordam o nosso tema de pesquisa, apenas citando o pioneirismo da Lucía Tosi sem abordar a sua história.

Este artigo busca dar visibilidade às mulheres cientistas através de suas histórias, inserindo-se, assim, na área gênero e ciência dentro da componente história das mulheres nas ciências. Conforme Rossiter (1983, p. 15), “o lugar subordinado historicamente às mulheres na ciência (e, assim, a sua invisibilidade para até mesmo historiadores experientes da ciência) não foi uma coincidência e não foi devido a qualquer falta de mérito por parte delas”. Dentre tantos elementos para essa amnésia voluntária, ao investigar o percurso profissional de mulheres na física, Lima (2008) propôs a metáfora do *labirinto de cristal* para ilustrar o difícil percurso enfrentado por estas mulheres, retratando as idas, vindas, paradas, retomadas e reestruturações na carreira dessas pesquisadoras.

De acordo com a autora, as barreiras impostas às mulheres, internas ou externas, não se referem apenas às dificuldades de avançar na carreira, mas às dificuldades de ser mulher e, simultaneamente, transitar no mundo das ciências. Não se trata, portanto, apenas de ascender

na carreira científica, mas de atuar neste meio. O *labirinto de cristal* destaca barreiras, a todo momento, encontradas pelas cientistas desde a entrada neste mundo. Barreiras estas que são quase invisíveis por não serem barreiras formais, mas nem por isso menos concretas e contundentes (LIMA, 2008).

Uma dessas barreiras quase imperceptíveis encontra-se nas relações afetivas, geralmente institucionalizadas pelo casamento. Partindo do trabalho de Cancian (1986) sobre a feminilização do amor romântico, Lima (2008) introduz o Efeito Camille Claudel, conceito que caracteriza situações nas quais mulheres encontram na manutenção do casamento ou, das relações afetivas de modo geral, um obstáculo ao seu desenvolvimento profissional. A autora aponta três diferentes manifestações do efeito Camille Claudel: 1- a ideia de carreiras encaixadas, isto é, a reconfiguração da atividade profissional da mulher, a fim de manter um relacionamento ou atender às demandas do parceiro; 2- a relação de concorrência entre o casal, especialmente em casos nos quais as mulheres atuam no mesmo campo profissional dos seus companheiros; e 3- o ofuscamento do trabalho feminino em função do seu gênero, isto é, quando o homem recebe o crédito pelo trabalho de sua companheira em casos de casais que atuam na mesma área (LIMA, 2008).

A trajetória de Lucía Tosi pode ser interpretada como um exemplo da história da ciência que corporifica tanto os obstáculos invisíveis do labirinto de cristal quanto o Efeito Camille Claudel. Ela se tornou doutora em química na Argentina em 1942, um período em que as mulheres tinham poucas oportunidades de avanços acadêmicos, construindo uma carreira consolidada. Contudo, tal consolidação de sua carreira aconteceu de certo modo tardiamente, em decorrência da vivência de dupla jornada de trabalho, da dinâmica dos papéis sociais e da necessidade de constante reconfiguração profissional para manter o seu relacionamento com o economista brasileiro Celso Furtado. Lucía estabeleceu-se como pesquisadora, apenas duas décadas após obter a titulação de Doutora, quando adquiriu uma residência fixa na França e seus filhos já se encontravam crescidos. Antes disso, trocava quase que anualmente de estágio em diferentes instituições (por vezes sem receber bolsa ou remuneração para isso).

Percebemos que, ao refletir sobre a vida da cientista Lucía Tosi, somos remetidas/os ao gênero biográfico e sua relação ao contar histórias de vida. Esse tipo de escrita foi bastante criticado pela história das ciências, por vezes sendo acusado de ser menos científico do que outros gêneros textuais (KRAGH, 2015; FREIRE, JR, 2020), e ainda caracterizado como um jeito feminino de se escrever sobre história (GOVONI, 2000). Contudo, a biografia tornou-se uma forma comum de popularizar a ciência (FREIRE, JR, 2020). Muitas foram as biografias

produzidas sobre mulheres cientistas, como relata Govoni (2014), mas a experiência de biografar uma mulher cientista resguarda características que ultrapassam as discussões já frequentes sobre a biografia na história das ciências. Afinal, se as relações de gênero são intrínsecas à própria ciência, como também da sua história e demarcam a vida de mulheres cientistas, elas provavelmente afetam também a forma como suas histórias de vida são pensadas, escritas e lidas (FOX KELLER, 2014).

Compactuamos com os argumentos apresentados por Tilly (1994) para se pensar gênero enquanto categoria, ultrapassando a simples demarcação dos sexos e passando a perceber a ciência como constituída por relações de poder, sendo imprescindível perceber como as relações de gênero adentraram a ciência em seu movimento histórico e material. Para isso, no intuito de não recorrer a uma imagem romantizada, anedótica e hagiográfica da Lucía Tosi, buscamos analisar as fontes de modo a construir uma narrativa biográfica utilizando gênero como uma categoria de análise histórica.

Ousamos dizer que o conceito de gênero é necessário não só para entender a ciência e a história de determinada mulher cientista, mas que é inclusive uma ferramenta útil para escapar de escritas anedóticas e hagiográficas (SANTANA; PEREIRA; SILVA, 2022). No caso da história de vida de uma mulher, isso permite inclusive perceber como as relações de gênero afetaram a vida da cientista sem recorrer a incoerências anacrônicas. Pensamos também que gênero não deve ser uma categoria única e totalizadora na escrita de histórias das mulheres nas ciências. Concordamos com Saffioti (1991), ao defender a necessidade de pensar gênero em conjunto com outras categorias, como classe e raça, visto que gênero não é a única forma de relação de poder utilizada historicamente para aculturar a ciência.

Portanto, neste ensaio biográfico procuramos analisar a trajetória de vida da cientista Lucía Tosi sob uma perspectiva de gênero, evidenciando: 1. suas principais contribuições para as ciências; 2. como as relações afetivas e os papéis sociais designados às mulheres impactaram na sua carreira; 3. a importância do feminismo para uma tomada de consciência sobre as disparidades de gênero na academia; 4. as estratégias encontradas por ela para alcançar um status de sucesso num cenário historicamente misógino como a ciência. Para isso, tomamos como fonte de pesquisa o arquivo pessoal da cientista em posse da família Tosi; arquivo sobre Lucía Tosi disponível na UFMG; entrevista realizada com seu filho André Tosi Furtado; e informações disponibilizadas pelos professores Carlos Alberto Filgueiras e Heloísa Beraldo que conviveram com a Lucía. Além disso, nos apoiamos na literatura secundária.



Ainda que biografias sejam um tipo de escrita da História, tal gênero também se aproxima das Artes, em especial, da Literatura. Sendo assim, inspirado nas Artes, as seções deste ensaio estão divididas da seguinte forma: Em *O Fabuloso Destino de Lucía Tosi* - em referência ao romance francês de Jean-Pierre Jeunet (2001) ,“O Fabuloso Destino de Amélie Poulain”, narramos o início da carreira de Lucía Tosi e como sua ida para a França muda por completo seu destino. Em *O longo amanhecer: uma história itinerante pela América Latina*, apresentamos o período quando, já casada com Celso Furtado, autor do livro “O Longo Amanhecer”, Lucía se muda para vários países da América Latina. Nesse período, intensificam-se os desafios atrelados aos papéis de gênero em sua vida. Na seção *O ano em que saímos de férias*, em referência ao filme brasileiro de Cao Hamburger (2006), “O ano em que meus pais saíram de férias”, analisamos os desafios enfrentados pela família Tosi-Furtado diante da necessidade de se exilar nos Estados Unidos após o golpe militar de 1964. Na seção *Uma história de "Tanguedia"*, em alusão ao filme “Tangos: o exílio de Gardel” de Fernando Solanas (1985), discutimos a experiência de Lucía Tosi como exilada na França.<sup>4</sup>; Na seção *Paris é uma Festa*, aludimos ao livro homônimo de Ernest Hemingway (1964), no qual o autor apresenta Paris como uma cidade de grandes aventuras, apesar do drama do exílio. É nessa cidade que Lucía, ainda enquanto exilada, constrói uma carreira consolidada na química, e passa a entender-se como feminista. Por fim, em *Uma pioneira na ciência no Brasil*, discutimos como Lucía torna-se uma pioneira dos estudos de gênero e ciência no Brasil após seu retorno ao país.

## O FABULOSO DESTINO DE LUCÍA TOSI

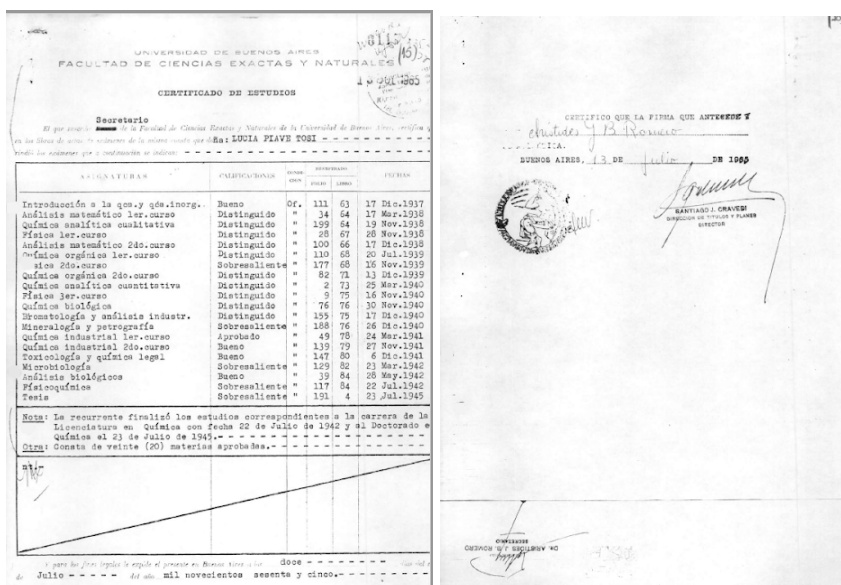
Lucía Piave Tosi, nasceu em 20 de dezembro de 1917, na cidade de Buenos Aires. Filha de Luís Tosi e Eurosia Briarava, se torna cientista na América-Latina em um período em que o acesso à educação superior para mulheres era um grande desafio, a segunda metade do século XX. Em 1937, aos 20 anos, Lucía ingressa no curso de Licenciatura em Química, na Universidade Nacional de Buenos Aires, concluindo o curso no dia 22 de julho de 1942. Devido ao seu bom desempenho no curso, ganhando certificado de “*distinguido*” (Figura 1) em quase todas as disciplinas cursadas, Lucía ingressa na carreira docente nesta mesma universidade como professora assistente na Faculdade de Ciência. Lucía obteve o título de

---

<sup>4</sup> A expressão Tanguedia representa a junção das palavras “Tango”, “Tragédia” e “Comédia”, e é utilizada por Solanas para caracterizar as experiências exilares de um grupo de latinos na França.

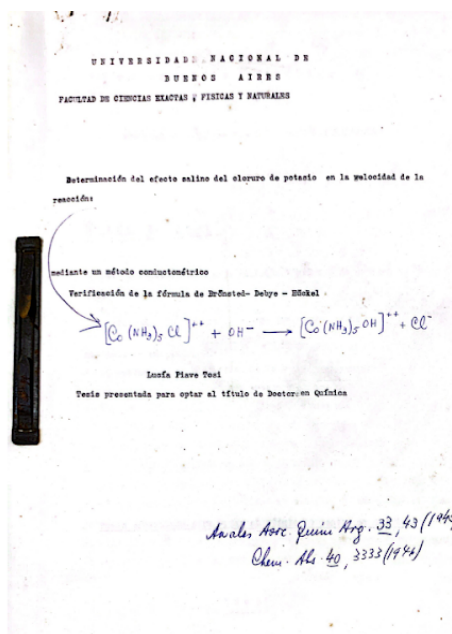
Doutora em Química, com certificado de “sobresaliente”<sup>5</sup> com a tese "Determinação do efeito salino do cloreto de potássio na velocidade da reação  $[\text{Co}(\text{NH}_3)_5\text{Cl}]^{++} + \text{OH}^- \rightarrow [\text{Co}(\text{NH}_3)_5\text{OH}]^{++} + \text{Cl}^-$ , por um método condumétrico: verificação da fórmula de Brönsted-Debye-Hückel" (Figura 2).

Figura 1. Certificado de Estudo de Lucía Tosi.



Fonte: Acervo da UFMG

Figura 2. Tese de doutorado de Lucía Tosi.



Fonte. Acervo da família

<sup>5</sup> Tradução para o português “Fora do comum”

No período que Lucía Tosi realizou seus estudos na Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA), o ambiente acadêmico da Argentina vinha se modificando a fim de receber mais mulheres. A UBA foi um exemplo de resistência ao ingresso das mulheres, sendo que, dentre as mulheres que ingressaram na universidade nas primeiras décadas do século XX, poucas exerceram de fato a sua profissão ao se formarem. Algumas egressas passaram a atuar como professoras do ensino secundário e, muitas delas, só tiveram a publicação de sua tese como registro de profissão acadêmica. Além disso, nos congressos científicos realizados no período, apenas 2% das comunicações (ou trabalhos) foram apresentados por mulheres e há indícios de que, na época, revistas acadêmicas, especialmente de ciências médicas, tinham o hábito de recusar publicações de mulheres (ZARRANZ, 1992). Portanto, estes dados nos dão uma ideia do cenário acadêmico desafiador que Lucía Tosi enfrentou ao buscar seguir com sua carreira acadêmica na Argentina.

Lucía se casou em 1939 com o professor Heberto Alfonso Puente, que era então professor titular de química na Universidade Nacional de Buenos Aires. Desse relacionamento, nasce seu primeiro filho, Juan Cristobal Puente (1946-) (figura 3). Por seu desempenho acadêmico, Lucía recebe uma bolsa de estudos do governo francês para estagiar no Laboratório de Eletroquímica da Universidade de Paris, entre 1947 e 1948. A mudança para a França alterou a sua vida familiar e ela se separou do marido.

**Figura 3.** Lucía Tosi e seu filho Juan Cristobal Puente.



Fonte. Beraldo, 2013.

Em Paris, Lucía se envolveu com o economista brasileiro Celso Furtado que realizava seu doutorado na França (figura 4). Tal relacionamento modificou completamente a vida de

Lucía Tosi, que se muda para o Brasil ainda em 1948, iniciando um estágio no Laboratório de Química do Departamento de Produção Mineral, no Rio de Janeiro. Por causa desse relacionamento, Lucía passa a ter uma vida itinerante, circulando por inúmeras cidades e países, devido aos ambiciosos planos do seu ilustre companheiro, como discutiremos a seguir.

**Figura 4.** Lucía Tosi e Celso Furtado



Fonte. Beraldo, 2013.

## O LONGO AMANHECER: UMA HISTÓRIA ITINERANTE NA AMÉRICA LATINA

Lucía Tosi veio para o Brasil acompanhando Celso Furtado. Celso reassumiu o emprego no Departamento do Serviço Público, como chefe da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento. O general Edmundo de Macedo Soares, governador do Rio de Janeiro, o convidou para ser seu assessor econômico. Contudo, Celso preferiu aceitar a proposta da Fundação Getúlio Vargas para trabalhar na revista *Conjuntura Econômica*. Foi lá que ele soube que as Nações Unidas estavam criando a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal)<sup>6</sup> em Santiago do Chile, e buscavam formar um quadro de economistas. Celso candidatou-se para compor esta equipe e, em fevereiro de 1949, apenas seis meses após o seu retorno da Europa, ele e Lucía se mudavam para o Chile (FURTADO, 2021).

Em Santiago, Lucía Tosi foi professora visitante da Faculdade de Química e Farmácia da Universidade do Chile, entre 1949 e 1953. Em 1949, nasceu o primeiro filho do casal,

---

<sup>6</sup> A Cepal foi criada no pós-guerra para estimular a cooperação entre países da América Latina e, com um corpo técnico de excelência, ajudá-los a enfrentar os problemas do subdesenvolvimento. Sob a liderança do argentino Raúl Prebisch, então o único economista latino-americano de renome internacional, constituiu a primeira escola de pensamento econômico do continente. As teses ali elaboradas pelos estruturalistas sobre o desenvolvimento, a industrialização, o conceito de centro periferia, propagaram-se rapidamente e tiveram decisiva influência nas políticas de muitos governos latino-americanos, com a do Brasil (AGUIAR, 2022).

Mario Tosi Furtado. Durante todo esse trâmite de mudanças entre Europa, Brasil e Chile, talvez Lucía já estivesse grávida. Em 1952, ela publica o livro *El Metodo Polarográfico de Analisis* (figura 5).

**Figura 5.** O livro “El Metodo Polarográfico de Analisis” (1952).



Fonte. Beraldo (2013)

Em 1950, quando o economista argentino Raúl Presbisch assumiu a secretaria-executiva da Cepal, Celso Furtado foi nomeado Diretor da Divisão de Desenvolvimento e até 1957 cumpriu missões em diversos países do continente, como Argentina, México, Venezuela, Equador, Peru e Costa Rica (FURTADO, 2021). Nessa época, Lucía o acompanhou em muitas dessas missões, dentre as quais destaca-se uma missão no México, em que, segundo entrevista de André Tosi Furtado (2022), o casal realizou uma cerimônia matrimonial. Vale destacar que Lucía ainda era legalmente casada na Argentina, já que o divórcio só foi aprovado neste país em 1987. Portanto, ela e Celso Furtado nunca foram legalmente casados. André Tosi Furtado (2022) relata ainda possíveis preconceitos vivenciados pelo casal mediante a essa situação, visto que ambos vinham de famílias com costumes tradicionais, especialmente a família Furtado, aculturada sob a ótica conservadora paraibana do início do século XX.

Em 1954, já de volta ao Brasil, nasce o segundo filho do casal, André Tosi Furtado (figura 6). Lucía passa a atuar como pesquisadora do Instituto Nacional de Tecnologia no Rio de Janeiro. O Retorno da Família ao Brasil se dá mais uma vez em decorrência dos compromissos de Celso Furtado com a Cepal, passando presidir no Rio de Janeiro o Grupo

Misto Cepal-BNDE, responsável por elaborar um estudo sobre a economia brasileira, com ênfase especial nas técnicas de planejamento<sup>7</sup>. André Tosi Furtado (2022) relata que durante esse período, Lucía Tosi se muda com os filhos para a Argentina por um breve período.

**Figura 6.** Lucía Tosi com sua sogra e os filhos Mário e André.



Fonte. Beraldo, 2013.

A fim de restabelecer o laço matrimonial, Lucía visita Celso Furtado, na Cidade do México, em 1956, onde estava em missão para Cepal. Os dois filhos do casal vão em seguida. Mário, de apenas 7 anos viaja pela primeira vez sozinho de avião e André, com pouco mais de 1 ano, viaja sob os cuidados de Osvaldo Sunkel (1929-) que também atuava na Cepal. Em seguida, Celso Furtado é convidado para passar o ano letivo de 1957-58 no *King's College* da Universidade de Cambridge-Inglaterra, a convite do professor Nicholas Kaldor (1908-1986). Lucía, nesse período, realizou estágio na Universidade de Cambridge.

De volta ao Brasil, Lucía se liga a Universidade de Pernambuco, uma vez que Celso, após desligar-se definitivamente da Cepal, assumiu uma diretoria do BNDE e elaborou para o Governo Federal o estudo "Uma política de desenvolvimento para o Nordeste", origem da criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), fundada em 1959, no Recife. Nesse período, mais uma vez exercendo a função de estagiária.

Lucía se muda para o Rio de Janeiro, atuando como estagiária no Conselho Nacional de Pesquisas no Instituto Nacional de Tecnologia entre 1960 e 1962 e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Nesse período, ela desenvolve importantes pesquisas utilizando

---

<sup>7</sup> O relatório do Grupo Misto, editado em 1955, será a base do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek.

espectroscopia infravermelho e espectroscopia Raman em parceria com o cientista Jacques Danon (1924 - 1989). Eles publicaram os trabalhos “*Infrared Spectral Evidence of  $\pi$ -Bonding in the  $Fe(CN)_5NO^{2-}$  Ion*” e “*Spectre infrarouge du  $Na_2Fe(CN)_5 NO \cdot 2H_2O$  irradié par électrons*”, sendo o primeiro publicado na revista da *American Chemical Society* em 1964 e o segundo nos Relatórios Semanais das Reuniões da Academia de Ciências de Paris, 1966.

Esse período é um dos mais desafiadores para Lucía no que se refere às implicações de seu gênero. Sua carreira se encaixa à de Celso Furtado, evidenciando os aspectos do *Efeito Camille Claudel*. A maternidade passa a exigir que ela se desdobre para seguir com uma dupla jornada e atender aos papéis sociais atribuídos às mulheres e em parte, também escolhidos por ela. Ao passo que a vida itinerante pela América Latina paralisou a possibilidade de alcançar estabilidade por mais de uma década, ela buscou como estratégia manter-se ativa e vinculada de algum modo às instituições científicas por todos os países que esteve, o que impediu que Lucía não se afastasse por completo da ciência e construísse um currículo extenso, mesmo não sendo devidamente remunerada e reconhecida por estas instituições.

## O ANO EM QUE SAÍMOS DE FÉRIAS

O presidente João Goulart (1919-1976) estava em sua residência oficial no Rio de Janeiro no primeiro andar do Palácio Laranjeiras. Naquela noite de segunda-feira, 30 de março de 1964, deveria discursar para um auditório de suboficiais e sargentos das Forças Armadas reunidos no salão do Automóvel Clube, na Cinelândia. Com ele, estavam o deputado Tancredo Neves (1910-1985) e o ministro da justiça Abelardo Jurema (1914-1999), que tentavam convencê-lo de que sua presença nessa reunião jogaria lenha na crise militar que o país atravessava (GASPARI, 2014)

Gaspari (2014) afirma que nesta noite o exército brasileiro dormiu janguista e acordou golpista. Ainda naquela noite, passava um pouco das 22 horas, já havia chegado na Casa Branca um telegrama do consulado americano em São Paulo com o seguinte informe: “Duas fontes ativas do movimento contra Goulart dizem que o golpe contra o governo do Brasil deverá vir nas próximas 48 horas”. Nesse momento, Jango (apelido de João Goulart) ainda discursava no Automóvel Clube (GASPARI, 2014).

Nas 48 horas que se seguiram, construiu-se “envergonhadamente” o novo cenário político brasileiro (GASPARI, 2014). Uma manobra que contou com a fragilidade de Jango no poder, com o conservadorismo paulista – que poucos dias antes havia reunido cerca de 200

mil pessoas na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, lançando bordões como “Vermelho bom, só batom” – e com a forte ascensão militar, apoiados por uma estratégia anticomunista norte-americana.

Em uma das primeiras medidas do governo antidemocrático, o Ato Institucional Número Um (AI-1) foi assinado em 9 de abril de 1964 pela junta militar, autodenominada Comando Supremo da Revolução, composta pelo general do exército Artur da Costa e Silva (1899-1969), tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (1903-1971) e vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald (1905-1985), que também eram ministros de Ranieri Mazzilli (1910 -1975) e que exerciam o poder durante o segundo período de Ranieri na presidência. O Ato foi redigido por Francisco Campos (1891-1968). Seu objetivo era afastar qualquer forma de oposição e legitimar o regime.

Ficaram suspensos por dez anos os direitos políticos de todos os cidadãos vistos como opositores ao regime, dentre eles congressistas, militares e governadores. Neste período, surgia a ameaça de cassações, prisões, enquadramento como subversivos e eventual expulsão do país. O nome de Celso Furtado apareceu na primeira lista de políticos cassados. Em meados de abril de 1964, ele foi para Santiago do Chile, a convite do Instituto Latino-Americano para Estudos de Desenvolvimento (Ildes), ligado à Cepal. Lucía e os filhos, não saem do país de imediato (figura 7).

**Figura 7.** Lucía Tosi se despedindo de Celso Furtado que sai para o exílio, Aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, 1964.



Fonte: Documentário “O longo amanhecer: uma cinebiografia de Celso Furtado”.



Celso Furtado recebe inúmeros convites para se exilar nos Estados Unidos. Em uma carta endereçada a ele em 26 de maio de 1964, Albert Hirschman afirma o seguinte: “Nas últimas semanas, tirei uma pequena dose de satisfação ao funcionar como uma espécie de centro de informação sobre você, pois amigos de Stanford, Harvard, para não falar Columbia, solicitaram minha ajuda ao preparar ofertas as quais você foi coberto”. Apesar das ofertas, no dia 8 de maio de 1964, Celso Furtado já havia endereçado uma carta a Charles Wagley recusando o convite da Columbia, afirmando:

Estou seriamente interessado em dedicar-me à atividade universitária. Não por um ou dois anos, mas por um período mais dilatado. Contudo parece-me que nesta primeira fase será conveniente que eu vá para algum lugar mais tranquilo que Nova York [...] considero que a melhor solução para o meu caso de convalescença será um estágio inicial em Yale, onde se está ao abrigo das fortes correntes de ar que passam aí nessa cosmópolis [...] (FURTADO, 1964)

Em setembro do mesmo ano, ele mudou-se para New Haven, nos Estados Unidos, assumindo o cargo de pesquisador graduado do Instituto de Estudos do Desenvolvimento da Universidade de Yale. Após se estabelecer e encontrar uma residência adequada, em 1965, Lucía, André e Mário se mudam para New Haven. Lucía inicia um estágio pós-doutoral no *Sterling Chemistry Laboratory* da Universidade de Yale. A família levava uma vida confortável em New Haven, viviam em uma casa grande em um bairro muito bem localizado que havia sido disponibilizada a eles por algum professor universitário. A família passou um ano de férias em New Haven e, após perceberem a consolidação do Golpe no Brasil, mudam-se para a França.

## UMA HISTÓRIA DE “TANGUEDIA”

Há uma suposição de que tenha sido o próprio Charles de Gaulle, então presidente da França, responsável por convidar Celso Furtado para ser professor na Sorbonne, após ter visto um artigo contando sua história no jornal *Le Monde*. Diante disso, a família se muda e Celso, à convite da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris, assume a cátedra de professor de Desenvolvimento Econômico, em 1966. Desse período, André Tosi Furtado (2022)<sup>8</sup> destaca um certo fascínio de seus pais pela França:

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida à autora no dia 09 de setembro de 2022 na UNICAMP.

Vou te dizer que meus pais tinham um fascínio pela França, porque foi lá que eles se encontraram, então para eles era o topo da existência...e meu pai admirava o De Gaulle, o cara era independente do poderio americano, tinha uma postura mais autônoma, tudo isso fascinava meus pais, a questão intelectual e científica, tinha o Sartre, meus pais conheciam o Sartre. Eles tinham muito contato com a intelectualidade Francesa, então para eles foi muito melhor, no termo de desenvolvimento pessoal, tá lá, do que aqui, aqui você vivia sob pressão. (FURTADO, T., 2022)

Apesar disso, os primeiros anos da família não foram fáceis. Acostumados com um certo conforto vivenciado em New Haven, na França, tiveram que se adaptar ao novo estilo de vida, uma vez que eles alugaram um apartamento pequeno no subúrbio, em um bairro de classe média-baixa, cerca de 5km de Paris. Esse aspecto fica evidente em um trecho de carta endereçada a Fernando Henrique Cardoso que estava a se mudar para Paris:

[...] não é difícil conseguir um apartamento mobiliado, mas o aluguel não ficará por menos de 1000 francos. O Leite Lopes pagava 1200 por um bastante bom [...] O salário do professor *associé* é de, aproximadamente, 4200 francos, mais ajuda familiar. Esse salário é considerado aqui muito alto. Entretanto, ele dará apenas para você atravessar [...] (FURTADO, 1967, p. 45).

Mário, então com quase 18 anos, se recusa a mudar-se para França, especialmente por não querer trocar de língua novamente. Em acordo com seus pais, muda-se para estudar na Inglaterra. Lucía, que já havia estudado na França em 1948, procura restabelecer seus contatos com a comunidade de Química na França e recebe apoio do professor Jean Paul Mathieu (1907-1993), que lhe indica para atuar como estagiária do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) na Faculdade de Ciências da Universidade Pierre e Marie Curie. Ela publica vários artigos nos Relatórios Semanais das Reuniões da Academia de Ciências de Paris, dentre os quais se destaca “*Spectre de diffusion Raman d'un monocristal de Na<sub>2</sub>Fe(CN)<sub>5</sub>NO. 2H<sub>2</sub>O*” em parceria com Henri Poulet e Jean Paul Mathieu, em 1969. Vale dizer que estes dois cientistas foram grandes referências na química em espectroscopia vibracional.

No período de exílio em Paris, a família mantinha contato frequente com a comunidade de exilados. Dentre eles, o físico José Leite Lopes (1918 - 2006) e sua esposa, a matemática Maria Laura Leite Lopes (1917 -2013). Além deles, muitas pessoas frequentavam a casa dos Tosi-Furtado. Celso Furtado os recebia normalmente todo domingo e Lucía Tosi preparava toda a comida e recepcionava os convidados. Dentre outros ilustres convidados estavam António Callado (1917-1997) e Glauber Rocha (1939-1981) (FURTADO, T., 2022).

No exílio, muitos dos grupos de exilados eram vinculados a partidos de esquerda e algumas dessas reuniões com prerrogativa de causalidade disfarçavam a finalidade de repensar o Brasil. Apesar disso, não fica claro se as visitas realizadas na casa dos Tosi-Furtado possuíam essa finalidade. E, apesar de simpatizar com alguns preceitos da esquerda, não há registros de que Lucía esteve vinculada a algum partido político. Anos mais tarde, ao se engajar na causa feminista, ela afirmou que o feminismo deveria ser seu próprio partido e deveria desvincular-se de partidos de esquerda ou de direita.

O ano de 1968 entrou para a história como o ano que não terminou. Mundo afora inúmeras mudanças aconteceram. Na França, o mês de maio de 1968 ficou internacionalmente conhecido por ter sido um período de efervescência social que se iniciou a partir de protestos estudantis em Paris. Esses protestos alastraram-se pelo país e chegaram a abalar a ordem da *Quinta República Francesa*, iniciada em 1958. Tratava-se de um período extremamente complexo marcado pela guerra fria, guerra do Vietnã e pelas ditaduras na América Latina. Não só o Brasil havia sofrido um golpe, mas também a Argentina. Em 28 de junho de 1966, com a derrubada do presidente constitucional, o radical Arturo Umberto Illia, iniciava-se um período de sete anos de governo militar, que terminaria com a volta do peronismo ao poder, em 1973.

A Europa, especialmente a França, concentrava um caldo de intelectuais de inúmeros países e seus debates de contracultura. Um cenário que, sem dúvidas, foi favorável para o desenvolvimento intelectual e político de Lucía Tosi. O Maio de 1968 na França é considerado um dos pontos de partida para o surgimento do *Movimento de libertação des femmes* (MLF), buscando maior direito para as mulheres e inaugurando inúmeras possibilidades para acadêmicas em ascensão, como Lucía.

Ainda em 1968, com aparentes flexibilizações das políticas militares no Brasil, muitos exilados retornaram para o país. Foi o caso da família Leite Lopes que retornou para o Brasil ainda em 1967. Em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional número 5 (AI-5) entrou em vigor durante o governo do presidente Costa e Silva em resposta a fatos anteriores. Sua primeira medida foi o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado, o que durou até 21 de outubro de 1969. Assim, muitos brasileiros precisaram retornar ao exílio, como foi o caso da Família Leite Lopes.

O diálogo a seguir, entre Lucía Tosi, Celso Furtado e Leite Lopes, registrado em cartas trocadas na época, condensam um pouco da efervescência de conflitos que vivenciaram e marcaram os últimos anos da década de 1960:

[...] A coisa, entretanto, se torna penosa quando se passa ao campo das coisas sérias, no caso, o trabalho científico, a universidade, e as condições de trabalho. No Rio, pelo menos, houve uma deterioração dessas condições para o trabalho científico; e muita gente, no campo científico, os que sobraram aqui, sobretudo os jovens, foram ou estão indo para São Paulo[...] (Leite Lopes, Rio de Janeiro, 19 de junho, 1967)

Caros Lucía e Celso, aqui estamos há cerca de dois meses, quando, após recebermos um demorado passaporte - os punidos pelo AI-5 dependem de autorização do ministro da justiça para terem o visto de saída - resolvi aceitar o convite daqui para visiting professor. E aqui ficaremos neste ano acadêmico mas pretendemos ir para França a partir do próximo ano. O ato complementar nº 77 impede os professores aposentados de exercerem quaisquer atividade em institutos de pesquisa. Em consequência, há poucas semanas, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - com seus coronéis e almirantes e oportunistas pseudofísicos, discípulos de Pétain, Darlan, Laval e Cia. - dispensaram o Tiomno, Elisa Frota-Pessoa e a mim dos encargos que ocupávamos no CBPF desde sua fundação (eu vim com licença por um ano do CBPF). E assim realiza-se a ambição do Danon - agente duplo - de ter a CBPF em seu poder e aos seus pés [...] No dia da publicação do Ato 77 o JB publicou entrevista do Danon em que dizia que o apoio do governo ao CBPF estava dando lugar à atração de cientistas estrangeiros para o Brasil, numa verdadeira operação sincronizada para obscurecer as repercussões do Ato [...] (Leite Lopes, Pittsburgh, 27 de novembro de 1969)

[...] depois de meses de tumulto que você e Maria Laura viveram no Brasil imagino que isso aí tem pelo menos as virtudes de uma estação de repouso. Você vai encontrar isso aqui bem mudado. Os famosos évènements de Mai, o afastamento do De Gaulle da cena política, o debilitamento do franco e, por outro lado, o desgaste profundo que sofreram os Estados Unidos com Guerra do Vietnã e o não menor da União Soviética com os acontecimentos da Tchecoslováquia - enfim, tem-se a impressão de que o mundo é outro, como antes e depois de uma das grandes guerras [...] O que você diz lá do Centro de Danon é realmente melancólico. O que passa no Brasil é mais grave do que se pensa [...] (Celso e Lucía, Paris, 20 de dezembro de 1969)

A década de 1970 surge com novos ares para Lucía Tosi, ainda em Paris. Os anos que se seguiram são marcados de reviravoltas na sua vida pessoal e acadêmica. Em meados de 1972, André, seu filho mais novo, aos 18 anos saiu de casa para passar um período na Argentina, que se encontrava em processo de redemocratização. Juan, filho do seu primeiro casamento, havia concluído o ensino superior em Engenharia Elétrica e se muda para França a convite da mãe para trabalhar no CNRS. Nesse meio tempo, ela e Celso Furtado decidem inicialmente morar em casas separadas e, em seguida, por separar-se definitivamente.

Muito influenciada pelas aspirações feministas francesas e sendo uma admiradora de Simone de Beauvoir e de Simone Weil, Lucía se aproxima um pouco mais da agenda acadêmica feminista<sup>9</sup>. Lucía sempre apresentou indignações feministas concretas,

<sup>9</sup> Não sabemos se a separação do casal teve algo a ver com a vinculação de Lucía a política feminista, mas que aconteceram, mais ou menos no mesmo período, início dos anos 1970.

especialmente advindas de sua própria vivência no mundo, mas sua tomada de consciência a respeito da questão da mulher, ganha novas nuances na França.

O casal Tosi-Furtado enfrentava questões inerentes aos papéis de gênero pré-estabelecidos pela sociedade da época. Mesmo Lucía tendo alcançado o título de Doutora antes de Celso, sua carreira foi atravessada pelas barreiras invisíveis dos papéis de gênero, abdicando seu sucesso acadêmico para seguir os desígnios da família, do trabalho doméstico e dos sonhos do marido. Tal situação incomodava profundamente a Lucía, e gerava tensões entre o casal. Podemos observar isso na seguinte fala do André Tosi Furtado (2022):

[...]minha mãe era uma pessoa muito revoltada com a estrutura machista, ela era muito crítica, eu entendo que ela no fundo seguiu um modelo convencional, por isso que eu digo que 68 é muito importante esse modelo convencional é colocado em questão é um momento de crítica, e ela toma consciência do papel da mulher, como oprimida, explorada. Ela se colocava como uma mulher tão qualificada quanto meu pai, ela era doutora antes dele, ela já era uma cientista, e ademais tinha uma cultura muito vasta, não era uma cientista que só pensa naquilo, ela tinha uma cultura clássica, os dois eram amantes da cultura clássica, grega, visitavam a Itália, tinham esse fascínio pela cultura europeia, tudo isso para te colocar que ela era uma mulher que tinha uma mente avançada, e ao mesmo tempo ela percebia um lado muito conservador da sociedade, e o papel que cabia a mulher subalterno na relação, e quanto a isso ela vai se revoltar. Então a revolta dela feminista, é também uma revolta pessoal, no sentido da relação dela com o meu pai, que ela considerava meio convencional demais, e achava que ela tinha direito a igualdade, mas ficava lá nas tarefas domésticas, na divisão do trabalho, ela não aceitava muito aquele esquema, inclusive a gente tinha que ajudar, os filhos não podiam ficar na mesma atitude que meu pai, ajudar a limpar a casa, porque ela também não aceitava aquilo, de ficar sempre servindo, mas ela era uma excelente cozinheira, ela era uma dona de casa exemplar, ela fazia tudo perfeito, e ao mesmo tempo ela considerava que tinha direito a igualdade, e o mundo que estava ali era um mundo desigual, no fundo cabia a ela um papel subalterno, e ela vai se revoltando com isso. (FURTADO, T., 2022)

Na França, ambos atingem rapidamente um status de igualdade profissionalmente, como destaca o André Tosi Furtado (2022):

[...] isso ficou mais latente no momento que a gente foi morar na França, que aí ambos ficaram mais ou menos no mesmo nível, porque antes meu pai vivia lá em mil esferas, então isso causava uma certa admiração, de reconhecer que meu pai estava se sacrificando [...] então minha mãe, nesse período acaba aceitando, percebe que era muito importante, agora quando a gente vai morar na França, ele tinha que dar aula, volta a vida “feijão com arroz” e aí as coisas começam a ficar mais claras no sentido de que havia uma desigualdade, ela não tinha tanto prestígio, ela poderia ter subido na vida, então isso tá na base da tomada de consciência dela como feminista [...] e ela se sente um pouco nesse papel, de estar lá promovendo, e não

recolhendo os louros e o prestígio, e daí vem a tomada de consciência dela, justamente nesse período. (FURTADO, T., 2022)

É importante considerar que não se trata de criar rótulos para diminuir a imagem do Celso Furtado, se faz necessário entender que eles viviam exatamente um momento de revolução cultural. Lucía exerce os papéis endereçados às mulheres com afinco, considerando-os normais e não sabemos ao certo se por muito tempo ela percebia a vida itinerante ao lado do Celso como um peso ou como uma grande aventura. A questão colocada é que, em algum momento desse percurso – segundo a fala do André isso ocorre na França – ela se dá conta de como a sua carreira havia sido negligenciada.

Muitas posturas de Celso mudaram com as aspirações feministas de Lucía Tosi, tanto que no seu livro, “Criatividade e dependência” (1978), ele aponta a revolução das mulheres como uma das mais importantes do nosso tempo. Um episódio curioso a esse respeito ocorreu em 1975, já separado de Lucía, Celso Furtado foi um dos convidados a se apresentar num seminário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em comemoração ao Ano Internacional da Mulher. Esse seminário contou com a apresentação de várias pesquisadoras da área, e marcou a criação de grupos feministas no Brasil. Sobre esse episódio, a professora Hildete Pereira de Melo Hermes de Araújo, diretora-financeira do Centro Celso Furtado na gestão da professora Maria da Conceição Tavares, traz indicativos de influência de Lucía Tosi na postura do Celso, apesar de se incomodar com ofuscamento gerado pelo pronunciamento do economista, tal relato pode ser observado em vários jornais da época (figura 8) :

Há um episódio que nunca esclarecemos relativo ao casal Tosi-Furtado, mas gostaria de explorar que foi o seguinte: quando houve o Seminário ‘ O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira’ na ABI em julho de 1975, decisivo para relançar o movimento feminista no Brasil, Celso Furtado fez a palestra de abertura do Seminário, salão e salas lotadas, estava voltando ao Brasil depois do exílio, a manchete do Jornal do Brasil no dia seguinte foi a seguinte: "Celso Furtado afirma que a revolução das mulheres é a luta mais importante da segunda metade do século XX". Fiquei tiririca, imagine era um homem que legitimava nosso destemor...não sei se o casal naqueles tempos ainda estavam juntos, mas acredito que a influência de Lucia Tosi tenha sido decisiva para a postura do Celso "feminista" do nosso economista. (ARAÚJO, 2022, conversa por e-mail)

Figura 8. Manchete do Jornal Opinião, 11 de Julho de 1975.

## Eis a opinião de um ilustre feminista

Depoimento do sociólogo e ex-ministro Celso Furtado na sessão de encerramento da "Semana sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira".

"O movimento feminista se manifestou de uma forma mais ou menos espontânea. Não saiu do cérebro de nenhum grande ideólogo, surgiu em muitos lugares simultaneamente e deve, portanto, refletir um profundo atraso em certa fase da evolução de nossa cultura. É um esforço de algo que se rompeu ali onde já não era mais possível suportar as tensões. E por isso também que ele se propaga com tanta rapidez.

As palestras ouvidas durante essa semana são muito parecidas com outras que se ouve na Suécia, França e EUA. O seu caráter de universalidade e a rapidez de sua propagação indicam que ele deve certamente estar ligado a formas muito profundas na transformação de nossa cultura.

Fui levado a concluir que esse movimento possivelmente seja a dimensão mais importante dos grandes movimentos sociais do fim deste século e que devemos entendê-lo como parte dessas transformações sociais. Portanto, ele é parte do esforço de nossa cultura para avançar para mais longe. Por isso quiçá aqueles que, como eu, quiseram colocar esse movimento em termos de problema nunca puderam realmente entender o que se passava.

E é o que se passa com todos nós, homens, quando pensamos apenas em termos de problema. E que nós já transformamos a realidade numa coisa esquemática. O problema é qualquer coisa que tenha uma solução. E um movimento como este não tem propriamente soluções. Ele está na fase de criar, de avançar se criando. Portanto, ele surge dos conflitos, e conflitos exigem arbitragem, exigem tomada de posição, exigem aceitação de valores. Portanto, a dificuldade que nós, homens, temos, resulta exatamente disso: não podemos compreendê-lo.

Aquilo que se pode compreender, de alguma maneira, já está sendo superado. Aquilo que é um problema já tem uma solução pelo menos à vista. E esse movimento está na fase de auto-identificação; ele brota realmente dos próprios conflitos da nossa sociedade, das próprias tensões dessa sociedade, e portanto está na fase de auto-invenção.

E nesse sentido que não podemos exigir dele nenhuma explicação simples, nenhuma justificativa fácil, e muito menos traduzidas nos termos do discurso que nós, os homens, criamos. O feminismo está, por definição, ligado a uma certa percepção do mundo. Portanto vocês, mulheres, terão por muito tempo que ter paciência, porque não poderão esperar que sejam compreendidas facilmente, como não pode ser compreendido ninguém que realmente inventa.

A transformação das mulheres será seguramente a fase superior da própria transformação da nossa cultura, no sentido de abrir as portas à criatividade e à liberação de nós todos, homens e mulheres.

E portanto com uma convicção muito profunda, de quem refletiu por muitos anos, e de quem se comprometeu com a necessidade de que o mundo se transforme e seja algo melhor do que aquilo que recebemos, que eu acompanho o grande movimento feminista em todo o mundo. Sou totalmente solidário com ele, por simpatia humana e na medida em que todos nós somos, essencialmente, criaturas humanas."

Fonte. Hemeroteca Digital Brasileira

## PARIS É UMA FESTA

Trabalhando no então *Laboratoire de Recherches Physiques (LRP)*, Universidade Paris VI, Lucía desenvolveu inúmeros trabalhos em espectroscopia, tornando-se especialista em espectroscopia vibracional, em especial em espectroscopia Raman. Realizou estudos de espectros vibracionais do nitroprussiato de sódio e de vários outros complexos metálicos. A partir dos anos 1970, iniciou pesquisa na área de Química Bioinorgânica, tendo publicado inicialmente trabalhos a respeito de complexos de cobre com aminoácidos. No final dos anos 1970, passou a se interessar pela Química de Metaloproteínas. Publicou, em parceria com Arlette Garnier-Suillerot, também pesquisadora do CNRS, estudos sobre as enzimas ceruloplasmina, aspartato oxidase, clupeína Z, ferroxidase, lacase e estelacianina (BERALDO, 2013).

Em 1972, Lucía publica uma carta corajosa na revista *Science*, na qual faz pesadas críticas aos intelectuais americanos que defendiam o sistema econômico em países governados por militares. Em seu texto, intitulado "*Latin American Development*", critica o desconhecimento dos cientistas americanos a respeito dos problemas sociais, políticos, econômicos e científicos da América Latina à época. Nesse texto Lucía diz que os cientistas

americanos teriam uma grande dificuldade para entender o que significava o subdesenvolvimento (BERALDO, 2013).

Lucía é atraída a participar de grupos de autoconsciência que se formavam na época e se torna uma das fundadoras do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*. O grupo tinha por finalidade reunir mulheres latinas que viviam na Europa, a grande maioria exiladas de alguma ditadura militar. Além de reuniões periódicas para discutir e reler textos sobre o feminismo, o grupo publicava o boletim *Nosotras*. Lucía colabora com a escrita de textos para publicação neste boletim, além de colaborar na edição e impressão dos exemplares que eram distribuídos não só na Europa.<sup>10</sup>

No trecho abaixo publicado como prefácio do livro “Lucía Tosi: A mulher e a História da ciência” organizado pelo seu filho Mário Tosi Furtado (2014), Lucía relata como ocorreu o seu interesse por temáticas feministas:

[...] foi só em 1975, por ocasião do ano da mulher, que tendo recebido um convite de Jacques Richardson, diretor da revista da Unesco, *Impact, Science et Société*; para participar em número da mesma sobre o tema: “A ciência, um mundo masculino?”, senti-me profundamente motivada e escrevi meu artigo sobre criatividade científica da mulher. Até essa data só havia tido experiência como autora de trabalhos científicos e foi para mim uma verdadeira revelação tomar consciência das possibilidades que me oferecia essa revista para expor minhas reflexões sobre minha própria vivência de mulher e de cientista. Eu já tinha feito muitas leituras, assistido a alguns seminários e participado com outras mulheres latino-americanas do grupo organizado por Danda Prado em Paris. No entanto, o que mais contava para mim era a convicção de ter sido feminista desde meus anos de estudante, e a certeza de não ter podido, mas também de não ter sabido exprimir minhas ideias. Falta de coragem? Não creio, sempre que tinha ocasião de falar o fazia com convicção. Acredito que era só falta de oportunidade. (TOSI, 2014)

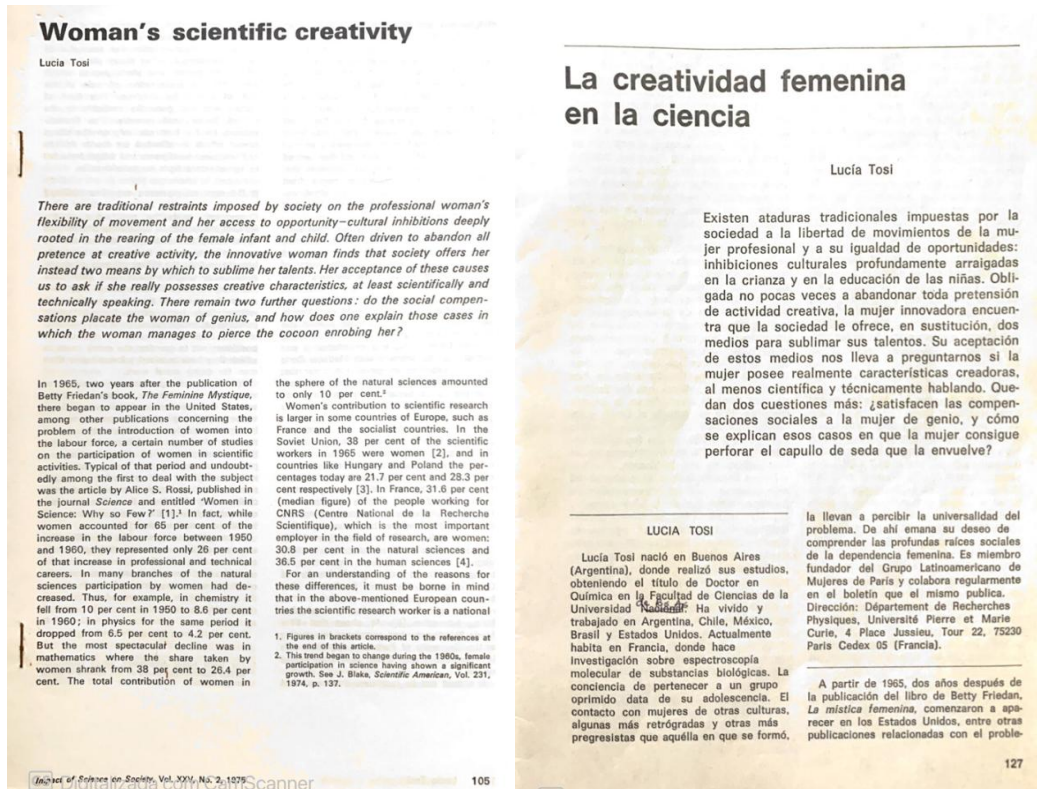
O artigo citado por Lucía foi publicado em Inglês e espanhol na revista da Unesco *Impact of Science on Society*, com o título “*Woman’s scientific creativity*” (figura 9) depois publicado em português nos Cadernos de Opinião, no Brasil, com o título “Criatividade Científica da Mulher” (figura 10). A autora analisa dados sobre o número de mulheres em carreiras científicas à época, em comparação ao número de homens. Nele, Lucía descreve a situação em alguns países da Europa, na União Soviética e nos Estados Unidos.

---

<sup>10</sup> Um capítulo inteiro dessa tese é dedicado a contar a história da participação da Lucía neste grupo.

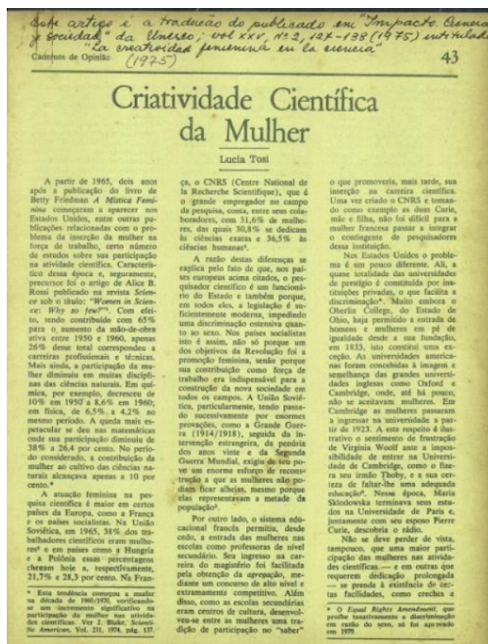


**Figura 9.** O artigo “*Woman’s scientific creativity*”, publicado em *Impact of Science on Society* (1975), versão inglês e espanhol.



Fonte. Acervo da Família.

**Figura 10.** O artigo “*Criatividade Científica da Mulher*”, publicado em *Cadernos de Opinião* (1975), com anotações feitas à mão por Lucía Tosi.



Fonte. Beraldo, 2013.

A partir de 1976, Lucía passa a ocupar a função de *Chargée de recherches* no CNRS (um alto cargo na França, que poderia ser comparado no Brasil a ocupar uma Diretoria no CNPq), ganhando maior estabilidade e passando a orientar mais alunos, inclusive brasileiros, que vinham fazer doutorado na França. Lucía desenvolve uma parceria muito frutífera com a professora Arlette Garnier-Suillerot, rendendo inúmeras publicações em colaboração. Ambas colaboram na orientação da professora Heloísa Beraldo (atualmente professora da UFMG) no trabalho “Rôle des métaux de transition dans le mode d’action de certains antitumoraux: étude spectroscopique des complexes de la 2-formylpyridine thiosemicarbazone et d'anthracyclines avec le fer et le cuivre”.

#### UMA PIONEIRA NA CIÊNCIA NO BRASIL

A partir do final dos anos 1970, com flexibilizações da Ditadura Militar e até possíveis indícios de redemocratização, Lucía passa a se envolver mais na ciência brasileira. Em 1977, Lucía Tosi participa da Conferência Internacional de Química de Coordenação, que se realizou no campus da USP, em São Paulo, com a presença de diversos participantes, vindos de todo o mundo. Neste congresso, ela conhece os professores da UFMG Carlos Alberto Filgueiras e Eucler Paniago, que a convidaram para os visitar em Belo Horizonte. Desse episódio, nasce uma parceria com a UFMG e a partir dos anos seguintes, Lucía passava suas férias de verão na UFMG. Além disso, nasce também uma grande amizade que pode ser percebida no seguinte relato do professor Carlos Alberto Filgueiras:

Em 1977[...] conheci uma mulher extraordinária, Lucia Piave Tosi, uma pessoa com três nacionalidades, argentina de nascimento, brasileira por casamento, e francesa de coração [...] Lucía tinha um apartamento bem pequenino num dos recantos mais bonitos de Paris, numa rua com o nome pitoresco de *Rue du Pas de la Mule*, na esquina da Place des Vosges, talvez a mais bela praça da capital francesa, com todos os edifícios datando do século XVI. Um jantar em sua casa era sempre um acontecimento único, por inúmeras razões. Além da gastronomia francesa de alto nível que ela cultivava, sua cultura refinadíssima prendia a todos os ouvintes, e sua fina ironia me dava às vezes a impressão de estar na companhia de um espírito gêmeo ao de Voltaire. [Acervo pessoal do professor Carlos Alberto Filgueiras]

Até então, ela havia realizado estágios em institutos e centros de pesquisa no Brasil sem vínculo empregatício. Por meio do convite do professor Carlos Alberto Filgueiras, Lucía inicia uma trajetória na UFMG, que rendeu uma parceria entre essa instituição e o CNRS, já que Lucía passou um tempo dividindo-se entre as duas instituições até solicitar de fato a

aposentadoria do CNRS e tornar-se professora visitante na UFMG. Durante esse período, muitos doutores da UFMG usufruíram desse intercâmbio.

Lucía passa a integrar o corpo docente da UFMG como professora visitante a partir de maio de 1984. Na solicitação para seu contrato, redigido pelo então diretor do Instituto de Química, Prof. Luiz Gonzaga Fonseca e Silva, ao reitor, Prof. José Henrique Santos (figura 11), argumentou-se que Lucía era “uma química de renome internacional” e que já vinha colaborando com a UFMG a algum tempo, apontando que sua contratação traria muitos benefícios para a instituição. O seu contrato (Figura 12) foi assinado no dia 02 de maio de 1984, sendo renovado algumas vezes, de modo que teve duração até 01 de maio de 1988, totalizando 4 anos que renderam muito a UFMG.

**Figura 11.** Solicitação para contratação da Lucía Tosi na UFMG.



Fonte. Arquivo da UFMG.

Figura 12. Contrato da Lucía Tosi na UFMG assinado em maio de 1984.

*Lucia Piave Tosi de Furtado*  
*82.47961/83* *02/05/84*  
*plda*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

- C O N T R A T O -

CONTRATO DE TRABALHO que entre si fazem a UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, representada pelo Magnífico Reitor, Professor JOSÉ HENRIQUE SANTOS, a seguir denominado simplesmente CONTRATANTE, e o(a) Sr. (a) LUCIA PIAVE TOSI DE FURTADO, Nacionalidade brasileira, Estado Civil casada, residente à Rua Veraldo Lambertucci, 97/201-Novo São Lucas, doravante denominado CONTRATADO, mediante as cláusulas e condições seguintes:

**CLÁUSULA 1a.** - De acordo com o disposto na Consolidação das Leis do Trabalho, artigo 1º do Decreto nº 87.867, de 25-11-82, no Reginento Geral da UFMG e Legislação Complementar, assim como as Normas e Instruções baixadas pelos Órgãos Competentes da CONTRATANTE, o(a) CONTRATADO(A), prestará serviços de magistério, na qualidade de Professor Vsitante, a nível de Professor Titular, do(a) Instituto de Ciências Exatas, conforme condições estipuladas no Processo nº 82/47961/83.

**CLÁUSULA 2a.** - O CONTRATADO prestará suas funções no regime de D.E., ficando obrigado a marcação do "Ponto" de entrada e saída, em sistema fixado pela Unidade.

**Parágrafo Único:** - Dentro do horário de trabalho, o CONTRATADO se obriga igualmente, além da tarefa de ministrar aulas, a exercer outras atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa, conforme determinado pelo Departamento.

**CLÁUSULA 3a.** - O prazo de validade deste CONTRATO será de 02 / 05 / 84 até 02 / 05 / 86.

**CLÁUSULA 4a.** - O CONTRATADO fará jus ao salário mensal de Cr\$ 1.071.174,00 ( um milhão, setenta e um mil, cento e setenta e quatro cruzeiros ).

**Parágrafo Primeiro:** As despesas decorrentes desta cláusula, serão atendidas pela dotação da verba de pessoal do orçamento da UFMG.

**Parágrafo Segundo:** Do valor mencionado no item 4, será deduzido a parcela correspondente às faltas ao serviço, bem como as entradas tardias e saídas antecipadas.

**Parágrafo Terceiro:** Efetuar-se-á o pagamento de que trata o item 4 mediante apresentação de atestado de frequência, passado pelo chefe do Departamento visado pela Diretoria da Unidade.

**Parágrafo Quarto:** Asseguram-se às partes o direito recíproco de rescindir o Contrato, antes de expirado o prazo previsto na Cláusula 3a.

E por assim se acharem justas e contratadas, as partes assinam o presente instrumento, em duas (2) vias.

Belo Horizonte, 02/05/84.

*José Henrique Santos*  
JOSE HENRIQUE SANTOS  
MOD. 2000 - ANA A. TEIXEIRA  
Diretor Geral DPU/UFMG  
Delegado Cassipolícia Part. 5028/78

*L. Tosi*  
CONTRATADO

Fonte: Arquivo da UFMG.

No seu plano de pesquisa, para ingresso na UFMG, Lucía pretendia continuar desenvolvendo as pesquisas iniciadas no *Departement de Recherches Physiques da Université Pierre et Marie Curie* em Paris,

[...]de maneira resumida, e em termos genéricos, pode-se dizer que o tema escolhido envolve o estudo de complexos dos metais de transição que apresentam atividade farmacológica. Em alguns casos essa atividade é própria do ligante mas acha-se exaltada uma vez que ele esteja coordenado ao metal. Em outros casos somente complexo apresenta propriedades quimioterapicas. Finalmente, em muitos outros casos e sob a forma de complexo que o ligante pode ser transportado nos meios biológicos até a molécula alvo (TOSI, 1984).

E assim fez, publicando trabalhos em parceria com a professora Heloísa Beraldo (também professora na UFMG), como "*Spectroscopic studies of metal complexes containing*

*Jl-delocalized sulfur ligands. The resonance Raman spectra of the iron (II) and iron (III) complexes of the antitumor agent 2-formylpyridin-thiosemicarbazone*”, na revista *Inorganica Chimica Acta*, 1986. Lucía também orientou algumas teses de doutorado no Programa de Pós-graduação em Química da UFMG.

Na UFMG, Lucía encontra espaço para seguir com o desejo antigo de se aprofundar nos estudos sobre História das Mulheres na Ciência e também História das Ciências. Ela passou a frequentar o círculo de pesquisadores em História da Ciência no Brasil, publicar em revistas especializadas e participar de eventos científicos da área, como o 5º Colóquio de História da Ciência “A Ciência no Século das Luzes” que ocorreu em Vinhedo, São Paulo, em 1989 (Figura 13). Além disso, ministrou disciplinas de história das ciências para alunos da graduação e da pós-graduação.

Lucía colabora para a criação, em 14 de setembro de 1984, do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher (Nepem) da UFMG, que tinha como objetivo principal articular os estudos e pesquisas desenvolvidos pelos diferentes departamentos e setores da UFMG sobre a condição da mulher na sociedade brasileira. Lucía colaborou na construção do núcleo, ajudou na articulação dessas pesquisas e realizou conferências junto ao grupo sobre as condições das mulheres na ciência brasileira. Na época, o Nepem foi o quarto núcleo com esse perfil criado em universidades no país, precedido por outros na PUC-Rio – o NEM, em 1980, sob coordenação da Profa. Fanny Tabak – e outros dois datados de 1984: O NEMGE, da USP, sob a coordenação da Profa. Eva Blay; e o NEIM - UFBA.

**Figura 13.** Lucía Tosi no 5º Colóquio de História da Ciência " A Ciência no Século das Luzes " Vinhedo, São Paulo, (1989).



Fonte. Beraldo, 2013.

Após seu afastamento da UFMG, Lucía retorna por um tempo para França, mas por questões de saúde, logo volta para o Brasil, passando a residir no Rio. Após um acidente vascular cerebral, se muda para Campinas e passa a morar com seu filho Mário. Durante esse período, Lucía continua a produzir. São inúmeros os temas e personagens articulados na história das ciências que a cientista estudou e escreveu sobre. Em seus arquivos pessoais existiam artigos e recortes de jornais de autores da História da ciência como Margaret Lopes, Carlos Alberto Filgueiras, Olival Freire Jr. e Fátima Oliveira.

Lucía escreveu sobre diversos personagens, tais como Lavoisier, Marie Meurdrac, Émilie du Châtelet, Marie Curie, Jean-Paul Marat, Héliene Metzger e Algo Miele. Quanto aos temas de interesse, concentrava-se muito na relação entre revolução científica e a caça às bruxas. Lucía publicou trabalhos em revistas importantes aqui no Brasil, dentre os quais destacamos os textos: *Marie Meurdrac. Química Paracelsiana e Feminista do Século XVII* publicado na *Química Nova*, 1996; “Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna” publicado nos *Cadernos Pagu*, 1998.

Estando em Campinas, Lucía buscou junto a outras professoras, como Eva Blay, submeter um projeto sobre Mulheres na Ciência à Fapesp, com pretensão de atuar junto a Universidade de Campinas em atividades semelhantes às que havia desenvolvido na UFMG. Apesar disso, o projeto submetido teve parecer desfavorável por parte da Fapesp e Lucía não chegou a atuar na UNICAMP. Periodicamente, ela participava de reuniões de grupos de pesquisa e era visitada por pesquisadoras, como a professora Maria Margaret Lopes. Sempre que possível, também retornava a Belo Horizonte para visitar a UFMG e os amigos (figura 14).

**Figura 14.** Lucía Tosi em Belo Horizonte, na comemoração de seu aniversário de 80 anos, em 1997.



Fonte. Beraldo, 2013.



A História de Lucía foi ainda um dos temas de pesquisa da primeira turma de Pós-Graduação lato sensu em Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR-UNICAMP), em 1999 (Figura 15). Ela participou do V Congresso Latino-americano de História das Ciências e da Tecnologia, que ocorreu em Campinas em 1998.

**Figura 15.** Lucía Tosi sendo entrevistada pela 1ª turma de Jornalismo científico do Labjor, dentre presentes estão as professoras Germana Barata, Simone Pallone e Marta Kanashiro, 1999.



Fonte. Labjor.

Lucía Tosi faleceu em 25 de fevereiro de 2007, na cidade de Campinas, deixando um legado inquestionável para a ciência brasileira. Em 2013, sua amiga, colega e aluna Heloísa Beraldo escreveu sobre ela na Revista Virtual da Química, onde conclui dizendo que:

Lucia era uma leitora contumaz, tinha uma ampla cultura e grande apreço pela música erudita. Será sempre lembrada por sua personalidade marcante, sua importante vida acadêmica, seus múltiplos interesses, seu senso de humor apurado e sua grande alegria de viver. Deixou importantes estudos nas áreas de Espectroscopia e de Química Bioinorgânica. Seus trabalhos pioneiros em História da Ciência e em particular sobre o Papel da Mulher na Ciência constituem um avanço nessa área de investigação. Lucia Tosi deixou um legado muito rico que deverá influenciar várias gerações de historiadores

da Ciência, e de estudiosos da influência das mulheres na Ciência.  
(BERALDO, 2013)

Lucía foi uma das homenageadas pelo projeto *Pioneiras da Ciência no Brasil* do CNPQ. Ela deixou, além de uma vasta colaboração para a química, a história das ciências e para os estudos de gênero e ciência, sentimentos de admiração de familiares, amigos e alunos com quem conviveu e tiveram a oportunidade de conhecer “sua fina ironia” e sua “personalidade forte”.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Lucía foi uma pesquisadora complexa e diversa. Ela esteve no laboratório, na sala de aula, na política e nos movimentos sociais. Foi cientista na universidade, nas ruas e no lar – independente do país ou cidade onde estivesse seu lar. Foi cientista em vários lugares e idiomas, em espanhol, português, inglês e francês. E apesar de suas contribuições para química bioinorgânica merecerem grande prestígio, aqui escolhemos caracterizá-la como uma cientista pioneira nos estudos de gênero e ciências.

Lopes (2008), ao tratar da trajetória de Bertha Lutz, questiona as motivações para falarem apenas do lado feminista dessa cientista, negligenciando sua carreira científica. Aqui fazemos um caminho oposto. Evidenciamos Lucía como “Química e Feminista” e como pioneira nos estudos de gênero e ciência no Brasil, pois Lucía foi feminista ao fazer ciência em todos os espaços, públicos e privados, concretos e discursivos. Lucía não só falou de mulheres na ciência, como também apresentou a relação de Gênero e Ciência como um objeto da ciência e da química, conforme detalhamos em outro artigo.<sup>11</sup>

A sua vida pessoal materializou as relações de gênero na ciência que ela própria questionava em seus escritos. E, numa infusão dialética entre a mulher e a cientista, politizando o privado e questionando a ciência, Lucía se viu dentro do labirinto de cristal imposto às mulheres nas ciências, tão perceptível na sua relação com o economista Celso Furtado.

Lucía, diante de um sentimento de admiração por Celso, compreendia que o trabalho que ele desenvolvia era algo muito importante e revolucionário. A admiração que ela própria nutria por ele, somada aos papéis de gênero, à maternidade e ao trabalho doméstico, fizeram com que sua carreira se encaixasse à de Celso. Por mais de uma década, Lucía mudou de

---

<sup>11</sup> Ver artigo 2 desta tese.



trabalho rotineiramente, aceitava estágios quando poderia ser professora titular e pesquisava de forma não-remunerada.

Evidenciamos tal situação como uma das características do Efeito Camille Claudel (Lima, 2007), em especial, à ideia de carreiras encaixadas introduzida por esta autora. A carreira de Lucía Tosi vivia em constante reconfiguração a fim de manter o relacionamento e atender às demandas profissionais de Celso. No entanto, por considerar o trabalho de Celso tão importante, Lucía ou não dava conta da situação, ou negligenciava sua própria carreira por uma ideia de “bem maior”. E, apesar de realizar de bom grado os papéis sociais atribuídos a ela em decorrência ao seu gênero, começou a questionar as desigualdades no ambiente acadêmico, a partir de sua própria vida doméstica.

A vida na França proporcionou novas perspectivas para Lucía. O contexto revolucionário de maio de 1968, o contato com leituras feministas, a participação no *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* e a possibilidade de ter um trabalho estável, bem remunerado e em nível de igualdade ao do seu marido, são elementos que constituíram a identidade de Lucía Tosi enquanto Química e Feminista.

Por fim, o último aspecto que nos propomos analisar são as estratégias utilizadas pela Lucía. Afinal, apesar de inúmeros percalços, Lucía torna-se diretora do CNRS, o principal órgão científico francês, além de publicar trabalhos em importantes periódicos.

Nesse sentido, finalizamos essa escrita acreditando que o feminismo foi a maior estratégia de Lucía Tosi para obter sucesso na ciência. É evidente que, antes de vincular-se ao feminismo, ela buscou brechas, construiu boas relações acadêmicas por onde passou e manteve-se ativa na ciência, mesmo mudando constantemente de país ou cumprindo com seu papel de mãe. Mas, a virada de chave da vida da Lucía ocorre quando ela assume seus incômodos e percebe que tais incômodos não são apenas seus, passando a usar sua voz e seu lugar enquanto cientista, para dar voz a outras tantas mulheres negligenciadas pela história da ciência.

Por fim, ressaltamos a importância dos estudos de gênero e ciência (área em que a própria Lucía foi pioneira) dentro da História da Ciência do Brasil. Valorizando assim a produção de mais mulheres na ciência brasileira, criando demanda e espaço. Com isso, a história de Lucía Tosi é, além de tudo, uma história de representatividade, de luta política pelo direito das mulheres e, portanto, uma história feminista.

## REFERÊNCIAS

- BARAN, E. J. Lucía Tosi: científica, historiadora de la ciencia y feminista (homenaje en el centenario de su nacimiento ya los diez años de su fallecimiento). *Anales Acad. Nac. de Cs. Ex., Fís. y Nat.*, **Tomo 69**, 2017.
- BERALDO, H. Lucia Tosi: Scientist, Science Historian and Feminist. *Revista Virtual de Química*, v. 6, n. 2, p. 551-570, 2014.
- CANCIAN, F. The feminization of love. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 11, n. 4, p. 692-709, 1986. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/494272>. Acesso em: 1A mar. 2022.
- CITELI, M. T. et al. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. *Cadernos Pagu*, n. 15, 2000.
- COSTA, M. C. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 455-459, 2006.
- FILGUEIRAS, C. A. **Origens da química no Brasil**. Editora Unicamp, 2015.
- FREIRE JR, O.. Biografia como gênero na história das ciências—O caso do físico David Bohm (1917-1992). *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 25, p. 40-56, 2020.
- FOX KELLER, E. Gender and science. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, v. 1, n. 3, p. 409-433, 1978.
- FOX KELLER, E. *Secrets of Life, Secrets of Death*. New York: Routledge Press, 1992.
- FOX KELLER, E. **Reflections on Gender and Science**. New Haven: Yale University Press, 1995.
- FOX KELLER, E. **What Impact, if any, has feminism had on science?** *J. Bioscience*, v. 29, n. 1, 2004.
- FOX KELLER, e.. Pot-holes Everywhere: How (not) to Read my Biography of Barbara McClintock. IN: GOVONI, P.; FRANCESCHI, Z. A.. **Writing about lives in science. (Auto)Biography, gender, and genre**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.
- FURTADO, C.. **Correspondência intelectual: 1949-2004**. Companhia das Letras, 2021.
- GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. Editora Intrínseca, 2014.
- GOLDEMBERG, J. Análise crítica da história da ciência no Brasil. *Revista da Universidade de São Paulo*, n. 2, p. 29-58, 1986.
- GOVONI, P. Biography: a critical tool to bridge the history of science and the history of women in science report on a conference at newnham college, CAMBRIDGE, 1999. *Nuncius*, v. 15, n. 1, p. 399-409, 2000.
- GOVONI, P. Crafting Scientific (Auto)Biographies. IN:GOVONI, Paola; FRANCESCHI, Zelda Alice. **Writing about lives in science. (Auto) Biography, gender, and genre**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.

HARAWAY, D. J. **Primate visions: Gender, race, and nature in the world of modern science**. New York: Routledge Press, 1989.

HARDING, S. G. **The science question in feminism**. Cornell University Press, 1986.

KOHLSTEDT, S. G. Women in the history of science: An ambiguous place. **Osiris**, v. 10, p. 39-58, 1995.

KOHLSTEDT, S. G.; LONGINO, H. The women, gender, and science question: What do research on women in science and research on gender and science have to do with each other? **Osiris**, v. 12, p. 3-15, 1997.

KRAGH, H.. On scientific biography and biographies of scientists. In: **Relocating the History of Science**. Springer, Cham, 2015.

LETA, J.. Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior?. **Revista feminismos**, v. 2, n. 3, 2014.

LIMA, B. S. **Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LIMA, B. S.; COSTA, M. C. Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios. **Cadernos Pagu**, n. 48, 2016.

LIMA, B. S. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31128/18218>. Acesso em: 19 ago. 2022.

LOPES, M. M.; COSTA, M. C. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências. **Gênero nas fronteiras do sul**, 2005.

LOPES, M. M. et al. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. **Cadernos Pagu**, v. 27, 2006.

MAIA FILHO, A. M.; SILVA, I. The WS experiment of 1950 and its implications for the second revolution of quantum mechanics. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 41, n. 2, 2019.

MELO, H. P.. Lucia Piave Tosi (1917 - 2007). **Pioneiras da Ciência no Brasil - 3ª Edição**, 2014. Disponível em: < <http://memoria2.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil3> > acesso em: 21 de jan. de 2021.

MINELLA, L. S.. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. **cadernos pagu**, p. 95-140, 2013.

MOTOYAMA, S.. **Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil**. Edusp, 2004.

ORESQUES, N. Objectivity or heroism? On the invisibility of women in science. **Osiris**, v. 11, p. 87-113, 1996.

ROSSITER, M. W. **Women scientists in America**. Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences, p. 10-16, 1983.

SAFFIOTI, H.. Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero.. In: MORAES SILVA, Maria Aparecida de (org.). **Mulher em seis tempos - Seminário Temático II**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1991.

SANTANA, C.; PEREIRA, L.; SILVA, I. Contribuições para escrita de biografias de mulheres nas ciências a partir das experiências de Keller, Ferry e Goldsmith. **cadernos pagu**, 2022.

SCHIEBINGER, L. **The History and Philosophy of Women in Science: A Review Essay**. Signs, v. 12, n. 2, 1987.

SCHIEBINGER, L. **The Mind Has No Sex? Women in the Origins of Modern Science**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

SCHIEBINGER, L. **Nature's Body: Gender in the Making of Modern Science**. Boston: Beacon Press, 1993.

SCHIEBINGER, L. **Creating Sustainable Science**. Osiris, v. 12, n. 1, 1997.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência**. Bauru: Edusc, 2001.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Campinas: EDUSC, 2001.

SCHIEBINGER, L. "Getting more Women into Science: Knowledge Issues", **Harvard Journal of Law & Gender**, v. 30, 2007.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1994.

ZARRANZ, A.. Algunos aspectos de la incorporación de la mujer a la Ciencias Argentina (Período 1890-1930). **Actas de la Sexta Jornada de Historia del Pensamiento Científico Argentino**, 1992.

## ARTIGO 2

### LUCÍA TOSI: UMA VOZ FEMINISTA DENTRE *NOSOTRAS* NO EXÍLIO

*“[...]el sadismo no es una ideología política o una estrategia de guerra, sino una perversión moral [...]Esta es nuestra oportunidad. Tal vez sea el último. Señores jueces, quiero utilizar una frase que pertenece ya a todo el pueblo argentino: Nunca más”*  
(Julio Strassera, 1985)

#### INTRODUÇÃO

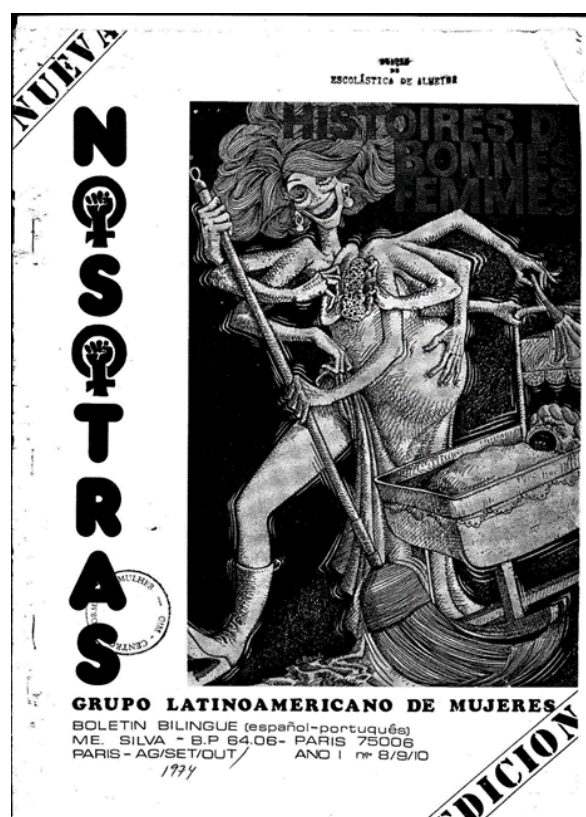
“Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever, mas o correio andou arisco, se me permitem, vou tentar lhe remeter, notícias frescas nesse disco. Aqui na terra tão jogando futebol, tem muito samba, muito choro e rock’n’roll [...]”. No Brasil, em 1976, Chico Buarque ousou ao “mandar notícias” aos amigos exilados da Ditadura Militar por meio da música “Meu caro amigo”, escrita em parceria com Francis Hime. Na Argentina, em 1986, Fernando Solanas revolucionou o cinema político com o musical *Tangos: o exílio de Gardel* que apresentava a “Tanguedia (tango + tragédia + comédia)” vivenciada por um grupo de exilados/as latino-americanos/as em Paris.

É nesse contexto de Tanguedia, que vozes feministas brasileiras e latino-americanas exiladas emergiram, reivindicando direitos, sendo subversivas, criando redes internacionais, mesmo onde os “correios andavam ariscos”. Numa mistura de samba, muito choro, *rock’n’roll* e tango, as participantes do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* encontravam umas nas outras o sentimento de pertencimento e a coragem para lutar por todas “*Nosotras*”, mesmo fora dos seus países.

O *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, organizado inicialmente por Danda Prado, visava reunir principalmente mulheres brasileiras que, por algum motivo – na maioria das vezes, político – viviam em Paris. Dentre estas mulheres, Lucía Tosi se destaca por atuar nas ciências da natureza. O grupo acabou acolhendo mulheres de outros países da América Latina, estabelecendo-se para discutir questões sobre gênero, feminismo e as agendas políticas latino-americanas. A maioria dos homens, companheiros e esposos, geralmente

líderes dos exilados, não apoiavam as atividades do grupo chegando até mesmo a ameaçar retirar o apoio às famílias se as mulheres continuassem a participar daquelas reuniões. Apesar de muitas mulheres se retirarem em decorrência de tais ameaças, o grupo permaneceu existindo. Várias mulheres, dentre as quais a cientista Lucía Tosi, continuaram mantendo as reuniões e passaram a publicar o boletim *Nosotras – Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris* (Figura 16) (PEDRO; WOLFF, 2007).

**Figura 16.** Capa da revista NOSOTRAS - 1974



Fonte. Centro Informação Mulher (CIM)

O periódico *Nosotras* teve seu primeiro número publicado em janeiro de 1974 e circulou até 1976, com um total de 26 edições, sendo escrito em português e em espanhol. No boletim, eram divulgadas ações dos movimentos feministas em diferentes pontos da América Latina e faziam-se citações de textos e ações do feminismo francês (ROSA, 2001; PEDRO; WOLFF, 2007; ABREU, 2013). Dentre suas editoras/colaboradoras, estiveram Danda Prado, Clélia Piza, Vera Tude, Cecília Comegno, Mariza Figueiredo, Naty Garcia Guadilla, e Lucía Tosi. A maioria delas eram mulheres intelectuais, algumas obrigadas a se exilar em decorrência de perseguições políticas vivenciadas por seus maridos.

Nesse sentido, vale ressaltar o fenômeno *brain drain* (evasão de cérebros) descrito por Azevedo (1968), relacionado a grande massa intelectual brasileira que partiu para o exílio. Em 1980, o livro *Memórias das mulheres no exílio* organizado por Albertina de Oliveira Costa e demais colaboradoras, já denunciava o caráter periférico atribuído à história das mulheres intelectuais que foram exiladas, tratadas como meras acompanhantes de esposos e familiares homens. O caso de Lucía Tosi se encaixa nessa crítica, dado o contraste entre as diversas pesquisas e fontes que tratam do exílio de Celso Furtado, esposo de Lucía Tosi durante o período em questão e, as raras menções à Lucía Tosi em pesquisas e documentos oficiais.<sup>12</sup>

No caso específico da história da ciência, a literatura aponta que há poucas pesquisas explorando os aspectos históricos desse período (VIEIRA; VIDEIRA, 2007). Alguns trabalhos como os de Freire Jr. (2007), Clemente (2005), Freire Jr, Videira e Ribeiro (2009), Neto (2010) e Motta (2014) se empenharam em estudar os avanços e retrocessos das ciências após o golpe de 1964. Todavia, nenhum dos estudos mapeados aborda os estudos de Gênero e Ciência ou as opressões de gênero inerentes às mulheres cientistas exiladas nesse período.

Concatenando tais ideias, apresentamos a personagem de interesse desta pesquisa, a cientista Lucía Tosi (Figura 2). Em decorrência do golpe militar de 1964, Lucía Tosi, então casada com o economista Celso Furtado, se exilou do país fugindo da violência e ameaças políticas contra seu marido. Primeiramente, a família Tosi-Furtado foi para os Estados Unidos, onde em 1965 ela fez um estágio de pós-doutoramento no *Sterling Chemistry Laboratory*, da Universidade de Yale. Em 1966, a família se muda para Paris, na França, onde passam todo o período restante do exílio. Nesse período, ela foi pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) na Universidade Paris VI, tendo se aposentado em 1983 (BERALDO, 2017). Na França, Lucía Tosi acompanhou a efervescência do movimento feminista francês que emergiu nos anos de 1960. Foi uma das fundadoras do *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, contribuindo intensamente para a edição de *Nosotras*, através da redação de textos, mas também por meio da participação na impressão quase artesanal da revista, possuindo alguns textos autorais publicados no periódico (ABREU, 2013; BERALDO, 2014).

---

<sup>12</sup> Nesse sentido, não questionamos a importância do Celso Furtado e no comentário não queremos equiparar a expressividade do Celso e da Lucía, sendo nossa intenção apenas traçar um paralelo entre ambos.

**Figura 17.** Lucía Tosi, 1987.



Fonte: Acervo pessoal do professor Carlos Alberto Filgueiras.

Em decorrência de sua formação em química, e seu interesse pelo movimento feminista, Lucía Tosi se tornou uma das pioneiras nos estudos de gênero e ciência, bem como no estudo da história das mulheres nas ciências na América Latina. Ainda na década de 1970, quando as relações de gênero e ciência eram pouco exploradas, até mesmo pelas feministas norte-americanas, Lucía Tosi publicou textos de relevância na área, como “La creatividad femenina en la ciencia” na revista *Impacto, Ciencia y Sociedad* (1975) e “Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras?” nos *Ensaio de Opinião* (1979). Nos textos, Tosi analisa principalmente as carreiras de mulheres nas ciências.

Seu ativismo político não se limitava às questões das mulheres, sendo bastante preocupada com as opressões políticas vivenciadas pelos países latino-americanos, naquele contexto. Mesmo na França, acompanhava os desdobramentos econômicos e políticos da situação na América Latina nos anos 1970, em que não só o Brasil, mas muitos países eram governados por regimes militares ditatoriais. Publicou, em 1973, uma carta na revista *Science*, na qual, de acordo com Beraldo (2014, p. 556) “faz pesadas críticas aos intelectuais americanos que defendiam o sistema econômico em países governados por militares”.

Portanto, neste texto buscamos investigar a relação entre a participação de Lucía Tosi em movimentos políticos durante o exílio em Paris e seu trabalho de ativismo político e feminista na ciência brasileira e Latina-americana. Partimos da hipótese de que, os debates vivenciados por Lucía Tosi e suas “hermanas” no exílio em Paris, foram um propulsor para



que ela se tornasse pioneira nos estudos de gênero e ciências. Um dos indícios para isso é que a primeira publicação da Lucía relacionada a gênero e ciência em periódicos científicos ocorreu apenas em 1975, enquanto nas páginas do periódico *Nosotras* ela já dissertava sobre a temática antes disso. Para isso, tomamos como fonte de pesquisa, os arquivos do periódico *Nosotras*, em posse do Centro Informação Mulher (CIM). Após uma consulta, aproximadamente 20 edições da revista foram disponibilizadas para análise. Foram consultados também, documentos disponíveis nos arquivos sobre atividades de mulheres feministas em exílio na Europa, que fazem parte da coleção do ASMOB - Archivio Storico del movimento operário brasileiro, consultados no CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP); a carta publicada pela Lucía Tosi na revista *Science* em 1972; e o arquivo pessoal da cientista em posse da família Tosi. Além disso, nos apoiamos na literatura secundária.

Assim, o texto será subdividido em três tópicos. Inicialmente será discutida as memórias de mulheres intelectuais no exílio, em que trataremos como o *brain drain* afetou mulheres intelectuais, destacando o caso da Lucía Tosi. Em seguida, apresentamos o *Nosotras* e algumas características do *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris*. Por fim, focamos nas contribuições de Lucía Tosi para o feminismo latino-americano e a introdução da temática feminista na ciência brasileira.

## MEMÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO EXÍLIO

A relação com a experiência exilar se dá em concordância com o tempo e o espaço, com o grupo e o indivíduo. Com isso, as atribuições de sentido e características advindas dessa experiência, estão em relação direta com esses aspectos. Magno José Vilela, dominicano exilado em Paris, por exemplo, falou do exílio como uma “aventura coletiva” e não individual (CAVALCANTI; RAMOS, 1978). Segundo Rollemberg (1999), mais apropriado, contudo, seria percebê-lo como ambas as coisas. Tendo em vista o aspecto histórico presente no deslocamento populacional, é possível perceber que a definição do termo exílio é algo bastante complexo, uma vez que os sentidos atribuídos a tal palavra são ressignificados ao longo das diferentes temporalidades, como também das conjunturas sociais e políticas coexistentes (ROSALEN, 2016).

A partir de 1964, o Brasil enfrentou a maior onda repressiva de sua história recente, adentrando na ditadura civil-militar, momento histórico que durou 21 anos e deixou fortes marcas na memória social e política brasileira. Nos anos de ditadura, houve forte repressão

aos opositores do regime, repressão essa que se consolidava através de uma perseguição sistematizada para privação da liberdade, censura, violência, tortura e exílio, normatizada através dos Atos Institucionais. Destacando-se o AI 5, instaurado no governo do presidente Costa e Silva (1967-69), os “anos de chumbo” da ditadura adotaram dentre outras medidas antidemocráticas, o fechamento do Congresso e a cassação de quem se opunha ao governo com caráter mais repressivo (GASPARI, 2014; SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Cabe lembrar que o êxodo profissional já havia sido iniciado bem antes, tanto no Brasil, quanto em outros países latinos. Durante a primeira metade da década de 1960, o *brain drain* já era um fenômeno crescente, porém silencioso (FERNÁNDEZ, 2019). No entanto, o golpe militar, contando com listas de cassados e fortes repreensões em universidades e centros de pesquisa, causou estardalhaço em nível nacional e internacional, já que a repressão atingiu cientistas, professores, estudantes e políticos, especialmente, os que denunciaram o fato publicamente. O fenômeno do êxodo profissional, com contornos de exílio para alguns mais politizados, não podia mais ser negado e progredia ainda mais.

Com o exílio, a evasão de cérebros perde o caráter silencioso descrito por Fernández (2019) e ganha nuances de denúncia e preocupação social. Afinal, o que restaria das universidades brasileiras? Como sobreviver criticamente ao cenário caótico instaurado se os intelectuais responsáveis por pensar o Brasil se encontravam exilados em um período no qual o acesso ao próprio correio e notícias imediatas era escasso? Por outro lado, a negligência às relações de gênero ao analisar a evasão de cérebros no Brasil, fez com que parte dessa história se mantivesse silenciosa – ou silenciada.

Na década de 1960, havia um quantitativo significativo de mulheres intelectuais, a maioria delas brancas e de classes burguesas (BLAY, 2019). Muitas dessas mulheres viveram a experiência do exílio, ora por consequência de suas próprias reivindicações, ora por serem familiares de homens cassados pelo regime, outras ainda buscaram o autoexílio. O Brasil perdeu grandes mulheres intelectuais no período, algumas construíram carreira nos países de exílio e não mais retornaram. O silenciamento historiográfico e sociológico a essas mulheres enquanto sujeitos que construíram o Brasil, tratando a saída delas do país apenas como um apêndice, quando não retirado por completo das narrativas históricas, causa um déficit na compreensão do que foi o verdadeiro *brain drain* nos contornos do exílio.

Atrelado a esta análise, a compreensão das experiências dos/as exilados/as políticos tem se consolidado nos últimos 30 anos como uma tarefa a cargo de uma autêntica explosão de memórias. De acordo com Yankelevich (2011), o trauma das ditaduras ajuda a explicar a proliferação de testemunhos de diversas origens e sentidos. Ainda segundo essa autora, os

brasileiros, por terem sido os primeiros a saírem para o exílio após o golpe de estado de 1964, foram pioneiros em recolher memórias desse desterro. Duas obras merecem destaque: a primeira, *Memórias do Exílio*, obra coletiva organizada por Abdias Nascimento, Paulo Freire e Nelson Werneck Sodré, publicada em 1976; e a segunda, *Memórias das Mulheres no Exílio*, obra coletiva organizada por Albertina de Oliveira Costa, Maria Teresa Porciuncula Moraes, Norma Marzola e Valentina da Rocha Lima, e publicada em 1980. Yankelevich (2011) afirma que nas últimas décadas muitas coleções foram publicadas a respeito das memórias dos exilados latinos, mas também aponta para uma escassez de publicações expressivas sobre as memórias de mulheres, mostrando que a obra *Memória das Mulheres no Exílio* se configurou por 30 anos como a exclusiva para tratar do assunto. Tal aspecto pode ser explicado, mais uma vez, pelo caráter periférico que a história das mulheres ocupa para narrar a construção do Brasil.

Na tentativa de resgatar brevemente alguns sentidos importantes para construção da história que estamos narrando, demarcamos que, durante as memórias e vivências do exílio, parece existir um paralelo entre dois pólos: naufrágio e descobertas. Quanto ao primeiro, Rollemberg (1999) relata,

[...]a história do dia-a-dia no exílio é a história do choque cultural renovado constantemente, do mal-estar em relação ao outro e, sobretudo, em relação a si mesmo, entre o que se era, e o que se acabou sendo de fato, é a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade, é a história da sua redefinição e da sua reconstrução, que se impunham num processo que se estendeu ao longo das fases do exílio e que continuou para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil. (ROLLEMBERG, 1999, p.40)

Por outro lado, o exílio tornou-se essencial na redefinição das gerações 1964 e 1968. As memórias do exílio são também memórias da convivência com o legado de Maio de 1968, o feminismo, a liberação sexual, as drogas, o questionamento dos códigos morais, as lutas das minorias, a crítica às vertentes do socialismo contemporâneo. Para além das continuidades e dos dois pólos, segundo Rollemberg (2007) o exílio foi, essencialmente, a metamorfose. Ainda em 1976, César Benjamin, na Suécia, chamou atenção para a questão, com suas contradições e ambiguidades:

Paris é uma festa, mas para muitos é também um fim de festa. Há um drama no ar, de que somos protagonistas há vários anos, mas agora com outro caráter. Nossa sorte, ou azar, não sei, mas nossa força, com certeza (mas que se torna a fraqueza de muitos), vem de ser coletivo, quer dizer, histórico. Aqui, porém, vê-se claramente o fim de um ciclo: o mesmo drama que teve suas bases lançadas quando rompemos, com energia mas pouca visão, com nossa classe em 1969, seguindo sem ela a todo vapor, hoje chega a seu ato final, que pode levar, para alguns, toda uma vida, numa profunda crise de identidade que, desnecessário dizer, abre a (difícil) possibilidade de

reconstrução. O triste é ver este drama atual: se no Brasil suas bases estavam lançadas e em desenvolvimento, lá ele se mesclava com o elemento heróico, utópico (no sentido de antítese de mesquinho), tendia ao épico que nos sustentava e dava uma beleza; enquanto aqui, para muitos, do drama resta a tragédia, ou até atinge-se a farsa. A crise de identidade que se vê nos rostos das pessoas sem pátria e sem classe, sem encadeamento entre passado e presente se projetando para frente, vivendo numa eternidade estática e vazia de sentido (é bom, por sinal, eu estar lendo agora *A Montanha Mágica*), a crise de identidade, repito, se é forte e dura, nos abre ao mesmo tempo a possibilidade de sua reconquista em outro nível, maior, mais profundo e humano, porque optada. Trata-se de um desafio. Creio que muitos não o vencerão, mas os que sobreviverem terão algo a dizer [Carta de César Benjamin a sua mãe, Iramaya Benjamin. Estocolmo, 16 de novembro de 1976. p. 1] (ROLLEMBERG, 1999).

Blay (2019) pondera que no exílio as vivências femininas e masculinas tiveram diferentes rumos. Segundo a autora, alguns homens conseguiram ocupar cargos importantes em universidades e jornais dos países que lhe deram exílio. Mas, apesar disso, a maior parte dos homens se dedicavam, mesmo que utopicamente, a uma reorganização partidária. Nos relatos memorísticos de algumas mulheres exiladas, elas relatam ironicamente os encontros e utopias protagonizados por seus companheiros em mesas de bar.

Por outro lado, muitas das mulheres precisavam garantir a sobrevivência financeira do grupo familiar, além de militarem para a sobrevivência física dos novos exilados, arranjando moradia, alimentação e cuidados com as crianças. Muitas delas, mesmo tendo formação acadêmica, não conseguiram ocupar cargos como seus companheiros. Outras, como foi o caso da Lucía Tosi, conseguiram não só os cargos almejados, como construíram uma grande carreira em solo estrangeiro.

As assimetrias entre homens e mulheres não se apresentavam como questões relevantes naquele momento (YANKELEVICH, 2011). Muitas mulheres se referem a um processo de “masculinização” ou “dessexualização”, que parece refletir não somente a ideia do revolucionário, do militante, como um ser, cujo sexo seria indiferente, mas, também nessa “dessexualização”, a imposição dos modelos de masculinidade vigentes. Num ambiente dominado pelos homens como o da militância política, para as mulheres, ser aceita passava muitas vezes pela assunção dos códigos existentes e o apagamento de características consideradas tipicamente femininas e inapropriadas ao exercício da política revolucionária.

Em entrevista concedida à Maíra Abreu (2010), Regina Carvalho remete a esse aspecto quando diz:

Era como se não existisse diferença entre os sexos. (...) Em princípio acho que essas diferenças não podiam aparecer (...). Tínhamos que nos afirmar como ser humano sendo igual aos companheiros sem considerar as contradições que vivíamos, porque a nossa libertação passava por essas

atividades políticas, mas não metíamos o dedo na nossa opressão. (ABREU, 2010, p.55)

Sônia, exilada que participou do movimento feminista francês mas não dos grupos feministas de brasileiras, observa o mesmo fato, caracterizando-o, contudo, mais como uma dimensão “ideológica”, em sentido negativo:

A teoria que pairava era que mulher e homem são iguais. A gente era militante, soldado da revolução, e soldado não tem sexo! Era mais ou menos a história dos anjos sem sexo, os anjos redentores da liberação! (...) Na prática as relações entre homens e mulheres eram muito difíceis. (ABREU, 2010, p.55)

No exílio no México, Cuba, Chile e França, as mulheres se reuniam e discutiam o feminismo que se estruturava nesses países. Nesse contexto surge o *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, organizado por Danda Prado e o Comitê da Mulher Brasileira, organizado por Zuleika Alambert, mais próximos ao PCB. Posteriormente, a maior parte dessas mulheres se reuniram para formar o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (BLAY, 2019; ABREU, 2010).

Dentre as fontes que consultamos para a escrita desta narrativa, não encontramos nenhum tipo de relato memorístico da Lucía Tosi. No entanto, acreditamos que as memórias de outras também podem nos dizer sobre ela e, por isso, demarcamos como fundamental compreender minimamente os sentimentos vivenciados por estas mulheres. Além disso, contamos com um relato do professor André Tosi Furtado, filho da Lucía, que nos demonstra a angústia vivenciada pela Lucía, bem como a importância de se unir a grupos de mulheres exiladas como uma forma de pertencimento, possibilitando inúmeras rupturas com o modelo de feminilidade vigente.

Glorinha, em depoimento para o livro *Memória das mulheres do exílio* (COSTA, et al, 1980), destaca essa relação do ambiente político-cultural com transformações na forma de ser da práxis cotidiana:

Eu acho que se a nossa militância política implicou rupturas com a família, com valores, é porque há uma particularidade nessa militância. No momento histórico em que ela se dá havia uma tentativa de crítica ao stalinismo, de construção do homem novo trazido pela revolução cubana ou pela revolução cultural. A gente tentava um mínimo de inserção do político no cotidiano, quer dizer, não éramos só a pessoa heroica no sentido de transformar o mundo, também nos questionávamos: saímos de casa não casando, tentando romper com a virgindade, tentando desmistificar o casamento. (COSTA, et al, 1980, p. 32)

Apesar disso, é necessário enfatizar que a percepção de aspectos relacionados à reprodução do machismo nas organizações de esquerda se deu para a maioria das militantes

brasileiras somente no contexto do exílio, a partir da proximidade com o movimento feminista europeu, notadamente o francês. Este contato proporcionou, para muitas, elementos para uma releitura da militância no Brasil. Mais à frente, notaremos que a própria Lucía Tosi defendeu nas páginas do periódico *Nosotras* a ruptura do feminismo Latino-americano com o que ela chama de política partidária esterilizante. Os relatos a seguir, mostram a importância desse contato com o feminismo no exílio.

“Eu não tinha nenhuma reflexão anterior ao Círculo de Mulheres sobre a questão da mulher, eu era uma militante profissional de uma organização marxista-leninista que se propunha a mudar o mundo mas não tinha nenhuma reflexão até então sobre o que era ser uma mulher dentro de uma organização, o que era ser uma mulher que se propunha construir o socialismo e muito menos se tinha alguma especificidade nessa militância.” [Entrevista - Angela Muniz] (ABREU, 2011, p. 78)

“Foi no meu novo país de exílio que tomei consciência mais clara da condição de inferioridade da mulher. Nunca pensava antes na minha situação como mulher, embora achasse importante integrar as outras mulheres na luta política, sobretudo as operárias. Não via então que nos organismos que definiam as linhas políticas, que tomavam as decisões, o número de mulheres era mínimo. Mesmo nós, que vínhamos da Universidade, tínhamos uma participação insignificante a este nível. Mas naquela época não me dava conta disso. Foi preciso tomar contato com os movimentos feministas de um país mais desenvolvido para que eu passasse a pensar nestes problemas. No princípio, achava que o movimento feminista era um negócio totalmente louco, que não tinha nada a ver com o processo real, que era um grupo de mulheres alienadas. A minha visão em relação a este movimento era extremamente crítica, pois achava que o importante era fazer o que fazíamos no Brasil: integrar as mulheres na política, dentro de uma perspectiva socialista. Mas quando começo a conhecer a luta feminista que se desenvolve em todos os países desenvolvidos, a ver que ela é realmente a expressão de uma situação de dominação e a tentativa de romper com isso, consigo compreender a sua razão de ser. (COSTA, Albertina. et. al. Memórias... Op. cit., p. 316-317).

Esse tipo de vivência parece ter afetado a maioria das mulheres que vivenciaram o exílio em Paris. André Tosi Furtado, recorda em entrevista, que a mãe sempre teve preocupações feministas e mesmo cumprindo os papéis sociais impostos à mulher, mantinha-se subversiva no ambiente privado. Todavia, ele relata que o contato de Lucía com o feminismo francês e com o grupo de mulheres latino-americanas em Paris, fez com que essa subversão adentrasse também sua vida acadêmica, mobilizando inquietações teóricas e políticas a respeito do tema.

QUEM SÃO “NOSOTRAS”?

As décadas de 1960 e 1970 são demarcadas por novas inquietações feministas, denominada de segunda onda feminista, que se dividia entre concepções essencialistas e universalistas sobre o “nós” que representava os diversos movimentos emergentes. Apesar de surgirem pautas comuns ao redor do globo, as aspirações de luta das mulheres emergiram de forma dicotômica em diferentes contextos. As mulheres que deram início à segunda onda feminista na Europa e nos Estados Unidos partilhavam, em sua maioria, algum tipo de vinculação com movimentos que eclodiram nos anos 1960, como por exemplo, organizações de esquerda, movimento negro, grupos pacifistas ou movimento estudantil. É no contexto desse “caldo de cultura” rebelde que o movimento deve ser entendido. Ideias como a politização do privado e críticas à democracia representativa, ao modelo de revolução defendido pelos partidos comunistas e às políticas reformistas, já estavam em cena e seriam incorporadas e radicalizadas por amplos setores do movimento feminista desse período.

Desse modo, para compreender a construção da identidade do *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris* é essencial tomar como paralelo o que se estava em questão quando se tratava de feminismo na América Latina/Brasil e na França, durante a década de 1960 e 1970.

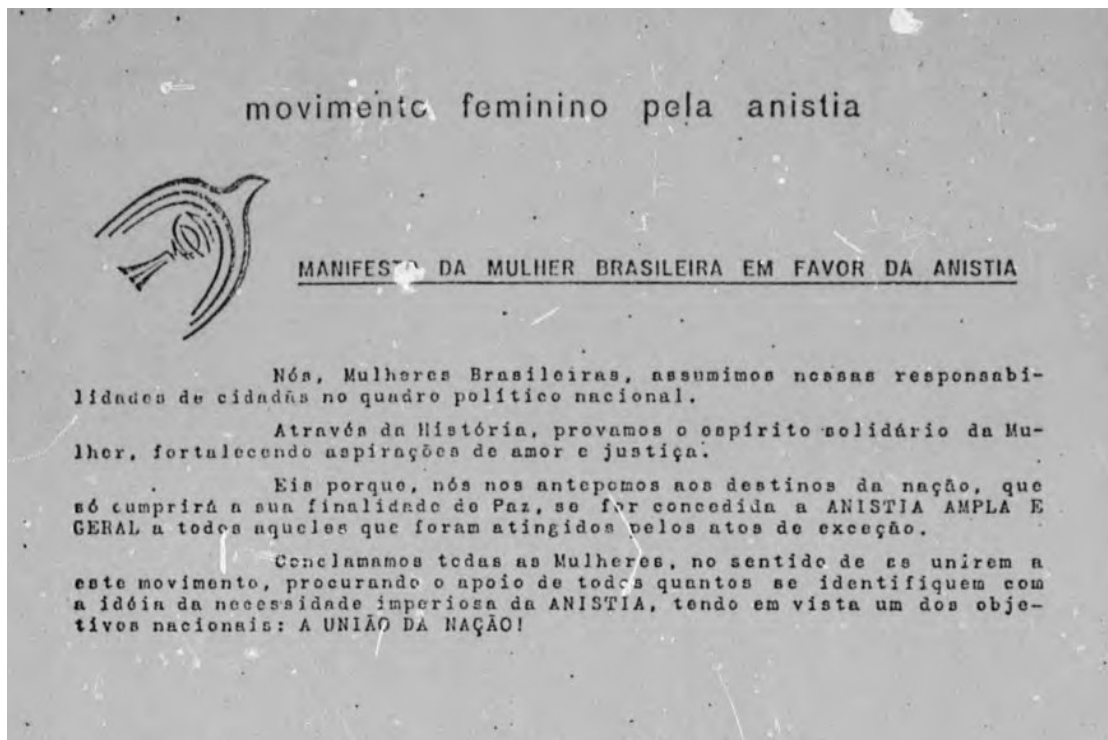
Na América Latina, o termo “feminismo” parecia estar, nos anos 1960, fortemente atrelado à ideia de um movimento burguês. Entre mulheres de esquerda, o termo não era comumente utilizado. As mulheres vinculadas ao Partido Comunista Brasileiro, que faziam o “trabalho feminino” nos anos 1940-1950, também não se identificavam como feministas. Além disso, havia a ideia de que o feminismo seria inapropriado para a realidade brasileira, marcada por problemas mais urgentes a resolver, além do feminismo ter sofrido com estereótipos, tais como ser um movimento de lésbicas (ABREU, 2010). Embora nem todas as mulheres militantes enquadrassem o feminismo nesses termos, essa imagem parece ter sido bastante difundida.

Blay e Avelar (2019), destacam que nos países latinos que vivenciaram regimes totalitários, como o Brasil, antes do aprofundamento teórico atrelado ao feminismo, havia uma tarefa urgente de reconquista da democracia. Nesse sentido, essa passou a ser uma tarefa primordial, mesmo que não exclusiva, das feministas latinas e brasileiras, priorizando-se a luta democrática feminista. O movimento das mulheres no Brasil foi um importante marco na reconquista da democracia.

Vale destacar que durante a década de 1970, um intenso movimento aglutinador de mulheres passou a demandar a anistia dos presos políticos e o retorno dos exilados. Altamente politizado, o Movimento Feminino pela Anistia (figuras 18 e 19), liderado por Therezinha

Zerbini, se espalhou pelo país. Esse movimento tornou-se um precursor do Movimento Nacional pela Anistia, de 1979, sendo um marco simbólico e concreto para o retorno da democracia. Os movimentos das mulheres pela anistia repercutiram por toda a América Latina, a exemplo da Manifestação das Mães da Praça de Maio (em espanhol, *Asociación Madres de la Plaza de Mayo*), uma associação argentina de mães que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante o terrorismo de Estado da ditadura militar que governou o país entre 1976 e 1983. Tentando descobrir o que ocorreu com seus filhos, elas realizaram passeatas em 1977 na Praça de Maio, em Buenos Aires, em frente à Casa Rosada, sede do governo argentino, em desafio público ao terrorismo de Estado do governo, destinado a silenciar toda a oposição política.

**Figura 18.** Manifesto da Mulher brasileira em Favor da Anistia.

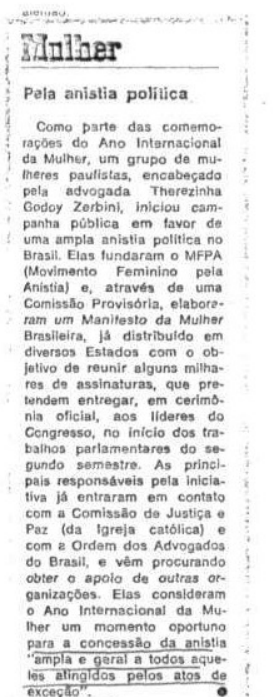


Fonte. Arquivo Nacional.



**Figura 19.** Publicação na revista Visão (1975).

Revista "VISÃO" - 09 Jun 75.



Fonte. Arquivo Nacional

Segundo Costa (2010) três aspectos foram fundamentais na gênese do movimento feminista brasileiro nos anos 1970 e 1980: a luta contra o autoritarismo em um cenário de modernização econômica e cultural; a elevação do número de mulheres na força de trabalho e no nível educacional; e a proximidade com movimento feminista internacional. Quanto ao último aspecto, perceberemos que o contato de mulheres exiladas com outras perspectivas feministas, torna-se essencial para a criação de uma real agenda feminista latino-americana.

Simultaneamente, na França, o Maio de 68 representou uma contestação a diversas formas de hierarquia, para além daquelas ligadas às relações de classe.<sup>13</sup> No entanto, segundo Abreu (2010), a “questão feminina” não apareceu senão de forma periférica nesse contexto. Para Zancarini-Fournel (2002), mesmo que a consciência das identidades de gênero não tenha sido afirmada publicamente senão depois de 1968, a questão do masculino e feminino estava surgindo nos eventos de maio-junho de 1968. E, em 1970, nasceria o *Mouvement de liberation des femmes (MLF)*.

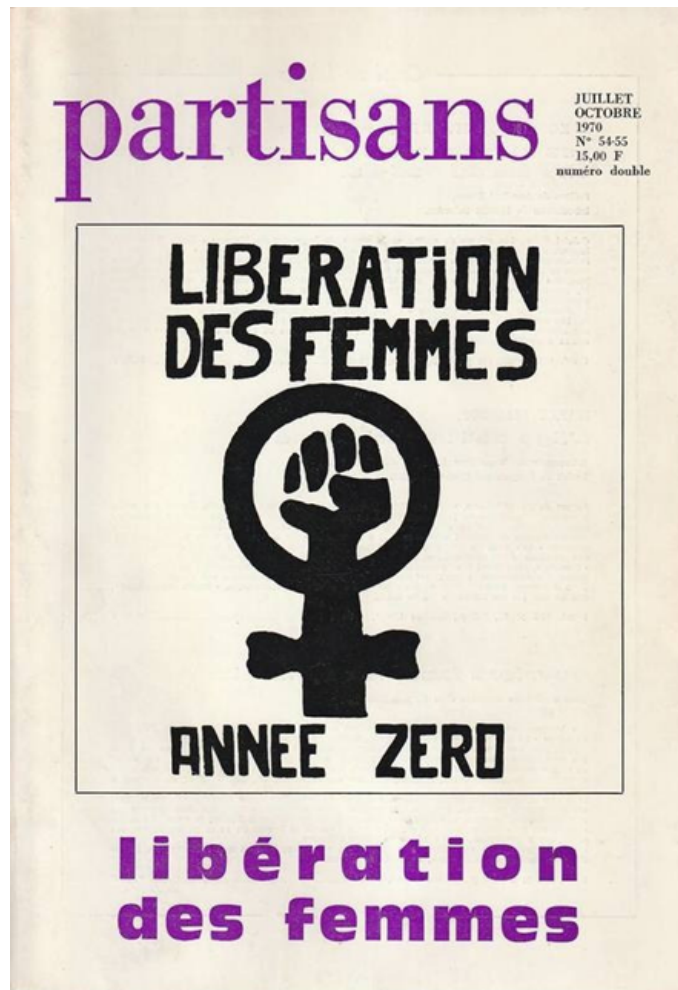
<sup>13</sup> O Maio de 1968 foi um movimento político na França que, marcado por greves gerais e ocupações estudantis, tornou-se ícone de uma época onde a renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de uma cultura jovem.

Para Picq (1994), o MLF nasceu da confluência de dois principais sistemas de análise: a obra de Beauvoir e o marxismo. Para François Dosse (2021), *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir foi um livro-acontecimento, marcando uma geração inteira de mulheres e caindo como um aerólito em uma França destruída pelas guerras, marcada por medidas para incentivar famílias numerosas e manter as mulheres no lar, engendrando o famoso *Baby Boom*. Já o marxismo era o quadro teórico dos militantes de maio de 68 e militantes do MLF que utilizavam alguns autores desse universo intelectual para legitimar suas lutas, dentre os quais Friedrich Engels, August Bebel, Franz Fanon e o movimento ‘*Black power*’. Do marxismo, tomariam a ideia de luta coletiva e projeto revolucionário, além dessa corrente teórica ser uma referência para a discussão sobre trabalho doméstico, base para a formação da “classe” das mulheres segundo algumas análises.

O MLF, partia do princípio de que só o oprimido pode analisar e teorizar sua própria opressão e, conseqüentemente, escolher os meios de luta. A teoria seria um resultado da experiência coletiva das mulheres. Assim, as publicações do grupo eram geralmente realizadas no coletivo, pois buscava-se falar em nome de todas as mulheres (PICQ, 1994). Além disso, o movimento era exclusivamente de mulheres, de modo que homens não eram aceitos em reuniões dos grupos. Na primeira publicação coletiva do movimento, um número duplo da revista *Partisans* (julho-outubro de 1970, figura 20), esse aspecto já é ressaltado:

Nós tomamos consciência de que, a exemplo de todos os grupos oprimidos, nós deveríamos assumir a tarefa de lutarmos pela nossa própria libertação. Com efeito, da mesma maneira que são desinteressados, os homens não estão diretamente preocupados e, objetivamente, tiram vantagens da sua situação de opressores. Somente o oprimido pode analisar e teorizar sua opressão e, por conseguinte, eleger os meios da luta. Revelou-se que, nas assembleias mistas, as mulheres não se sentem livres para exprimir sua revolta na presença dos seus companheiros. (PARTISANS, 1970)

**Figura 20.** Capa da revista Partisans, 1970.



Fonte. Moléculas Malucas - *Archivos y memorias fuera del margen* (2021)

Nesse contexto, se tornou frequente o desenvolvimento de grupos de autoconsciência ou reflexão como instrumento de politização do privado, conhecidos como *consciousness-raising groups*, nos EUA. Estes eram pequenos grupos que partiam das experiências pessoais e cotidianas das mulheres, tendo como objetivo levá-las à percepção de uma opressão comum e à criação de uma identidade que superasse as suas “experiências atomizadas e fragmentárias” (PEDRO; WOLFF, 2007).

Aparentemente, o *Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris*, surge inicialmente com um grupo de autoconsciência organizado por Danda Prado e que visava reunir especialmente mulheres latino-americanas que viviam no exílio. Apesar de fortemente influenciadas pelas reivindicações do MLF, estas mulheres estavam muito mais interessadas em compreender a identidade que as mulheres latino-americanas possuíam enquanto “nosotras”. Destaca-se isso, no trecho da fala de Danda Prado:

Eu fiquei muito espantada quando cheguei em Paris, porque eu, até então, só tinha participado de grupos políticos, nunca tinha atuado em grupos de mulheres. No Brasil, não existiam grupos de mulheres. E quando eu cheguei na França, em 1970, em todo canto eu via uns cartazes estranhos, às vezes escritos à mão dizendo REUNIÃO DE MULHERES. Como não consegui descobrir o endereço dos encontros, acabei pedindo informações para Simone de Beauvoir (que eu conheci durante visita dela ao Brasil). Ela me disse que achava a minha visão de mundo muito esquerdizante e radical e que eu não ia me entender bem com as francesas. Então ela sugeriu arranjar uma moça que já tinha estado em Cuba, e que provavelmente teria um contato que se adequaria melhor às minhas ideias. [Entrevista concedida a Máira Abreu em 2010].

O grupo *Nosotras* levou muitas mulheres a se tornarem feministas, dentre elas, destacamos o relato de Maricota da Silva, na coletânea de depoimentos “Memórias das mulheres do exílio”, em que narra como constituiu uma identidade como mulher nessas reuniões promovidas por Danda Prado:

Pra mim uma experiência muito importante no exílio, certamente eu não a teria vivido no Brasil, foi o grupo de mulheres da América Latina, organizado por Danda Prado. (...) o que interessava fundamentalmente era ver como nós éramos parecidas; era a gente ver como a nossa dor, enfim como a nossa... como o nosso inconsciente tinha sido forjado da mesma maneira (SILVA, 1980, p.32).

Segundo Pedro e Wolff (2007) esse depoimento traz a constituição da identidade de “mulher” formulada no grupo, a constatação de que as mulheres são iguais na “dor” e no “inconsciente”.

Assim, questões sobre o que seria o feminismo, sobre a validade de suas propostas, particularmente em países subdesenvolvidos, além de questionamentos sobre a possibilidade de se articular uma luta a partir de ‘algo comum’, foram recorrentes para muitas mulheres que tomaram contato com o feminismo nesse contexto. Pode-se observar no trecho a seguir:

Tudo aconteceu como se fôssemos uma bola de neve: duas ou três mulheres latino-americanas escrevendo suas teses de doutorado sobre mulheres. Nos deparamos pela primeira vez com as seguintes perguntas: por que as feministas francesas pensam isso? O que significa feminismo? O feminismo é um movimento que faria sentido apenas em um país industrializado? O que é comum ou diferente entre as mulheres mexicanas, venezuelanas, argentinas, brasileiras, francesas? (EDITORIAL, 1974, p. 1, tradução nossa).

Apesar do reconhecimento do papel do MLF, a relação do grupo com esse movimento não se configurou como uma assimilação acrítica e descontextualizada. Ao contrário, o tema da especificidade latino-americana se impôs desde o princípio. Assim, o ‘nosotras’ do qual falava o grupo era um “nós mulheres”, mas tratava-se principalmente de um “nós mulheres latino-americanas”:

[...]a realidade de cada país, marca profundamente as táticas de uma luta política. E o feminismo é político. Algumas tradições profundas de nossos povos, como a religião católica e o “machismo”, dão um caráter específico às reivindicações que só poderão ser formuladas, teórica e concretamente pelas feministas de cada país latino-americano. (PRADO; FIGUEIREDO, 1974)

Atraídas por esses novos movimentos, as mulheres latino-americanas se envolveram e participaram dos grupos de consciência ou das grandes assembleias do movimento de mulheres francesas. Surgiu então a necessidade de analisar a especificidade da situação das mulheres latino-americanas e o Grupo de Mulheres Latino-americanas foi criado com o objetivo de comparar e buscar as diferenças entre mulheres de diferentes países do mundo. (GUADILLA, 1980, p. 11, tradução nossa)

Abreu (2013) enfatiza que, para o grupo, a elaboração de uma teoria feminista latino-americana deveria ser “uma tarefa dos grupos feministas no nosso continente”, pois, “assim como cabe à mulher, e não ao homem, a determinação de seu próprio combate, cabe às mulheres de cada país a determinação do caráter específico/geral de sua luta”. Dadas as condições históricas e culturais da América Latina, as estratégias para superar o machismo seriam muito diferentes da mulher europeia e norte-americana.

## POR UMA AGENDA FEMINISTA POLÍTICA E CIENTÍFICA NO BRASIL

Lucía Tosi parece ter se preocupado constantemente com os rumos que a ciência tomava nos países latino-americanos durante a segunda metade do século XX. Demarcado por uma ciência moldada na censura, pensar o desenvolvimento científico do país, ainda mais afirmando às mulheres seu papel fundamental para as “atividades criadoras”. Vale destacar que, na década de 1970, Lucía já ocupava um cargo na *Université Paris VI*, que lhe assegurava um certo renome. Apesar de dedicar sua carreira nesta universidade ao laboratório de Química, a cientista utilizava de sua influência para refletir sobre os rumos da ciência latino-americana.

Além de inúmeros textos publicados nas páginas da revista *Nosotras* - que serão tratados mais à frente - um episódio ímpar que precisa ser narrado é a publicação de uma carta escrita pela Lucía para a revista *Science*, em 1972, intitulada “*Latin American Development*”. No texto, Lucía replica publicações anteriores na revista, que pareciam possuir um olhar pouco crítico e descontextualizado de como se dava a ciência em países subdesenvolvidos, ainda mais sob repressões políticas. Dada a relevância da *Science* no ambiente acadêmico, uma carta-protesto com o teor dos escritos da Lucía, mostra a coragem dessa cientista.

Na carta em questão, Lucía critica os cientistas americanos que apoiaram ou negligenciaram a situação econômica e política dos países latino-americanos, apontando o desconhecimento dos cientistas americanos sobre os problemas sociais, políticos, econômicos e científicos da América Latina. Nesse texto, Lucía diz que os cientistas americanos teriam uma grande dificuldade para entender o que significava o subdesenvolvimento.

A cientista inicia a carta se contrapondo a dois editoriais publicados na revista por Phillip Abelson (1913-2004),<sup>14</sup> que afirmou que “se os países mais pobres querem se desenvolver, devem fazê-lo principalmente através de seus próprios esforços”<sup>15</sup>. Lucía argumenta que em muitos desses países, o Estado havia tido um papel estratégico na promoção do desenvolvimento do setor industrial, mas as condições estruturais internas teriam orientado a produção de bens para satisfazer o consumo das classes média e alta. Lucía se refere ao fato de que, como forma de dominação econômica, a corporação multinacional estaria fazendo com que o planejamento, as tomadas de decisão e o conhecimento financeiro, científico e tecnológico fossem localizados nos países industrializados. A autora afirma que os profissionais na América Latina não tinham oportunidade de usar seu conhecimento na indústria, e:

[...]o que ele [Abelson] provavelmente ignora é que os profissionais da América Latina "não têm oportunidades de usar o conhecimento nas indústrias estabelecidas e menos ainda de exercer sua capacidade de inventar, criar e usar suas qualificações de pesquisa para aprimorar técnicas e produtos manufaturados... os projetos e os planos de fabricação de bens industriais nas subsidiárias locais já chegam da matriz. (TOSI, 1972, p.11, Tradução nossa)<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Foi um físico americano, editor científico e escritor de ciência. Treinado como físico nuclear, ele co-descobriu o elemento neptúnio, trabalhou na separação de isótopos no Projeto Manhattan e escreveu o primeiro estudo de propulsão marinha nuclear para submarinos.

<sup>15</sup> Traduzido de : “If the poorer countries are to develop they must do so largely by their own efforts” (ABELSON, 1972)

<sup>16</sup> Traduzido de: “what he probably ignores is that Latin America professionals " have no opportunities to use knowledge in the established industries and even less chance to exercise their ability to invent, create and use

Lucía teceu críticas, por exemplo, à citação de Abelson sobre o Brasil como exemplo de mudança econômica rápida, contra-argumentando que esse seria um exemplo de crescimento que atendia às corporações multinacionais e beneficiava uma minoria (5%) da população. Lucía afirmou que Abelson não teria mencionado casos de países como Chile, Peru e Cuba, que estariam, naquele tempo, tentando, apesar das dificuldades, mudar sua estrutura econômica e social com o intuito de beneficiar a maioria.

A autora conclui que nos países da América Latina qualquer tentativa de tratar o problema do subdesenvolvimento, constituía uma ameaça ao estado de dependência econômica sob o qual os países cresciam:

Na maioria dos países latino-americanos, qualquer tentativa de enfrentar o problema do subdesenvolvimento constitui uma ameaça ao estado de dependência econômica em que esses países estão crescendo; esse tipo de "crescimento econômico" é uma fraude maliciosa. A maioria dos estudiosos latino-americanos não tem liberdade nem mesmo para discutir em seus próprios países os problemas relacionados ao impacto da ciência e da tecnologia em uma sociedade subdesenvolvida, pois as universidades que são o local para fazê-lo são proibidas para eles. (TOSI, 1972, p. 11. tradução nossa)<sup>17</sup>

## CONTRIBUIÇÕES DE LUCÍA TOSI PARA O FEMINISMO LATINO-AMERICANO

É necessário compreender que, em meados da década de 1970, estava começando a surgir de maneira sistematizada as primeiras organizações feministas da América Latina. Até então, as mulheres participavam de movimentos sociais e políticos, no entanto quase sempre desempenhavam papéis secundários. Além disso, poucas vezes pautas ditas “femininas” eram levantadas em tais movimentos. Em 1975, com o Ano Internacional da Mulher na ONU, inaugurou-se um certo avanço, pelo menos no quesito de maior visibilidade da luta das mulheres. Na primeira edição de 1975 (Figura 21), a revista *Nosotras* (p.1), já enfatizava que o Ano Internacional da Mulher não seria um ano de festejos: “Inaugura não com festejos porque a situação da mulher não justifica alegria, mas como um ato de denúncia: uma

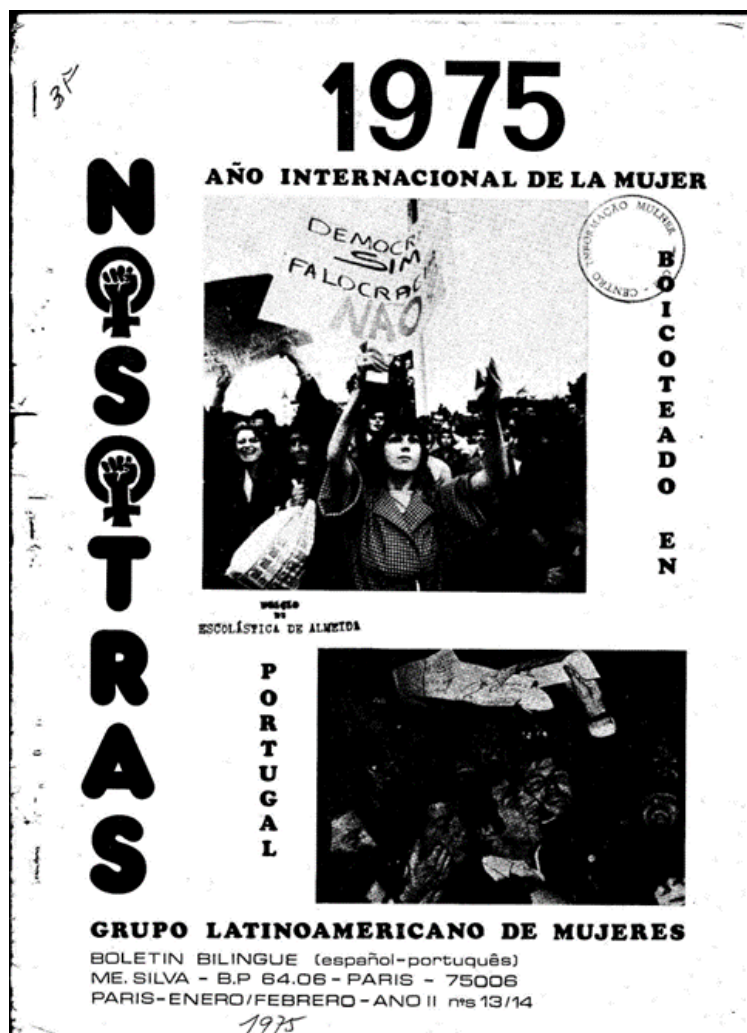
---

their research qualifications to improve techniques and manufactured products... The designs, the projects and the plans for manufacture of industrial goods in local subsidiaries arrive already fashioned from headquarters”.

<sup>17</sup> Traduzido de: “In most Latin American Countries, any attempt to tackle the problem of underdevelopment constitutes a threat to the state of economic dependence under which those countries are being allowed to grow; this sort of "economic growth" is a mischievous fraud. Most Latin American scholars are not even free to discuss in their own countries the problems related to the impact of science and technology on an underdeveloped society, as the universities which are the place to do so are forbidden to them.”

fogueira. propomo-nos queimar todos os símbolos de opressão da mulher[...]" (EDITORIAL, 1975, p.1).

Figura 21. Capa de *Nosotras*, edição de janeiro/fevereiro, 1975.



Fonte. Centro Informação Mulher (CIM)

No Brasil, o Ano Internacional da Mulher foi marcado pela realização de um seminário na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) que contou com a apresentação de várias pesquisadoras da área e que marcou a criação de grupos feministas no Brasil. Curiosamente, Celso Furtado foi um dos convidados a se apresentar no seminário. Sobre esse episódio, a professora Hildete Pereira de Melo Hermes de Araújo, diretora-financeira do Centro Celso Furtado, na gestão da professora Maria da Conceição Tavares, traz indicativos de influência de Lucía Tosi na postura de Celso, apesar de se incomodar com o ofuscamento gerado pelo pronunciamento do economista.



O surgimento de grupos feministas nos países de exílio, como foi o caso de Paris, proporcionou novas reflexões sobre diferentes contextos geopolíticos em que pautas feministas já se encontravam com maior destaque. Todavia, não se tratava apenas de observar como o movimento feminista se desenvolvia, por exemplo, nos Estados Unidos, na França e na Suécia de forma acrítica – muito menos acreditava-se que tal estrutura se aplicasse por completo aos países latino-americanos. Nesse sentido, alguns dos textos publicados por Lucía Tosi, não só refletem criticamente sobre a agenda feminista destes países, como também apresentam proposições que acreditamos ter colaborado na construção de uma teoria feminista latino-americana.

Neste tópico, três textos publicados por Lucía no periódico *Nosotras* merecem menção: o primeiro, “El Movimiento Feminista y su Impacto” publicado no nº 15 da revista *Nosotras*, em 1975; o segundo, “La participación de la Mujer em la Actividad Económica” publicado nos nº 16/17/18, de 1975; e, por fim, o artigo “*Ser Mujer em Suecia*”, publicado nos nº 21/22, de 1975.

Em tais textos, Lucía Tosi, apresenta críticas à forma como os partidos de esquerda pensavam as políticas feministas, apontando como a centralidade da classe social por vezes não resolvia questões atreladas a outros demarcadores sociais, especificamente o de gênero. Além disso, criticava a forma como os países da América Latina estereotipavam o movimento feminista de países desenvolvidos como sendo uma luta extremamente burguesa e de mulheres ociosas:

Em certos meios “progressistas” da América Latina se considera o feminismo como uma excentricidade dos países ricos, uma forma de ocupação de mulheres ociosas e semineuróticas. Se diz também que os grupos feministas representam uma pequena proporção da população feminina desses países e que em geral, estão divididos, o que os torna menos eficazes. Se argumenta ainda, que essa eficácia é enfraquecida pela ausência de uma linha política definida. (TOSI, 1975, p. 1)

Lucía Tosi concentrou-se em tecer críticas a cada um desses estereótipos. Primeiramente, afirmou que o movimento feminista de países como EUA e França se concentram em grupos de mulheres que em sua maioria são da classe média ou da classe trabalhadora, apontando ser errôneo rotulá-las como ociosas, visto que muitas desempenham duplas jornadas de trabalho, conciliando carreira profissional e serviço doméstico.

Quanto a ser um movimento sem grande aderência da população feminina e com diversas vertentes e divisões, a autora argumentou que, apesar da veracidade dessa afirmação, ela não significava muito, pois mesmo em pequenos grupos, as mulheres feministas vinham

conseguindo alcançar seus objetivos e, mesmo divididas, possuíam lutas em comum. Lucía citou como exemplo a aprovação da Lei do aborto na França<sup>18</sup>, em 1975, sendo, segundo a autora, uma conquista do trabalho desempenhado por diversos grupos feministas nos dois anos que antecedem a aprovação da lei. Alguns textos da revista trataram desse tema, como o texto destacado na figura 22, escrito por Mariza Figueiredo.

**Figura 22.** Texto de Mariza Figueiredo na revista *Nosotras*, 1974.



Fonte. Centro Informação Mulher.

Lucía utilizou esse exemplo, para defender que o movimento feminista não precisava necessariamente estar alinhado a nenhum partido político, como ressalta o trecho a seguir:

A aprovação da lei sobre a interrupção voluntária da gravidez na França é um exemplo ilustrativo disto. De acordo com a opinião generalizada este tipo de lei só poderia ser aprovada depois que triunfasse um governo de união da esquerda. Se considera que a sociedade francesa é em demasiado tradicionalista, e que jamais, agendas consideradas drásticas poderiam ser realizadas, estando no poder um governo de centro-direita. Por outro lado, a alta hierarquia católica estaria disposta a queimar todas as suas baterias e usar todos os meios de pressão ao seu alcance para impedir que em um país católico se promulgasse esse tipo de lei, o que criaria um precedente

<sup>18</sup> Em 24 de novembro de 1974, Simone Veil, então ministra da Saúde, discursou na Assembleia Nacional francesa colocando em votação a legalização do aborto, que naquela época obrigava cerca de 300 mil mulheres a procurarem saídas clandestinas, humilhantes e perigosas para interromper a gravidez indesejada. A lei “Veil” que descriminaliza a interrupção de gravidez na França foi finalmente promulgada o 17 de Janeiro de 1975 para 5 anos e o 31 de Dezembro de 1979 a lei se tornou definitiva.

perigoso. [...] A razão para isso reside, possivelmente, em que seu alcance (dos grupos feministas) é maior por não estar ligado a nenhuma estrutura de poder e a nenhum partido político. (TOSI, 1975, p. 1-2, tradução nossa)<sup>19</sup>

Segundo Lucía Tosi, apesar de minoritários e não serem associados diretamente a nenhum partido político hegemônico ou contra hegemônico, esses grupos feministas franceses conseguiram conscientizar mulheres de diversas camadas sociais, mobilizar a opinião pública e classe médica; a ponto de incitar o próprio governo a propor esta demanda a câmara por meio de um projeto desenvolvido por Simone Veil<sup>20</sup>, a quem Tosi tece elogios. Tosi também acreditava que tal lei não teria sido aprovada se fosse proposta por um partido de esquerda, visto que eram minoria na câmara.

Ainda com relação à desvinculação dos movimentos feministas aos partidos políticos, de acordo com Tosi, de um lado os partidos de direita se aborreciam por acreditarem que esses grupos tinham a intencionalidade de destruir os valores morais da sociedade burguesa e da família – posicionamento sobre o qual, ironicamente, Tosi afirmou que eles tinham razão. Por outro lado, os partidos de esquerda não priorizavam as lutas femininas e acreditavam que toda pauta específica das mulheres poderia criar um conflito entre ambos os sexos da classe trabalhadora, crença que foi criticada por Tosi, nos seguintes termos:

Os partidos de esquerda [...] não consideram que o movimento feminista seria capaz de criar contradições que impliquem num impulso revolucionário. Não percebem que as mulheres constituem um pilar em que se apoia a sociedade burguesa e que são necessariamente elas que podem causar mudança em profundidade. (TOSI, 1975, p.2, tradução nossa)<sup>21</sup>

Assim, observou que eram os partidos políticos que tendiam a ignorar a luta das mulheres, mas que isso não se configurava como um empecilho, visto que abriu margem para maior liberdade de ação por não estarem vinculadas a nenhuma “ideologia esterilizante”.

---

<sup>19</sup> Traduzido de: “La aprobación de la ley sobre la interrupción voluntaria del embarazo en Francia es un ejemplo ilustrativo de ello. Según la opinión generalizada, este tipo de ley sólo podía aprobarse después de que hubiera triunfado un gobierno de unidad de izquierda. Se considera que la sociedad francesa es demasiado tradicionalista, y que agendas consideradas drásticas nunca podrían llevarse a cabo, con un gobierno de centro-derecha en el poder. Por otro lado, la alta jerarquía católica estaría dispuesta a quemarse las pilas y utilizar todos los medios de presión a su alcance para impedir que este tipo de leyes se promulguen en un país católico, lo que crearía un precedente peligroso. [...] La razón de esto posiblemente sea que su alcance (de grupos feministas) es mayor porque no están vinculados a ninguna estructura de poder ni a ningún partido político”.

<sup>20</sup> Simone Veil foi uma política francesa, conhecida pelo fato de enquanto Ministra da Saúde ter defendido, em 1974, um projeto de lei que despenalizou a interrupção voluntária da gravidez em França. Foi também a primeira mulher a presidir ao Parlamento Europeu.

<sup>21</sup> Traduzido de: “Los partidos de izquierda [...] no consideran que el movimiento feminista sea capaz de crear contradicciones que impliquen un impulso revolucionario. No se dan cuenta de que las mujeres constituyen un pilar sobre el que descansa la sociedad burguesa y que necesariamente son ellas las que pueden producir cambios profundos.”

Quanto a isso, recordamos que no próprio seio do *Grupo latinoamericano de mujeres en París*, tal questão foi enfrentada, já que muitos dos homens exilados, muitos militantes de partidos da esquerda brasileira, questionaram a necessidade de formação do grupo e até desaprovaram, não permitindo que suas esposas e filhas compusessem o grupo.

Nesse sentido, partidos de esquerda como o próprio PCB, custaram a incluir as pautas feministas como demanda política a ser considerada. As mulheres que atuavam no partido costumavam ser vistas como “operárias” e a desenvolver trabalhos secundários (Blay, 2019). Mesmo após reivindicações, as pautas das mulheres eram vistas como secundárias e a sua emancipação como uma consequência do fim da estrutura de classe, como podemos observar no relato de Prestes publicado no jornal *Voz Operária*, em maio de 1956:

A própria palavra emancipação não será facilmente compreendida pelas mulheres” já que as mudanças almejadas pelas mulheres só viriam quando se conseguisse "libertar nossa pátria do jugo do imperialismo norte-americano e para substituir o regime de latifundiários... por um regime democrático popular. (PRESTES, 1956)

Outro ponto de interesse de Lucía Tosi parece ter sido a participação das mulheres na atividade econômica. A autora analisava a importância que a participação das mulheres na força de trabalho desempenhava no processo de libertação das mulheres, mas percebia que mesmo em países com uma legislação avançada em inúmeras agendas que favoreciam as mulheres, como era o caso da Suécia, isso não significava igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Ao analisar a situação da América Latina, Tosi apresentou estatísticas que demonstram o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, defendia ser incoerente comparar essa expressividade de participação com o que vinha acontecendo nos países desenvolvidos, já que, essas estatísticas eram endossadas por um grande número de mulheres que desempenhavam atividades consideradas desqualificadas, como o trabalho doméstico à domicílio, enquanto que nos países desenvolvidos, a ascensão das mulheres na atividade econômica avançava em outros caminhos e atividades desse tipo vinham diminuindo. No texto, Lucía Tosi questiona o lugar de "desqualificação" do trabalho doméstico, afirmando que tal noção era oriunda de uma ideia hegemônica e machista de atividade econômica. Lucía criticou ainda o fato da atividade doméstica no próprio lar não ser levada em conta na atividade econômica e percebeu que a maior parte das mulheres incluídas como contribuintes da economia latino-americana, eram solteiras, possuíam um elevado nível

de escolaridade e não tinham filhos, mas ainda assim desempenhavam funções muito inferiores às dos homens.

Tosi propôs toda esta argumentação para ponderar que “um movimento feminista pode tomar grandes proporções de impacto” defendendo que “na América Latina, onde a experiência doutrinária tem sido múltipla e de êxito duvidoso, quando não um fracasso completo, a necessidade de criar algo novo é imperiosa”. Em vista disso, propôs pelo menos dois argumentos para a criação de grupos feministas na América Latina: 1 – Apesar de alguns países já adotarem um certo “modernismo” na legislação, o tradicional machismo ainda mantinha as mulheres em “estado de servidora”; 2 – A crescente urbanização dos países latino-americanos permitia que grande parte da população feminina estivesse em condições de ser mobilizada.

Vale destacar que o periódico *Nosotras* não era distribuído apenas entre a comunidade exilada na França, alcançando mulheres de diversos países, inclusive da América Latina. Conseqüentemente, os textos publicados podem ter contribuído na formação de grupos feministas latino-americanos que começaram a surgir em diversos países ao redor do globo, a partir da década de 1970. Nas próprias páginas da revista, é possível notar isso por meio da publicação de cartas que o grupo recebia, como é destacado nos trechos a seguir:

[...]Aqui na Colombia, há alguns meses, um grupo, no momento ainda reduzido, está se reunindo, estudando e discutindo a situação da mulher em nosso país e pensando que atitudes concretas podemos tomar[...] (Diana Rojas, Colombia, 1975)

[...] estou otimista, as mulheres recomeçaram a telefonar e dizer que é necessário recomeçar... e vosso boletim (Nosotras) ajuda: é indispensável o contato com nossas irmãs de terras estrangeiras – relativiza os problemas - afinal – todas os temos, de Conchinchina à América... e dá coragem. ( Maria Isabel Barreno, Portugal, 1975)

[...] fiz aqui a maior propaganda do grupo e lemos NOSOTRAS entre algumas amigas, e discutimos muito a respeito[...] ( M. S. Orsini, São Paulo, 1975)

A revista cumpre seu papel, pois aborda uma quantidade de informações que aqui não conseguiríamos ter acesso por outra via (Giovanna Machado, Caracas, 1975);

Aqui em São Paulo começamos esta semana a formar um grupo de mulheres e pretendemos realizar até meio do ano um Congresso em São Paulo e dali sair para o Ano Internacional da Mulher (Neide Martins, São Paulo, 1975).

## DOS MITOS DA CIÊNCIA À FEMINILIDADE

Seguindo essa tendência subversiva, Lucía utilizava o alcance da revista *Nosotras*, distribuída para mulheres latino-americanas em diversos países, para tratar de assuntos relevantes que envolviam temáticas científicas, tais como, a desnaturalização dos papéis atribuídos às mulheres, sexualidade e controle de natalidade. Na maior parte dos textos, ela seguia a lógica de dissolver mitos sobre a feminilidade que utilizavam a ciência como argumento de autoridade, como a crença da mulher como sexo frágil e de menor capacidade intelectual, a naturalização da maternidade e do trabalho doméstico, bem como a frigidez feminina.

No texto “El sexo Biologicamente mas fuerte”, publicado na terceira edição da revista, em 1974, a autora aponta que um dos mitos mais difundidos e que servia para condicionar as mulheres, mantendo-as em posição de dependência, seria a ideia de sexo frágil. Nesse texto, Lucía argumenta que o homem poderia aparentar ter mais força física que a mulher, mas que isso não teria relação com a resistência biológica.

Lucía segue sua argumentação apontando que, em todas as sociedades, o índice de mortalidade masculina era maior que a feminina, fato atribuído às condições sociais e psicológicas impostas aos homens, por exemplo, maiores responsabilidades, maior competição em suas relações de trabalho e maior tensão nervosa. No entanto, para Lucía, esta explicação era insuficiente, pois não dava conta de determinados resultados estatísticos que mostravam uma maior resistência feminina. Em geral, argumentava, nasciam mais homens que mulheres (5%), mas a mortalidade ao nascer era maior entre os meninos que entre as meninas. Nos abortos espontâneos, os números indicavam que, desde a concepção, a mortalidade era maior entre meninos e esta tendência se seguia por toda vida.

A cientista argumentava que nasciam mais homens que mulheres como um mecanismo de reprodução adaptado para compensar a maior fragilidade do “sexo forte”. Ela explicava ainda como ocorre cromossomicamente o desenvolvimento do sexo. Sabe-se que um par de cromossomos sexuais resultante de uma união do tipo XX, resulta em uma menina, enquanto XY, tem-se um menino. Lucía propunha, a partir dessa descrição da determinação genética do sexo, que o cromossomo Y continha pouca informação genética, sendo determinante apenas do sexo, já o cromossomo X seria essencial para a vida. Sendo assim, a menina, é mais favorecida em relação a informação genética transmitida pelo cromossomo X,

se um dos cromossomos X for defeituoso, o outro pode compensar, o que não acontece nos meninos, tornando-os mais vulneráveis.

O segundo argumento da Lucía refere-se aos homens estarem mais sujeitos a violência e a correr riscos, mostrando que, em pesquisas realizadas nos países desenvolvidos, os suicídios são mais frequentes entre os homens (3 a 5 vezes maior) e que estes estão ainda mais suscetíveis a acidentes automobilísticos, a criminalidade e a problemas psiquiátricos, além de terem composto as tropas nas últimas grandes guerras. No entanto, apesar de tudo isso, houve uma entrada massiva das mulheres na força de trabalho nos países desenvolvidos, sendo que as mulheres precisavam dar conta também do trabalho doméstico. Lucía concluiu afirmando que o mito do “sexo frágil” nada mais é do que uma estratégia que limita as mulheres a exercerem determinadas funções.

Apesar de tudo o que acabamos de listar e que mostra que a mulher não é nada frágil fisicamente, ela ainda é considerada um ser frágil que precisa do apoio e proteção da sociedade. Essa proteção muitas vezes se manifesta na forma de leis ou regulamentos que a colocam, de fato, em situação de inferioridade e que a impedem não apenas de manifestar todas as suas habilidades, mas também de poder agir em pé de igualdade com os homens. Outras vezes essas leis parecem te conceder certos privilégios de horário, por exemplo, mas no final servem para que você dedique grande parte de sua energia aos afazeres domésticos que são considerados seu “habitat” natural. (TOSI, 1974, p. 3).<sup>22</sup>

Seguindo a tendência de desconstruir mitos científicos sobre a diferença entre os sexos, na quarta edição de *Nosotras*, em 1974, Lucía publica o texto “El Sexo cuyo talento es malbaratado”, afirmando que outro mito utilizado para condicionar as mulheres em situação de dependência tem sido sua suposta menor capacidade intelectual. Nesse sentido, a autora ataca duas manifestações do mito: a crença de que a mulher tem uma capacidade intelectual inferior a dos homens e o discurso de que ambos possuem a mesma capacidade, mas que a “inteligência feminina” teria características próprias que as distingue da masculina. Nesse caso, a mulher, por exemplo, teria menos espírito analítico e estaria menos preparada para o pensamento abstrato.

---

<sup>22</sup> No obstante todo lo que venimos de enumerar y que muestra que, la mujer no es de ninguna manera frágil físicamente, sigue siendo considerada un ser débil que necesita el apoyo y la protección de la sociedad. Esta protección se manifiesta muchas veces en la forma de leyes o reglamentos que la colocan, de hecho, en situación de inferioridad y que le impiden, no solo manifestar todas sus capacidades, como también poder actuar en pie de igualdad con los hombres. Otras veces esas leyes parecen concederle ciertos privilegios de horarios, por ejemplo, pero que al fin de cuentas sirven para que pueda, dedicar una gran parte de sus energías a las tareas del hogar que se considera su “hábitat” natural.

Lucía critica tais considerações afirmando serem mais uma estratégia para manter as mulheres em atividades que implicam menor criatividade. Segundo a autora, até então, poucos estudos sérios tratavam de diferenças “naturais” do funcionamento intelectual de ambos os sexos, já que, na maioria dos casos, era muito difícil diferenciar o que corresponde a bagagem de cada sexo e o que corresponde a educação e condicionamento social. Ela afirmou que tal enigma estava longe de ser solucionado, mas que o avanço dos estudos impossibilitava a existência de uma superioridade masculina.

Ela seguiu explicando que, desde criança, meninos e meninas, são estimulados de maneiras diferentes e preparados para desempenhar certos modelos pré-estabelecidos pela sociedade. Segundo Lucía, em idade pré-escolar, as meninas mostram, em média, um maior índice de inteligência que os meninos, possuindo maior habilidade verbal e aprendendo a fazer contas mais rapidamente, enquanto os meninos têm mais habilidade espacial. No entanto, isso se modifica rapidamente uma vez que entram na escola e, se observa que, em geral, os meninos vão sobressaindo. Contudo, as meninas continuam sobressaindo-se em gramática e capacidade verbal e, em termos gerais, obtêm melhores notas que os meninos.

Para Lucía, o sexo tem um papel determinado a desempenhar na “comédia humana”. Nesse sentido, exemplifica que os meninos bons alunos são mais considerados pelos seus colegas, enquanto as meninas boas alunas são consideradas “sabichonas”. Além disso, ela aponta que era comum as meninas não quererem parecer muito inteligentes para não afastar os representantes do sexo oposto. Sendo assim, durante a adolescência, as mulheres tendiam a desenvolver atributos para seduzir o sexo oposto e a intelectualidade não seria uma dessas características. No ensino secundário, se iniciava então o desenvolvimento das supostas habilidades femininas, que seriam distintas do pensamento analítico, da produtividade e da inteligência, ao ponto de que meninos considerados menos inteligentes eram apontados como possuindo características femininas e, meninas mais inteligentes, consideradas masculinas.

A cientista conclui o texto apresentando um estudo desenvolvido por Torman (1970) sobre a atividade criadora, em que se investigou psicologicamente a genialidade de uma população escolar de 250.000 crianças, sendo selecionados entre 5 a 6 mil crianças com os coeficientes intelectuais mais elevados, de modo a acompanhar suas atividades criativas durante vinte anos. De acordo com o estudo, após finalizar a pesquisa, uma grande parte das mulheres gostaria de competir com os homens no mundo do trabalho. Porém, depois do casamento acabam se dedicando às tarefas domésticas e só, excepcionalmente, buscam outra saída para o seu talento. Assim, as mulheres que potencialmente poderiam ser poetisas, advogadas, médicas e cientistas, comumente abandonavam a ambição profissional para



dedicar-se ao lar, família e filhos. Para Lucía, esta dedicação exclusiva da mulher às tarefas do lar, priva a arte e a ciência da genialidade que poderia ser dedicada a elas. Desse modo, o estudo revela que essa diferença entre os sexos se deve mais a falta de motivação e oportunidades do que a ausência de qualidades.

O próximo mito aparece num texto que tem por título “La vocación ‘natural’ de la mujer”, publicado na 6ª edição de *Nosotras*, segundo o qual a mulher estaria naturalmente dotada para encarregar-se do cuidado da casa e das crianças devido ao fato de carregar em seu ventre o óvulo fecundado e dar à luz. Lucía argumenta que, no entanto, não existe nenhuma relação de causa e efeito entre gestar uma criança e os afazeres domésticos. De modo que se pode afirmar que a forma de divisão do trabalho, em que os homens têm suas ocupações fora do lar e as mulheres trabalham em casa, foi ditada por razões de sobrevivência. Lucía argumentava que quando as primeiras civilizações começaram a viver em casas, essa divisão pode ter colaborado para proteção das crianças e crescimento da população. Porém, naquele momento, este não seria mais um argumento válido, afirmando que tal divisão não permite que as mulheres alcancem a mesma importância que os homens no consenso social e que, se os homens passassem a desempenhar as atividades "femininas", também se sentiriam menosprezados.

Lucía continua afirmando que, no mundo atual, tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas, a mulher continuava dedicando grande parte de suas energias às tarefas de dona de casa. Seja ela, operária ou profissional, estava condicionada a realizar dois tipos de trabalho: um na fábrica, na escola, na empresa, etc., chamado de "visível" e o outro “invisível” em sua casa. Sendo que este último não é remunerado e, além disso, é realizado até mesmo aos domingos e feriados.

A autora tece críticas ao sentimento de culpa que permeia as mulheres que escolheram exercer essa dupla jornada, apontando que a mística em torno da maternidade e do cuidado com os filhos pode paralisar as mulheres, fazendo-as abdicar de ocupações para quais teriam disposição e talento. A autora conclui, afirmando que será muito difícil levar os homens a compartilhar as “amenidades” dos cuidados com a casa e com os filhos, porém, somente quando tais tarefas forem realizadas indistintamente por homens e mulheres, poderemos falar em igualdade de oportunidades.

No texto “La frigidez feminina” publicado em 1975, a autora debate que a frigidez feminina havia sido difundida na Antiguidade, mas que também havia sido uma aquisição da sociedade burguesa moderna. Desse modo, ela segue com o texto mostrando como a

sexualidade feminina era rodeada de mitos e argumentos ditos científicos, muitas vezes infundados.

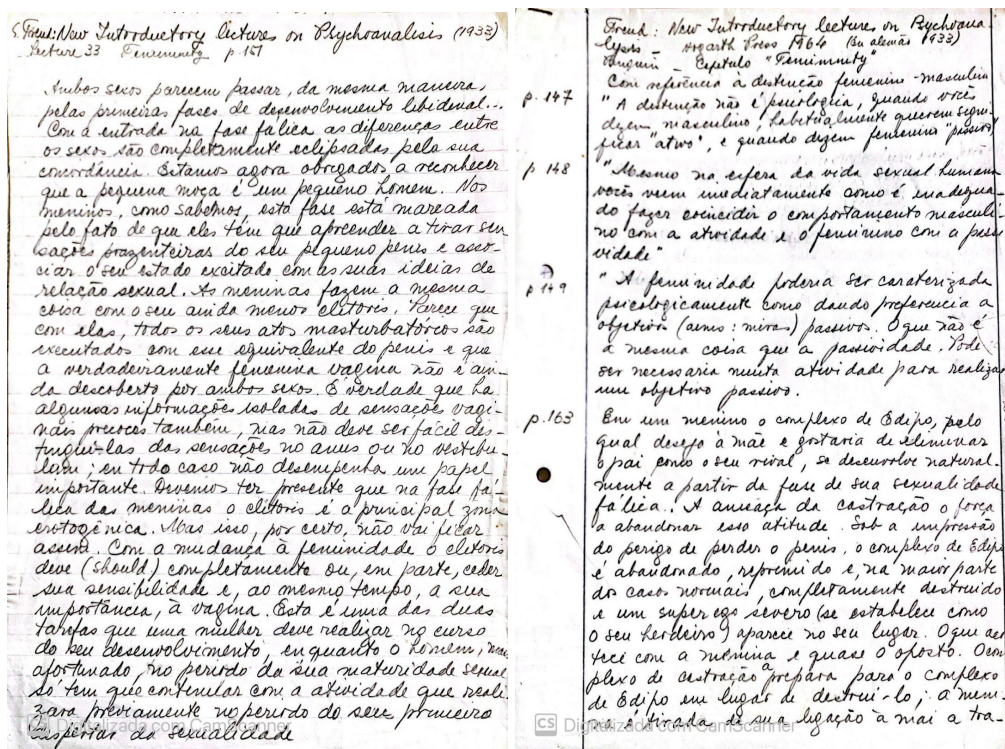
Para isso, Lucía explica que os homens gastavam a maior parte de suas energias para conquistar impérios e industrializar o mundo e, que para isso, era cômodo utilizarem o duplo padrão sexual em seu mais alto grau de desenvolvimento, para o qual era essencial ter frigidez feminina. Carecendo a mulher de um impulso sexual verdadeiro e de toda possibilidade de experimentar orgasmos, era muito mais fácil agradá-las nas atividades sexuais, importantes em um ponto de vista social. Desse modo, o sexo tinha para as mulheres a finalidade da maternidade, distanciando-se de qualquer sensação de prazer. Por outro lado, Lucía afirma que algumas mulheres eram utilizadas para satisfazer, acalmar o que se chamava de “inesgotável apetite sexual masculino”. Assim, em paralelo a mulher casta e pura que sempre existiu na literatura, estava a “mulher fatal”, devoradora de homens que os seduzia para a perdição.

Para a Lucía, essa divisão de papéis estava fora da realidade, já que a sexualidade feminina não existia em moldes tão simplificados como a literatura francesa e, especialmente, “Madame Bovary” (FLAUBERT, 1857) parecia indicar. As mulheres também eram capazes de grandes paixões que nada tinham a ver com a reprodução da espécie.

No texto, Lucía cita a teoria psicanalítica de Freud, segundo a qual foi possível tomar consciência do problema (nos cadernos de Lucía, há várias anotações e estudos sobre os escritos de Freud, como mostra a Figura 6). Todavia, Lucía critica que, paradoxalmente, as grandes descobertas de Freud sobre o inconsciente da sexualidade infantil o levaram a tomar uma posição retrógrada sobre a sexualidade feminina. Lucía considerava frustrante que a teoria psicanalítica tenha tomado com relação a sexualidade feminina a aparência de “autoridade científica” justificando a teoria do complexo da castração e seus correspondentes: passividade, masoquismo e narcisismo.

A hipótese defendida no período era que o clítoris era um “pênis defeituoso”, assim, a menina encontraria mais prazer na masturbação que o menino. Lucía afirma que, como num passe de mágica, Freud qualifica esse período de autoerotismo clitoriano como período “fálico” e infere que a experiência orgástica seria, portanto, infantil. Em outro passo de mágica, Freud afirmava que a mulher madura possuía uma zona erógena diferente: a vagina. Lucía apresenta alguns argumentos contra essa teoria, por exemplo, a falta de terminações sensoriais na maior parte da vagina, a falta de orgasmo vaginal em todos os outros animais e a dificuldade da maior parte das mulheres em ter um orgasmo vaginal.

**Figura 23.** Manuscritos da Lucía Tosi sobre os estudos de Freud.



Fonte: Arquivo da Família Tosi.

Lucía cita que em 1960, Héléne Deutsch (1888-1982)<sup>23</sup>, conhecida autoridade na psicanálise, chamando atenção sobre o grande número de casos de frigidez feminina observados pelo tratamento psicanalítico, questionou se realmente a vagina havia sido criada para a função fisiológica que os psicanalistas lhe atribuíram. Seu estudo a levou a reconsiderar a observação de Freud sobre a constituição do aparato sexual feminino, propondo novas funções a tais estruturas: o clitóris como órgão sexual e a vagina como órgão de reprodução. De acordo com essa teoria, o papel central do clitóris não era simplesmente de ser um órgão de masturbação, mas serviria de centro de excitação sexual que poderia ser transmitida com mais ou menos êxito à vagina. A transferência da excitação do clitóris para a vagina era produzida pela intervenção ativa do membro sexual masculino, podendo a vagina participar ou não da atividade orgástica. Lucía afirma que de acordo com a teoria de Deutsch, a famosa pergunta “por que as mulheres são frígidas” poderia ser substituída por “por que e como algumas mulheres conseguem alcançar orgasmo vaginal?”

<sup>23</sup> Foi uma psicanalista polonesa-americana e colega de Sigmund Freud. Ela fundou o Instituto Psicanalítico de Viena. Em 1935, ela imigrou para Cambridge, Massachusetts, onde manteve um consultório. Deutsch foi uma das primeiras psicanalistas a se especializar em mulheres.

Lucía conclui afirmando que foram necessárias as observações de outros autores para derrubar os mitos vigentes e para compreender que uma teoria coerente, baseada em um número limitado de informações, pode ser uma construção muito bela e performaticamente racional, mas que nem sempre a realidade se ajusta ao modelo. Resumindo, então, que o clitóris teria um papel importante tanto na excitação quanto no orgasmo propriamente dito: “Na verdade, é toda a região que inclui o clitóris, os lábios maiores e menores e o último terço da vagina que fica congestionado e dormente durante o período de excitação e é a contração dos vasos que, ao encher de sangue, produz orgasmo”.<sup>24</sup>

Um dos primeiros textos escritos por Lucía para a revista *Nosotras* foi o texto “Control de natalidad: Tecnologia actual y perspectivas futuras”. Ela inicia falando que os métodos contraceptivos naquele momento possuíam menores efeitos colaterais que no passado. Segundo a autora, a pílula havia sido introduzida na década de 1960 (Figura 7) revolucionando a tecnologia de controle de natalidade. Sua eficácia, no entanto, não havia sido questionada ainda que se tenha notado efeitos secundários que iam desde os menos graves, como náusea e retenção excessiva de água pelos tecidos e outros potencialmente mais perigosos como o aparecimento de coágulos no sangue. Lucía afirma que esses efeitos fizeram surgir novos contraceptivos, como a minipílula, contendo um esteroide sintético do tipo progestativo com uma dosagem diária que correspondia a um terço da pílula anterior.

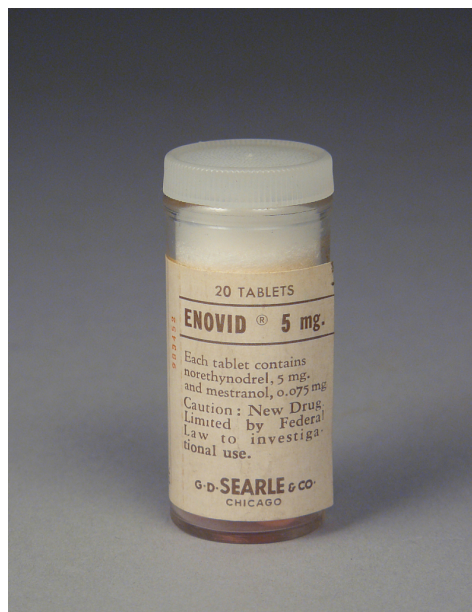
Lucía explica também como ocorre o funcionamento do DIU (dispositivo intrauterino), afirmando que os dispositivos iniciais tinham várias falhas como o elevado número de fracassos e efeitos secundários, como sangramentos excessivos e irregulares. As modificações pareciam ter reduzido os problemas, de modo que o DIU com aditivos químicos pareciam ser bastante eficientes. Assim, a autora explica que o DIU seria um dispositivo em “T” de plástico com um fio de cobre enroscado. Sobre isso, Lucía demonstra preocupações, argumentando que, dada a extraordinária afinidade do cobre pelas proteínas, o uso deste tipo de método contraceptivo deveria merecer um estudo toxicológico mais profundo antes de ser utilizado largamente. Outro tipo de DIU poderia ser utilizado para liberar progesterona natural diretamente no útero, por volta de 100 microgramas por dia. Segundo os fabricantes, a mucosa uterina destruiria rapidamente a progesterona natural, de maneira que impediria a migração da mesma para outras regiões do organismo, eliminando, dessa forma, os efeitos

---

<sup>24</sup> Traduzido de: En realidad, es toda la región que comprende el clitóris, los labios mayores y menores y el último tercio de la vagina que se congestiona y entumece durante el período de excitación y es la contracción de los vasos, la que al expulsar la sangre que los llena, produce el orgasmo.

secundários. Lucía ressalta, que esse dispositivo dava proteção por 1 ano, mas que buscavam desenvolver outro que desse a proteção por três anos.

**Figura 24.** Contraceptivo oral Enovid-10 nos Estados Unidos, 18 de agosto de 1960.



Fonte. *National Museum of American History.*

Quanto a pílula do dia seguinte, Lucía afirma que vinha sendo muito contraindicada já que vinha sendo utilizado em sua preparação o Dietilestilbestrol (DES), o qual esteve associado ao aparecimento de um tipo de câncer vaginal nas filhas das mulheres que o tomaram durante a gravidez para evitar abortos. Nos Estados Unidos, seu uso só foi aprovado como contraceptivo pós-coito em casos de emergência, como violação e incesto. Lucía pondera que, seguramente, uma pílula do dia seguinte de confiança teria um grande valor como método anticoncepcional, pois eliminaria a necessidade de expor o organismo à ação de esteroides e outras drogas potentes durante largos períodos.

Por fim, ela fala das prostaglandinas, afirmando que não pareciam ser as “drogas milagrosas” que imaginavam, pelo menos não como anticoncepcionais, já que induziam a menstruação e a dose necessária provocava outros sintomas desagradáveis, como, náusea, vômito, diarreia e cólica. Seu uso também podia ser usado para induzir ao parto e como abortivo. Para este último, Lucía explica detalhadamente que deve ser administrado em injeção venosa ou poderia ser injetado no útero através da vagina (entre a membrana fetal e a mucosa uterina), afirmando que o segundo método produzia efeitos menos desagradáveis.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante da pesquisa aqui desenvolvida evidenciamos alguns pontos que atribuem relação entre a participação de Lucía Tosi em movimentos políticos durante o exílio em Paris e seu trabalho de ativismo político e feminista na ciência brasileira e latino-americana. Percebemos que a Lucía Tosi se configura como um excelente exemplo do que chamamos de “evasão de cérebros silenciada”. Diante da relevância de suas publicações, de seu ativismo político e do cargo acadêmico que ocupou na França, a ausência de fontes e a desinformação sobre a história de Lucía por seus pares, evidencia a negligência e ofuscamento da história do Brasil e, mais especificamente, das memórias do exílio, ao recorte de gênero. Afinal, gera indignação pensar que não temos sequer uma entrevista gravada com Lucía e gera ainda mais indignação saber que esse fenômeno se repete de forma exponencial.

Em um dos seus textos, Lucía questiona quanta genialidade a arte e a ciência perderam simplesmente por adotarem mitos absurdos sobre a feminilidade. Paralelamente, aqui questionamos, quanta genialidade o Brasil perdeu por silenciar a história de mulheres intelectuais vítimas da ditadura militar?

Investigamos o duplo sentimento do exílio, ora a falta, ausência e solidão dos despatriados, ora a novidade, o sonho e a utopia. De fato, percebemos que experiências exilares decorrentes da ditadura civil-militar mudaram não apenas a geração que as vivenciaram, mas geraram influência nas gerações seguintes. A política e a ciência são dois campos que se entrelaçam e que foram marcados por essa nova cultura itinerante. Dentre tais mudanças, a introdução de debates feministas em ambos os campos, se configura como uma contribuição que emerge dentre outras veias, do exílio.

É no exílio que muitas mulheres silenciadas pela historiografia começaram a compreender as nuances das relações de gênero e como tais aspectos as atingiam enquanto mulheres latino-americanas. Todavia, para “nosotras”, além dos debates intrínsecos à agenda feminista internacional, havia uma luta que demandava maior urgência, a democracia. O *Grupo Latinoamericano de Mujeres en Paris*, o Comitê da Mulher Brasileira, o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, a *Asociación Madres de la Plaza de Mayo* e o Movimento das Mulheres pela anistia, são apenas alguns exemplos da eclosão de movimentos e organizações de mulheres que, dentro ou fora de casa, na sua pátria ou distante dela, por si ou pelas outras, ecoaram que nenhuma de “nosotras” estaria sozinha. Lutaram e ainda lutam por uma democracia em vertigem, com um “Nunca Mais” ensurdecido na garganta.

Por meio das publicações de Lucía Tosi no periódico *Nosotras*, percebemos que ela possuía grandes aspirações no que se refere a inaugurar uma agenda de luta feminista na América Latina. A autora problematiza a forma como o feminismo vinha sendo pensado até então no contexto político latino-americano, lançando argumentos para desmistificar os mais variados estereótipos. Aqui, merece menção a valorização, um tanto controversa, de Lucía Tosi à desvinculação do movimento feminista aos partidos políticos, apesar de propor uma linha argumentativa contundente. Sem dúvidas, futuramente buscaremos investigar como se dava a relação da Lucía com diferentes partidos políticos e com diferentes “ideologias esterilizantes” como exposto por ela. Acreditamos ser este um passo essencial para compreender a proposta apresentada por ela, para um feminismo latino-americano com liberdade de ação.

Na revista, Lucía Tosi lega também os primeiros passos para inaugurar as pesquisas sobre gênero e ciências no cenário brasileiro e latino-americano. Em seus textos, com linguagem acessível, ela mostra como o machismo, a misoginia e o patriarcado usam a ciência como instrumento de controle e dominação das mulheres, tornando-as dependentes desse sistema. Vale lembrar que a revista *Nosotras* não era direcionada para um público especializado, ressaltando ainda mais o trabalho da Lucía como ativista e divulgadora da ciência. Seus textos, que sempre contavam com referências bibliográficas contundentes, eram instrumentos capazes de desmistificar os lugares que a ciência misógina atribuía às mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Feminismo no Exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e O Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 245. 2010.
- ABREU, M. *Nosotras: feminismo latino-americano em Paris*. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 553-572, 2013.
- AZEVEDO, T. **A evasão de talentos: desafio das desigualdades**. Paz e Terra, 1968.
- BERALDO, H. Lucia Tosi: Scientist, Science Historian and Feminist. **Revista Virtual de Química**, v. 6, n. 2, p. 551-570, 2014.
- BLAY, E.; AVELAR, L. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. edUSP, 2019.
- BLAY, E.. Como mulheres se constituíram como agentes políticas e democráticas: o caso brasileiro. In: BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. edUSP, 2019.

- CAVALCANTI, P.; RAMOS, J. Carta circular aos amigos e companheiros a quem, relapso, não tenho respondido. In: **Memórias do exílio: Brasil 1964-19??**. Arcádia, 1978.
- CLEMENTE, J. E. F. **Ciência e política durante a ditadura militar (1964-1979): o caso da comunidade brasileira de físicos**, 2005. 237 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- COSTA, A. et al. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1980.
- COSTA, A.. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010.
- DOSSE, F. **A saga dos intelectuais franceses (1944-1989)**. Volume I: À prova de história (1944-1968). Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.
- FERNÁNDEZ, J. C.. Do brain drain ao exílio: apontamentos sobre emigração e radicalização política na Argentina, de Onganía a Isabel, 1966-1976. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 3, p. 402-419, 2019.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**, 1857.
- FREIRE, JR, O.. Sobre a relação entre regimes políticos e desenvolvimento científico: apontamentos para um estudo sobre a história da C&T durante o regime militar brasileiro. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 3, p.1-11, 2007.
- FREIRE JR, O.; VIDEIRA, A.; RIBEIRO FILHO, A., Ciência e política durante o regime militar (1964-1984): a percepção dos físicos brasileiros. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 4, n. 3, p. 479-485, 2009.
- GASPARI, E.. **A ditadura escancarada**. Editora Intrínseca, 2014.
- MELO, H. P. ; OLIVEIRA, A. B.. A produção científica brasileira no feminino. **cadernos pagu**, p. 301-331, 2006.
- MOTTA, Ro. P. S.. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.
- NETO, M. D.. **O militar e a ciência no Brasil**. Rio de Janeiro, Gramma, 2010.
- PARTISANS. **Libération des femmes**. Paris: Maspero, 1970.
- PEDRO, J. M.; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, v. 9, n. 14, 2007.
- PICQ, F. Sobre o movimento das mulheres na França. **Estudos Feministas**, p. 25-30, 1994.
- ROLLEMBERG, D. Exílio: refazendo identidades. **Historia oral**, v. 2, 1999.
- ROLLEMBERG, D. The Brazilian exile experience: Remaking identities. *Latin American Perspectives*, v. 34, n. 4, p. 81-105, 2007.
- ROSA, S. O.. “Nosotras” e invenção de novos espaços-tempos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI. 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2001.



ROSALEN, E. et al. **Vidas (entre) laçadas: relações de gênero nas memórias do exílio brasileiro (1964-1979)**. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Oederal de Santa Catarina, 2016.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia: com novo pós-escrita**. Editora Companhia das Letras, 2015.

VIEIRA, C. L.; VIDEIRA, A.. História e historiografia da física no Brasil. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 3, p. 1-27, 2007.

YANKELEVICH, Pablo. **Estudar o exílio**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

ZANCARRINI-FOURNEL, M.. Genre et politique: Les années 1968. Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*, N. 75, Numéro spécial: Histoire des femmes, histoire dès genres, 2002.

### ARTIGO 3

## “BRUXAS”, “SABICHONAS” OU “CRIPTODOMÉSTICAS”: UMA HISTÓRIA FEMINISTA DAS CIÊNCIAS POR LUCÍA TOSI

*“Na verdade, o que constitui o centro principal de minhas reflexões é a relação da mulher com o saber. O saber no sentido amplo, que abrange muito mais que a ciência, pois inclui todo o saber empírico que as mulheres dominaram durante milênios e que ainda conservam em muitas sociedades”.*

*- Lucía Tosi*

### INTRODUÇÃO

Em 1978, a norte-americana Evelyn Fox Keller publicou um texto com a terminologia “Gênero e Ciência” no título. Esse é considerado um dos marcos para a estruturação da agenda feminista nas ciências exatas e da natureza. Apesar dos créditos relativos ao pioneirismo das críticas feministas às ciências terem sido atribuídos às pesquisadoras do eixo norte do planeta, nesse período, pesquisadoras/es da América Latina já demonstravam interesse por tais assuntos. A cientista Lucía Tosi, é um excelente exemplo de esforços latino-americanos – seja nas páginas do periódico *Nosotras*, seja em periódicos científicos de circulação nacional e internacional – em relacionar feminismo e ciência desde a década de 1970, ou seja, antes mesmo das teóricas norte-americanas incorporarem a terminologia citada acima.

Lucía nasceu na Argentina, onde doutorou-se em química, mas viveu boa parte da sua vida no Brasil e na França. Além de desenvolver pesquisas sobre química bioinorgânica, atuando em renomados centros de pesquisa como o *Centre national de la recherche scientifique* (CNRS) na França, Lucía incorpora-se ao movimento feminista emergente da década de 1970 interessando-se em pesquisas sobre a relação entre mulheres e conhecimento científico. Ela publicou textos de relevância na área, tais como “La creatividad femenina en la ciencia” na revista *Impacto, Ciencia y Sociedad* (1975) e “Cripto-domésticas, interlocutoras

inteligentes ou criadoras?” nos *Ensaio de Opinião* (1979). Nos textos, Tosi analisa principalmente as carreiras de mulheres nas ciências.

Nos anos de 1980, de volta ao Brasil após anos de exílio em Paris, ela passa a refletir sobre a situação das mulheres cientistas no Brasil, onde publica algumas pesquisas relacionadas às questões das mulheres e a história das mulheres nas ciências em periódicos brasileiros. Destacamos os textos, “A mulher brasileira, a universidade e a pesquisa científica” publicado em 1980 na revista *Ciência e Cultura*; e, na área de história das ciências, os textos “Caça às bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo” e “As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas?” publicados na revista *Ciência Hoje* e na revista *Impressões*, respectivamente.

Mesmo após a sua aposentadoria, nos anos 1990, Lucía Tosi, permanece realizando importantes pesquisas relacionadas a área de gênero e ciência, publicando artigos de opinião sobre o tema em periódicos como *Ciência Hoje*, além de pesquisas acadêmicas em periódicos conceituados como *Estudos Feministas* (“Resgatando Metis O Que foi Feito desse Saber?”, 1996, em coautoria com sua orientanda Adelina Santos), *Química Nova* (“Marie Meurdrac, Química Paracelsiana e Feminista do Século XVII”, 1996) e *Cadernos Pagu* (“Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna”, 1998).

As pesquisas de Lucía Tosi percorrem um extenso período e contam um pouco da história de como os estudos de gênero se estruturaram no Brasil, apontando para os principais interesses de pesquisas e inquietações de acordo com o contexto histórico e político. Nesse sentido, alguns estudos têm se concentrado em criar categorias para incorporar, classificar e analisar as produções sobre gênero e ciência, demarcando a complexidade, a multiplicidade de temáticas e o rigor científico (obviamente num sentido contra-hegemônico) dessa zona de inquérito.

No texto sobre convenções em torno de argumentos de autoridade, Maria Margaret Lopes (2006) problematiza a importância de se considerar a historicidade dos estudos de gênero, suas contribuições e limitações para reflexões críticas sobre o discurso da ciência. As indagações das bases dessa autoridade cognitiva, proliferaram a partir da segunda metade do século XX nos estudos históricos, sociológicos, filosóficos e nas críticas de teóricas feministas. No entanto, não houve uma mobilização de forma mais articulada entre estudos de gênero e História das Ciências no Brasil.

Evellyn Fox Keller (1995) discute que apenas a terminologia “gênero e ciência” já não dava conta das pesquisas realizadas e propõe uma subcategorização. Esquemáticamente, estes podem ser descritos como aqueles estudos examinando a história de (1) mulheres na ciência;

(2) construções científicas de diferença sexual; e (3) os usos de construções científicas de sujeitos e objetos que estão abaixo e além da pele humana (ou esqueleto). Afirmando que cada uma dessas categorias já acumulou uma literatura rica por si só e requer sua própria reconfiguração em novos tipos de "zonas de negociação".

Maria Teresa Citeli (2000) realizou um mapeamento dos estudos da área focando nos trabalhos anglófonos. Ela destaca que os estudos envolvendo ciência e gênero se subdividem em duas áreas. A primeira delas, “mulher e ciência”, que agrupa as pesquisas sobre a “participação, a contribuição e o status das mulheres nas profissões e carreiras científicas”; e a segunda, “gênero e ciência”, trata da “análise das implicações de gênero para a, e na, produção das ciências” (CITELI, 2000, p.47).

Marta González García e Eulalia Perez Sedeño (2002), observam três frentes de estudo em Gênero e Ciência: (1) uma na perspectiva de resgatar as mulheres/pioneiras que historicamente produziram ciência e tecnologia; (2) outra que analisa diferenças entre as trajetórias profissionais de mulheres e homens e as diversas barreiras que obstaculizam a trajetória profissional das mulheres e (3) uma terceira frente que possui o intuito de, por intermédio dos currículos e práticas escolares, desvelar desigualdades no ambiente escolar/acadêmico, motivar e integrar meninas e mulheres no aprendizado da ciência e da tecnologia.

O artigo “Getting more women into science: knowledge issues”, da historiadora das ciências norte-americana Londa Schiebinger (2007, traduzido por LOPES, 2008), propôs três categorias para os trabalhos sobre Gênero e Ciência: (1) Participação das mulheres na ciência; (2) Gênero na Cultura das Ciências; e (3) Gênero nos resultados das ciências.<sup>25</sup> No primeiro nível encontram-se questionamentos relativos às agências de fomento e políticas, apontando para textos que reflitam sobre como as políticas científicas assimilam a importância de estabelecer indicadores sobre relações de gênero que perpassam também o sistema de ciências e tecnologia, bem como contam a história dessas mulheres. No segundo nível, a autora indaga os significados de elementos da cultura das ciências, cujas práticas e valores foram elaborados majoritariamente por homens e explora o tema através de pesquisas empíricas. Por fim, o terceiro nível de sua análise pautado no influente feminismo da diferença dos anos 1980, calcado em um suposto ‘estilo feminino’ de fazer ciências analisando como as relações de gênero constroem práticas e conteúdos disciplinares.

---

<sup>25</sup> Maria Margareth Lopes (2009) defendeu que tal artigo de Schiebinger tem o caráter de documento, de fonte de reflexão sobre o estado da arte e dos desafios que os estudos feministas sobre gênero em ciências enfrentaram e têm a enfrentar.

Em 2014, o Neim/UFBA publicou em seu periódico *Feminismos* uma edição especial intitulada “Gênero e Ciência”. Tal edição conta com uma interessante apresentação escrita por Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2014) mostrando que, desde os anos 1980, pesquisadoras brasileiras produzem trabalhos que analisam a presença de mulheres no mundo da ciência. Nesse trabalho, assim como em artigo anterior (LIMA E SOUZA, 2011), a autora propõe que os estudos de Gênero e Ciência no Brasil possuem três origens: (1) Estrutural, responsável por analisar a presença, a colocação e a visibilidade das mulheres nas instituições científicas; (2) Epistemológica, que questiona os modos de produção do conhecimento a partir de uma crítica aos princípios norteadores do pensamento científico hegemônico; e, finalmente (3) Análise dos discursos e das representações sobre mulheres na ciência, que busca identificar metáforas de gênero como as que associam a mulher à Natureza e o homem à Razão, com repercussões importantes nos conteúdos de diversas disciplinas (LIMA E SOUZA, 2011).

Neste artigo nos propomos analisar as publicações da cientista Lucía Tosi relacionadas aos estudos de Gênero e Ciência no Brasil, compreendendo quais foram suas principais motivações de pesquisa e quais contribuições ela trouxe para a área. Por escolha metodológica, optamos por realizar esta análise com as dimensões propostas por Lima e Souza (2011), uma vez que as categorias propostas por essa autora concatenam e englobam aspectos descritos em outras categorizações apresentadas. Além disso, endossamos a importância de utilizar categorias pensadas a partir e para o Brasil.

Apresentamos inicialmente um panorama dos estudos de gênero e ciência no Brasil para, em seguida, analisar os trabalhos sobre Gênero e Ciência de Lucía Tosi de acordo com as categorias propostas por Lima e Souza (2011).

## OS ESTUDOS DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL

Holanda (2019) observa que os estudos de gênero nas universidades e centros de pesquisa brasileiros são marcados fortemente por bibliografias e referências anglo-americanas e eurocêntricas. Segundo a autora, apenas nos últimos anos, provavelmente em razão da emergência dos debates feministas interseccionais, foi dado reconhecimento à importância de pensadoras latino-americanas e de se trazer uma perspectiva decolonial para esse campo. Tal argumentação, dialoga com a formação dos estudos de gênero e ciência, visto que, apesar de haver pesquisadoras de relevância no Brasil e América Latina, os estudos ainda se referenciam em uma espécie de colonização teórica.

Ao contar a história dos estudos de Gênero e, especificamente dos estudos de Gênero e Ciência, é comum a descrição dos fatos por meio das ondas ou vagas feministas. Assim, a primeira onda se estenderia pela luta do sufrágio feminino; a segunda onda, quando as teorias feministas adentram o ambiente acadêmico, pela liberdade e direito sexual; e a terceira onda marcada pelo feminismo negro e movimento *queer* (MONTEIRO; GRUBBA, 2017). Apesar de vivermos em um mundo globalizado, estar no sul global permitiu que as nossas ondas se propagassem de forma distinta (DUARTE, 2019).

A história dos estudos de Gênero e Ciência no Brasil se confunde com a própria história do feminismo brasileiro. Duarte (2019) propõe pensarmos esta história para além de rótulos que giram em torno de bandeiras específicas, como a luta pelo voto ou os grupos feministas dos anos 1970. Sendo assim, o feminismo deve ser compreendido em um sentido mais amplo, “como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de grupo” (DUARTE, 2019, p. 26).

Partindo dessa conceituação de feminismo, Duarte (2019) propõem que essa história seja contada a partir de quatro marcos temporais, os anos de 1830, 1870, 1920 e 1970. Ressaltando que foram necessários cerca de 50 anos entre uma onda e outra para permitir que mais forças se somassem em direção ao clímax rompendo as barreiras da intolerância e abrindo novos espaços – possivelmente, resultado de um feminismo por vezes considerado bem-comportado, mas não por isso menos revolucionário.

A escolha por esse salto temporal, a partir do século XIX, é aqui uma estratégia para conhecer os caminhos que ajudaram a construir uma agenda feminista a qual Lucía Tosi vincula-se como pesquisadora. E, para isso, entendemos que no Brasil, os estudos de gênero e ciência não partem somente da ciência. Em um primeiro momento, parte pela busca das mulheres pelo direito à educação e à cidadania e, em seguida, florescem nos movimentos sociais para só em seguida tornarem-se acadêmicos e institucionais.

Quanto ao primeiro momento, destaca-se a potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-884), que teria sido a primeira mulher brasileira a romper os espaços do privado e publicar na grande imprensa sobre as questões das mulheres, além de lutar pelos direitos das mulheres à educação. Seu primeiro livro, *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832) foi uma espécie de tradução livre de *Vindications of the rights of woman* de Mary Wollstonecraft (1792), somado a outros textos estrangeiros, pode ser considerado o texto fundante do feminismo brasileiro (CAMPOI, 2011). E aqui, compreendendo o avanço que tal feito possibilitou, demarca-se esse momento histórico como sendo o nosso primeiro momento

feminista, apesar de tratar-se de uma espécie de “antropofagia libertária”, que assimila concepções estrangeiras e devolve um produto pessoal, já surge de certo modo colonizado.

O segundo marco de expressão das mulheres surge por volta de 1870, caracterizado pelo avanço de instituições de ensino para mulheres e pelo crescimento de jornais e revistas de afeições feministas. Dentre estes periódicos, destacam-se *O sexo Feminino*, *Echo das Damas* e *Jornal das Damas*. Essa imprensa criou, no final do século XIX, uma camada intelectualizada embrionária do feminismo acadêmico, possibilitando uma legítima rede de apoio mútuo e de intercâmbio intelectual, exercendo uma função "conscientizadora, catártica, psicoterápica, pedagógica e de lazer" (BUITONI, 1986, p. 25).

O início do século XX apresenta uma movimentação mais organizada, na qual as mulheres lutam pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho. Algumas mulheres da classe alta haviam conquistado diplomas no exterior e temos as primeiras médicas, professoras e advogadas. Muitos nomes se destacam nesse período, dentre eles, Bertha Lutz (1894-1976), uma cientista formada pela Universidade de Sorbonne, em Paris, que se tornou uma liderança pela igualdade entre homens e mulheres no Brasil (SOIHET, 2000; LOPES; SOUZA, 2004).

Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) nasceu em São Paulo, filha da enfermeira inglesa Amy Marie Gertrude Fowler e de Adolpho Lutz, o conhecido microbiologista suíço radicado no Brasil (BENCHIMOL et al., 2003). Sua atuação política – em prol da emancipação feminina, da educação feminina, do voto feminino, de mudanças na legislação trabalhista – à frente da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, que dirigiu por mais de 50 anos, foi recuperada nas origens das produções acadêmicas feministas de meados da década de 1970, por Rachel Sohiet (1974) e Branca Moreira Alves (1980).

Formada em ciências (ciências naturais) pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne), obteve seus certificados de Estudos Superiores de Botânica em 1916; de Química Biológica em 1916; e de Embriologia Geral em 1917. Voltando ao Brasil, trabalhou como encarregada do Museu Zoológico e foi contratada como tradutora – inglês, francês e alemão, no Instituto Oswaldo Cruz, entre 1918 e 1919, quando assumiu o cargo de secretária no Museu Nacional, para o qual havia sido aprovada em concurso público. Do mesmo ano de 1919, em que Bertha Lutz funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher e representa o Brasil no Congresso da Organização Internacional do Trabalho, data sua primeira publicação em Archivos do Museu Nacional, referente à organização dos “índices por títulos e autores” dos artigos publicados pelo periódico, nesse volume de comemoração do centenário do Museu Nacional (LUTZ, 1919).

Em 1927, Bertha Lutz e outras mulheres de importantes famílias políticas da burguesia brasileira, assinam uma declaração dos direitos das mulheres, nos seguintes termos:

As mulheres assim como os homens, nascem membros livres e independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamados a exercer, sem peias, os direitos e deveres individuais. Os sexos são interdependentes e devem, um ao outro, a sua cooperação. A supressão dos direitos de um acarretará, inevitavelmente, prejuízos ao outro, e, conseqüentemente, à nação. Em todos os países e tempos, as leis, preconceitos e costumes tendentes a restringir a mulher, a limitar a sua instrução, a entravar o desenvolvimento das suas aptidões naturais, a subordinar sua individualidade ao juízo de uma personalidade alheia, foram baseadas em teorias falsas, produzindo na vida moderna, intenso desequilíbrio social. A autonomia constitui o direito fundamental de todo indivíduo adulto. A recusa desse direito à mulher é uma injustiça social, legal e econômica que repercute desfavoravelmente na vida da coletividade, retardando o progresso geral. As noções que obrigam ao pagamento de impostos e à obediência à lei os cidadãos do sexo feminino, sem lhes conceder, como aos do sexo masculino, o direito de intervir na elaboração dessas leis e votação desses impostos, exercem uma tirania incompatível com os governos baseados na justiça. Sendo o voto o único meio legítimo de defender aqueles direitos à vida e à liberdade proclamados inalienáveis pela Declaração da Independência das Democracias Americanas e hoje reconhecidas por todas as nações civilizadas da Terra, à mulher assiste o direito ao título de eleitor (CARDOSO, 1981, p. 34)

Apesar do manifesto, apenas em 1932, o então presidente Getúlio Vargas cedeu aos apelos e incorporou ao novo Código Eleitoral o direito de voto à mulher. No entanto, Vargas decidiu suspender as eleições e as mulheres só conseguiram exercer o direito conquistado nas eleições de 1945.

O quarto momento, iniciado por volta de 1960/1970, configura-se em todo ocidente como anos de grandes avanços para os estudos de gênero, nos termos de gênero e ciência é exatamente quando estruturam-se. As reflexões sobre as questões da mulher, começam simultaneamente à formação do ativismo feminista com os chamados “grupos de reflexão”. Nesses grupos eram discutidas questões profissionais, domésticas, políticas e lidos textos trazidos por feministas que voltavam de exílios ou temporadas em países estrangeiros. Dentre os livros, destacam-se: *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, de Friedrich Engels; *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir; *A mística feminina*, de Betty Fridan; e *Política sexual*, de Kate Millet. Segundo Holanda (2019), esses textos considerados pilares do pensamento feminista internacional, proporcionaram às mulheres brasileiras provocações como a indagações sobre “tornar-se mulher” de Simone de Beauvoir, a polêmica de Betty Fridan em torno da heroína doméstica e o ideal de sexo como uma categoria importante e culmina na bandeira da época “o pessoal é político”.



Lucía Tosi faz parte de um desses grupos de autoconsciência que cresceu no exílio na França, mas que pensava sobre o feminismo latino-americano e brasileiro. O Grupo de Mulheres latino-americanas em Paris, organizado inicialmente por Danda Prado, refletia, especialmente a partir de concepções do movimento Francês quais zonas de inquérito deveriam ser criadas para nosso feminismo (ABREU, 2013). Vimos no capítulo 2 como esse grupo foi um propulsor para que Lucía Tosi iniciasse suas pesquisas relacionadas a gênero e ciência.

No panorama internacional, a década de 1970 foi fortemente marcada pelo movimento das mulheres conhecido como feminismo de segunda onda, que nas palavras de Fox Keller, “foi antes e acima de tudo um movimento político”. Por meio, desse projeto que visava a emancipação feminina especialmente com bases políticas, desdobrou-se um projeto intelectual que ficou conhecido como teoria feminista ou *Women's Studies* (FOX KELLER, 2006). Em um esforço coletivo, pesquisas envolvendo a teoria feminista surgiram nos mais variados campos de pesquisa, como na antropologia, na sociologia e na história.

As ciências da natureza se mostraram um pouco mais resistentes a ceder a tais anseios, mas logo passou a questionar suas bases machistas (KELLER, 1995). Centrando-se nessa demarcação de gênero, a ciência começou a ser cobrada de respostas e posicionamentos, já que, as categorias gênero e sexo, estavam fortemente ligadas aos estudos principalmente das ciências biológicas. Inúmeras críticas começaram a surgir, questionando entre outros aspectos a objetividade e o caráter de neutralidade que permeavam uma ciência pautada em ideais de masculinidade.

Logo, percebeu-se o status de dominação e opressão de gênero que a ciência desempenhava na sociedade, enquanto espaço de poder. Por um lado, corporificou-se às mulheres ao ponto de negarem qualquer possibilidade de se fazer ciência, já que estas jamais alcançariam a objetividade necessária, por outro, esqueciam dos seus corpos e sua sujeitividade na biologia, na antropologia, na história e na arqueologia, como se estas fossem meras coadjuvantes na história da humanidade.

Em contraponto, enquanto o feminismo do eixo norte global se nutria das utopias de liberdade e transformações da década de 1960, a organização do nosso movimento feminista se dava em meio aos “anos de chumbo” (BLAY, 2019). Era frequente que os movimentos das mulheres estivessem vinculados aos partidos de esquerda ou a igreja católica progressista. Sendo, portanto, nas palavras de Lucía Tosi, permeado por uma ideologia esterilizante, as questões das mulheres por muito foram secundarizadas em prol da luta de classe ou dos

dogmas católicos. Muitas das análises apontam o início dos anos 1970 como um período de “feminismo bem-comportado”.

Apesar dessas ideologias esterilizantes, os estudos sobre gênero no Brasil se alojaram em diferentes espaços da academia. Tendo destaque especial nas ciências sociais, buscando reconhecimento científico para suas pesquisas. Todavia, de acordo com Hollanda (2019, p. 11) deixou “perigosamente naturalizada as questões relativas ao saber masculino enquanto sinônimo de saber universal”. Lucía Tosi se apresenta como uma das primeiras a questionar essa soberania masculina no saber.

O ano de 1975, foi denominado pela ONU, o ano internacional da mulher, em decorrência das atividades propostas, tem lugar na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) o seminário “Contribuição das ciências Humanas para a compreensão do Papel das Mulheres, organizado pelo Coletivo de Pesquisa sobre Mulheres da Fundação Carlos Chagas. Ocorre também o histórico seminário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), considerado um marco para o feminismo e a organização dos estudos de gênero no Brasil.

Lucía Tosi relata a importância que esse ano e as ações embutidas dele exerceram para suas pesquisas,

[...] foi só em 1975, por ocasião do ano da mulher, que tendo recebido um convite de Jacques Richardson, diretor da revista da Unesco, *Impact, Science et Sociétés*; para participar em número da mesma sobre o tema: “A ciência, um mundo masculino?”, senti-me profundamente motivada e escrevi meu artigo sobre criatividade científica da mulher (tosi, 2014. p, 13).

A respeito da emergência dos estudos sobre gênero e ciência no país, Melo e Oliveira (2006) afirmam que desde os anos 1970, esta temática também ressoou no Brasil. No início, com as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, espalhando-se, posteriormente, no meio acadêmico com a consolidação de vários núcleos de estudos de gênero. Particularmente, o tema gênero e ciência ganhou relevância nos anos 1990, com destaque para estudos dos grupos da Unicamp, Fiocruz, NEIM/UFBA e tantas outras pesquisadoras individuais que analisam a ausência das mulheres da História da Ciência no Brasil.

Os artigos publicados pela Fundação Carlos Chagas nos anos setenta representaram um dos marcos iniciais no desenvolvimento do tema. Barroso e Mello (1975) tratavam sobre o acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil e Bruschini (1978) fala a respeito da inserção das engenheiras, enfermeiras e professoras no mercado de trabalho. Outros artigos sobre a baixa participação das mulheres no desenvolvimento científico nacional, publicados

na revista *Ciência e Cultura* no mesmo ano, chamaram a atenção para as desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres.

Um merecido destaque deve ser atribuído à pesquisadora Fanny Tabak (1924-). Resultado de anos de trabalhos anteriores, Fanny Tabak foi fundadora, já no início dos anos de 1980, do Núcleo de Estudos da Mulher organizado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Desde então, seus trabalhos, ampliados no Laboratório de Pandora, tornaram-se referências para a área ainda emergente. Considerando que "o país não pode se dar ao luxo de prescindir da incorporação de milhares de mulheres que venham a contribuir com seu talento e sua inteligência para fazer avançar a Ciência e a Tecnologia no Brasil" (p.13), a autora propôs diversas pesquisas, nas quais analisa de indicadores da produção científica sobre a presença e o desempenho das mulheres nas ciências no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

No final da década de 1970 e durante a década de 1980, muitas análises sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho revelaram as assimetrias de gênero no que se refere à qualificação, à remuneração e às oportunidades profissionais. Mas, a emergência do campo gênero e ciências propriamente dito, seria marcada no final dos anos noventa pela iniciativa pioneira da revista *Cadernos Pagu* que publicou, em 1998, um número temático intitulado *Gênero, Tecnologia e Ciência*. Nele, a editora convidada, Elizabeth Bortolaia Silva, afirma que se trata da primeira publicação em língua portuguesa que contempla a conexão entre estes temas.

Esse número contém várias contribuições estruturadas em cinco tópicos: tecnologias do lar; tecnologias de reprodução; tecnologias de informática e serviços; tecnologias de produção; ciência. A maior parte dos artigos aborda os impactos das tecnologias sobre diferentes aspectos da vida das mulheres. Damos ênfase ao trabalho de Margaret Lopes intitulado *'Aventureiras' nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil*. A historiadora das ciências aponta que apesar de, desde a década de 1970, terem se iniciado pesquisas sobre feminismo no Brasil, as questões relacionadas à ciência custaram a ser sistematizadas. Esse dossiê conta também com uma publicação de Lucía Tosi que aborda o contexto da revolução científica do século XVII, relacionando-a com a caça às bruxas e o surgimento da ciência moderna.

Em seguida, nos anos 2000, publicamos o dossiê "Gênero, Ciência e História", organizado por Margaret Lopes. Dentre os artigos, Ilana Löwy problematiza o ideal de universalidade da ciência à luz das contribuições dos estudos sobre a historicidade do conhecimento e dos estudos de gênero e Maria Teresa Citeli destaca que os estudos

envolvendo ciência e gênero se subdividiam em duas áreas: a primeira delas, “mulher e ciência”, agrupava as pesquisas sobre a “participação, a contribuição e o status das mulheres nas profissões e carreiras científicas”; e a segunda, “gênero e ciência”, tratava da “análise das implicações de gênero para a/e, na produção das ciências”.

Desde então inúmeras questões foram surgindo e uma literatura ampla se desenvolveu no Brasil. Novas e velhas questões foram sendo levantadas como a necessidade de se pensar uma epistemologia feminista e a existência ou não de uma ciência feminista. Afinal, as mulheres faziam ciências de uma maneira diferente? O feminismo iria mudar a ciência? De fato, muitos receios e anseios circundaram às ciências naturais em decorrência da invasão, ou melhor, da ocupação feminista em tal espaço.

Em 2003, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres –SPM 9 foi criada e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher CNDM – foi incorporado à SPM. Seu status igualitário a outros ministérios do governo federal foi estratégico, uma vez que os movimentos feministas e de mulheres garantiram, pelo menos, parte de seus interesses representados no Estado. Apesar de um orçamento menor se comparado a outros ministérios, a SPM recebeu a tarefa de atuar como articuladora das políticas para as mulheres e de gênero nos outros ministérios.

O “Programa Mulher e Ciência”, implementado em 2005, é um marco por inserir os estudos sobre gênero e ciência âmbito da política nacional. A articulação com o Ministério de Ciência e Tecnologia foi realizada na gestão da ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Profa. Dra. Nilcéa Freire. Seu apoio à elaboração de uma iniciativa dirigida para as questões de gênero nas ciências foi fundamental para a criação e implementação do Programa Mulher e Ciência (LIMA; LOPES; COSTA, 2016).

Minella (2013) aponta alguns aspectos da história dos estudos de gênero e ciência no Brasil, dentre os quais merece destaque a ausência de análises que coloquem as questões étnicas no centro do debate, embora Rocha e Carvalho (2005), por exemplo, tenham contemplado o quesito cor, entre outros, relevantes. Os resultados obtidos por Minella (2013) sugerem que a crítica à ciência formulada nos estudos analisados está centrada no androcentrismo e no sexismo, invisibilizando, de algum modo, o racismo. Chama a atenção que não se problematize, por exemplo, o fato de que as cientistas pioneiras sejam, em geral, brancas e oriundas de famílias de imigrantes europeus.

Mais recentemente, em 2014, o Neim/UFBA publicou em seu periódico *Feminismos* uma edição especial intitulada “Gênero e Ciência”. Tal edição conta com uma interessante apresentação escrita por Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2014, p.79), que citam o

pioneirismo de pesquisadoras como Lucía Tosi, Fanny Tabak e Eliane Azevêdo, explicando que desde os anos 1980, até então pesquisadoras brasileiras, passaram a produzir muitos trabalhos que analisam a presença de mulheres no mundo da Ciência.

Duas outras edições mais recentes dos *Cadernos Pagu* se concentraram em desbravar as questões de gênero e ciência no Brasil e na América Latina: A edição número 48 de 2016, na qual temos um artigo produzido por Betina Stefanello Lima e Maria Conceição da Costa que analisa aspectos das políticas científicas para a equidade de gênero no sistema científico e tecnológico implementadas no âmbito do Programa Mulher e Ciência. E o dossiê *Gênero e Ciências: História e Políticas no Contexto Ibero-americano* de 2017, que além do Brasil traz abordagens de outros países como da Costa-Rica.

Nesses dossiês, a Lucía Tosi é citada como uma das pioneiras em tratar das questões de gênero e ciência no Brasil. Foi homenageada por Margaret Lopes na edição especial dos *Cadernos Pagu* em 2006, “Gênero na Ciência”, sendo reconhecida como pioneira na área. Também foi homenageada por Ângela Maria Freire de Lima e Souza na edição especial da revista "Feminismos ", intitulada “Gênero e ciência”. Ainda foi um dos nomes escolhidos no projeto da CNPq, Pioneiras da Ciência no Brasil, em um texto redigido por Hildete Pereira de Melo, que a atribui a descrição de “química e feminista”. A seguir, apresentamos as principais contribuições de Lucía Tosi para os Estudos de gênero e ciência.

## CONTRIBUIÇÕES DE LUCÍA TOSI PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO E CIÊNCIA NO BRASIL

Após a seleção e leitura dos textos da Lucía Tosi publicados em periódicos de circulação nacional e em língua portuguesa, buscamos localizar centros de debates relacionados a cada uma das categorias propostas por Lima e Souza (2011, 2014). Sendo assim, o texto que se segue possui um caráter mais descritivo, a fim de perceber os posicionamentos e interesses de pesquisa de Lucía Tosi.

### **Dimensão Estrutural**

Na dimensão estrutural, analisamos a presença, a colocação e a visibilidade das instituições científicas, concentrando-se, portanto, em índices que demarcam a participação e a história das mulheres na ciência (LIMA & SOUZA, 2011). Nesse aspecto, Lucía Tosi possui

publicações que percorrem os mais variados eixos, com artigos que versam tanto sobre a participação das mulheres nos mais variados momentos e contextos históricos, quanto publicações que exploram a trajetória de vida de mulheres cientistas específicas.

Em 1981, Lucía Tosi publicou na revista *Ciência & Cultura*, o artigo “A mulher Brasileira, a universidade e a pesquisa científica” onde traça um panorama a respeito do ingresso de mulheres na universidade brasileira enquanto estudantes e enquanto professoras e pesquisadoras. Por meio de uma análise que envolve dados estatísticos e sociológicos, Lucía afirma que apesar de não existirem barreiras jurídicas à entrada das mulheres no ensino superior brasileiro, muitos obstáculos dificultam o acesso das mulheres. Ela afirma que uma “moça gasta uma quantidade considerável de energia sob forma de ansiedade, esforço físico e mental, bem como, imaginação, para propor a seus parceiros do sexo masculino uma imagem de si própria capaz de despertar seus desejos sexuais”. Sendo que a escolha da carreira das jovens brasileiras, ainda estava subordinada a encontrar um bom companheiro.

Além disso, a sociedade brasileira, tendia a propor às mulheres um número limitado de profissões que considerava adequado à sua função biológica de procriadora e a seu papel social de esposa e de mãe. A tudo isso, ela chama de processo de condicionamento social, afirmando que apesar de serem tratados de processos frequentes em inúmeros países, no Brasil esse tipo de condicionamento alcançou um certo sucesso. Nesse sentido, ela fala que mesmo mulheres de classe média, que poderiam terceirizar seus afazeres domésticos e seguir com uma carreira científica, não conseguem libertar-se desse condicionamento social.

Analisando a relação entre subdesenvolvimento e ciência, Lucía acredita que seria desejável em um país como o Brasil, que as mulheres tivessem possibilidade de se inserir na atividade científica em pé de igualdade com os homens, por pelo menos dois motivos. Primeiro, a sua formação profissional comportaria um investimento importante que a sociedade faz, que não deveria ser desperdiçado. Segundo, porque uma mulher poderia levar à prática da pesquisa qualidades que lhes são próprias, traços usados por vezes para criar-lhes obstáculos, deveriam, ao contrário, permitir que participassem de modo mais ativo e eficaz nas instâncias de decisão.

Apesar disso, ela afirma não contar com que a comunidade universitária e científica permitisse às mulheres brasileiras uma participação muito mais decisiva na evolução, na gestão e na orientação da pesquisa científica, mesmo que alguns membros mais esclarecidos dessa comunidade tivessem consciência do que estava em jogo. Lucía defendeu que compete às próprias brasileiras tomar essa iniciativa, não somente levantando problemas, mas

sobretudo, manifestando seu desejo de exercer um papel diretivo, reivindicando mais postos de responsabilidade, assim como uma maior participação nos processos de decisão.

Em um outro trabalho, com uma perspectiva mais eurocêntrica, Lucía Tosi (1998), apontava os séculos XVII e XVIII como de importantes transformações para a educação de mulheres e sua participação na atividade científica. Com a Revolução Científica, a autora observa um verdadeiro entusiasmo pelas descobertas e invenções recentes multiplicando-se os cursos sobre as novas ciências. As mulheres também participaram ativamente desse movimento, o que despertou as críticas e o escárnio da parte de diversos autores.

No entanto, Lucía argumentou que a noção de que os defeitos atribuídos às mulheres provêm das carências da educação que recebem, foi conquistando mais adeptos. Diversos livros de divulgação especialmente dedicados às mulheres foram publicados nesse período. Os conhecimentos fornecidos por essas obras permitiam às mulheres agirem, no melhor dos casos, como interlocutoras atenciosas nas conversas dos salões, onde as novas descobertas científicas eram tema de discussões.

Ela afirma ainda que as mulheres dos séculos XVII e XVIII, participaram de diversas atividades científicas e, salvo contadas exceções, “só puderam penetrar na fortaleza do saber pela porta dos fundos”. Algumas dessas mulheres, pertencentes às classes nobres ou burguesas, tiveram a chance de receber uma boa educação, o que permitia transpor barreiras. Todavia, ficaram relegadas à condição marginal de assistentes ou, no melhor dos casos, de colaboradoras de cientistas conhecidos, sendo negligenciadas pela história com frequência. Contudo, Lucía ponderou que houve também mulheres que tomaram posições feministas e defenderam seu direito à mesma educação e o acesso às mesmas atividades intelectuais dos homens.

Nesse sentido, Lucía se dedicou a explorar as histórias de algumas dessas mulheres negligenciadas nas diferentes áreas da ciência, retendo seu foco de pesquisa na história da química. A seguir trazemos alguns exemplos.

Lucía Tosi (1996) explora a história quase desconhecida de Marie Meurdrac que publicou em 1665 o livro “*La Chymie Charitable et Facile, en Faveur des Dames*” (A Química caritativa e fácil, em benefício das mulheres). O livro teve quatro edições conhecidas na França (a última é de 1711), uma edição em italiano em 1682 e seis em alemão entre 1673 e 1738. Lucía faz publicações em português e francês sobre Meurdrac, afirmando que nada se conhece sobre a autora deste pequeno tratado (peças liminares, tabelas e 334 páginas de texto), a não ser o que a própria autora afirma no prefácio.

A autora aponta dois aspectos importantes que distinguem a obra de Marie Meurdrac dos tratados similares de seus contemporâneos. Em primeiro lugar, a importância que a autora deu às ervas medicinais, suas propriedades e à preparação de remédios e cosméticos à base das mesmas. Depois, um capítulo especialmente dedicado às mulheres, que trata de cosmetologia, afirmando que essas técnicas constituem, na verdade, uma parte essencial do saber milenar atribuído às mulheres, saber praticado tanto por Trótula como por Hildegarda na Idade Média, mas que as fez vítimas no período da caça às bruxas por ser atribuído a um pacto demoníaco.

Lucía Tosi (1998) explorou a participação das mulheres na astronomia, na matemática e na física. Quanto à astronomia, segundo a autora, a partir do século XVIII, a participação de mulheres astrônomas começa a ser documentada. As mais famosas foram Caroline Herschel (1750-1848) na Inglaterra, Maria Winkelmann (1670-1720) na Alemanha e Nicole-Reyne Etable de la Brière, mais conhecida como Madame Lepaute (1723-1788) na França.

Na matemática e física, ela concentra-se na história de Madame du Châtelet, tecendo críticas ao fato de que durante muito tempo a maior parte dos historiadores e comentaristas só se interessaram pelos aspectos pitorescos e anedóticos da personalidade da amante de Voltaire. Apontando que apenas trabalhos mais recentes sobre a história das ideias permitiram apreciar o impulso dado por Madame du Châtelet ao interesse pela ciência e especialmente à difusão das ideias de Newton na França. Assim, foi somente a partir de 1941 que sua influência sobre o pensamento de Voltaire, seu talento matemático e suas contribuições à ciência e à Filosofia começaram a ser objeto de estudo (TOSI, 1998).

Ainda na física, apresenta a história de Laura Bassi (1711-1778) que se graduou na Universidade de Bolonha e despertou a admiração de seus contemporâneos por seus conhecimentos de latim, da filosofia cartesiana e da teoria newtoniana. Em 1732, fez seu doutorado defendendo 49 proposições na frente de um júri formado por quatro professores, depois do qual, foi nomeada professora desta universidade e membro do Instituto de Ciências.

O cargo ocupado por Laura Bassi tinha várias restrições. Por exemplo, ela devia ministrar uma aula a cada trimestre, pois o Senado da Universidade desejava mantê-la na lista de professores de Filosofia, evitando-lhe o fardo do ensino. Receberia um estipêndio de 100 escudos anuais com a condição de não ministrar aulas nas escolas públicas, exceto quando autorizada pelos seus superiores. Além disso, devia participar de diversos debates públicos e acolher personalidades marcantes. Essas regulamentações tinham como objetivo transformar Laura Bassi na figura emblemática destinada a dar brilho à Universidade e a confirmar seu antigo prestígio como instituição aberta às mulheres.



Lucía Tosi (1998) afirma que apesar de sua proeminência na história da ciência e de sua importância na cultura científica italiana do século XVIII, de sua ampla correspondência com vários cientistas europeus famosos, da admiração que despertara, pouco ficou da atividade científica de Laura Bassi. Além das 49 proposições editadas por ocasião de seu doutorado e de alguns poemas, Laura Bassi só publicou quatro trabalhos científicos, que representam uma pequena fração das dissertações que preparava anualmente no Instituto e nas quais nunca figurou seu nome.

### **Dimensão Epistemológica**

Na dimensão epistemológica, questiona-se os modos de produção de conhecimento a partir de uma crítica aos princípios norteadores do pensamento científico hegemônico (LIMA & SOUZA, 2014). Nesse sentido, podemos considerar que Lucía questiona as bases desse conhecimento historicamente desde as bases inaugurais da ciência moderna, questionando os atributos que levaram o conhecimento de mulheres a ser tão criminalizado no período que culmina na revolução científica.

Lucía trata em alguns textos de elementos inerentes à “criatividade feminina”, nos textos “A criatividade feminina na ciência” de 1975 e “A mulher brasileira, a universidade e a pesquisa científica”, 1980, ela aponta que a criatividade feminina poderia ser um elemento chave para o desenvolvimento científico de países da América Latina como é o caso do Brasil. Dentre as características das mulheres que poderiam ser úteis a ciência, ela destaca: por sua formação, as mulheres são menos motivadas pela competição exacerbada e pela necessidade de consagração, sabem guardar maior equilíbrio entre os imperativos da inteligência e as necessidades de afetividade, não separam completamente o trabalho profissional das outras atividades, capazes de melhorar a qualidade da vida. Segundo a autora, todos esses aspectos, mal vistos pela academia, deveriam ser considerados atributos para desenvolvimento da ciência.

Em contrapartida, em um texto publicado em 1994, Lucía parece ter mudado de perspectiva, afirmando que tais dicotomias que separam características femininas e masculinas relacionadas ao trabalho científico, discorre de concepções machistas.

Basta ler os jornais para constatar que uma grande parte dos homens que controlam e dirigem os destinos da humanidade, são tão emotivos, irracionais ou imprevisíveis como o são, supostamente as mulheres. A

intuição, por outro lado, é um dos componentes mais valiosos da coletividade, tanto artística como científica e, portanto, não só característica de mulher[...] Como mulheres e, como seres humanos, somos, então, fortes, racionais, fria, intuitivas, objetivas, ativas e dominantes. Mas também como seres humanos e, em certas circunstâncias, somos cálidas, emotivas, subjetivas, maternais, Por que não? (TOSI, 1994, p. 25)

Em outro tópico, há pelos menos três textos publicados pela Lucía Tosi que tratam do episódio da caça às bruxas “Caça às bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo” de 1985, “As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas?” de 1987 e “Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna” de 1998. Lucía busca estudar o período do humanismo e da revolução científica, compreendendo as relações intrínsecas entre a caça às bruxas e a construção epistemológica do conhecimento dessas mulheres acusadas de bruxaria.

Nestes textos, Lucía questiona por qual razão a bruxaria teria sido considerada uma atividade essencialmente feminina. Partindo do pressuposto de que a maioria dos estudos sociológicos e quantitativos confirmaram a noção de que a maior parte das condenadas por bruxaria foram mulheres pobres, velhas e do meio rural. Dentre seus argumentos, ela acreditava que muitas dessas mulheres dominavam um saber geracional, passado por mulheres de uma geração para a outra e formulados a partir da empiria.

Lucía afirmava que a atitude ou os sentimentos dos homens com respeito às mulheres através dos tempos, tem oscilado entre a atração e a hostilidade, o amor e o ódio, a veneração e o medo. Sobretudo, o medo da sexualidade feminina incontrolada quando ela vai à unidade, a algum tipo de poder, como por exemplo, a magia. Vale dizer que a fertilidade sempre foi um instrumento de controle da sexualidade de mulheres. Algumas dessas mulheres taxadas de bruxas, eram ainda acusadas de infanticídio por promoverem controle na reprodução feminina. A intolerância com o conhecimento das mulheres também se relacionava a esse medo pelo poder.

Mas, não só mulheres misturavam saber empírico com artes sobrenaturais, o que diferenciava era como esse conhecimento era atrelado a homens e mulheres. De uma maneira geral, a magia maléfica caracterizava a feiticeira (no feminino), enquanto a profecia, o achado de objetos perdidos, a identificação de ladrões, a proteção mágica e a prática da medicina popular eram funções específicas de homens sábios. Assim, Lucía afirmava que a característica mais marcante dos processos de bruxaria, é o da criminalização de mulheres. Nesse processo, o saber passou a ser estritamente controlado quando concedido às mulheres.

A ciência, entretanto, não pôde dispensar a contribuição das reconhecidas habilidades femininas para o trabalho experimental e para a observação.

De acordo com a autora, em anos recentes a caça às bruxas é considerada como um fenômeno fundamentalmente político, um aspecto de penetração e a abertura do mundo rural, de aculturação e hegemonia, estreitamente ligada à emergência dos estados nacionais. Uma vez esses estados consolidados e as populações rurais aculturadas, a perseguição à bruxaria foi perdendo fôlego e finalmente acabou. Nesse tipo de interpretação, porém, não fica claro porque as principais vítimas foram mulheres.

As mudanças drásticas ocorridas a partir do século XV comportavam a demonização da mulher, especialmente da mulher sábia. O saber empírico que as mulheres dominavam, passou a ser considerado suspeito, mesmo quando utilizado para fins benéficos. Vale considerar que nesse período, o acesso à medicina era direito de poucos e essas mulheres atuavam também no controle de doenças e como parteiras. Acreditava-se que dada a sua fraqueza física e moral, sua limitada inteligência, sua carência de raciocínio e sua sexualidade incontrolável, a mulher era vítima privilegiada de satã, de modo que seus saberes só poderiam ter sido adquiridos por meios ilícitos.

Lucía concluiu que a questão da bruxaria e da caça às bruxas constituem um tema de reflexão e estudo intimamente relacionado com a problemática da mulher e a ciência, por tratar-se da repressão de um saber, ainda que empírico, praticado pelas mulheres. Com efeito, um contingente importante das acusadas de bruxaria estava formado por mulheres velhas que dominavam um saber ancestral, que consistia no uso de ervas de reconhecida eficácia. Esse saber, transmitido oralmente, era, em princípio, acessível a qualquer um, mas essas mulheres o herdaram através de laços familiares ou de vizinhança e eram, por assim dizer, as principais depositárias.

### **Dimensão de análise dos discursos e das representações sobre mulheres nas ciências**

Na dimensão de análise dos discursos e das representações sobre mulheres nas ciências, buscamos identificar metáforas de gênero como as que associam a mulher à natureza e o homem à razão, com repercussões importantes nos conteúdos de diversas disciplinas. Além disso, pode-se explorar as inúmeras representações discursivas que constroem imagens e narrativas de mulheres cientistas (LIMA & SOUZA, 2014). Nesse aspecto, Lucía Tosi

destaca-se ao analisar metáforas e estereótipos associados às mulheres sábias, criadoras e cientistas.

No texto “Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras?” publicado na revista *Ensaio de Opinião* em 1979, Lucía Tosi utiliza o discurso pronunciado pelo físico norte-americano Luis W. Alvarez ao receber o Prêmio Nobel, para fazer inferências sobre o lugar endereçado às mulheres na ciência. Em seu discurso Alvarez agradece a Janet Landis, que há 10 anos havia largado o trabalho no laboratório para tornar-se sua esposa, afirmando que “desde então toda segunda-feira a noite preparou nosso *living room* [...] para receber nosso seminário semanal. Foi ela quem me proporcionou o calor e a compreensão que são necessários a todo investigador científico para superar os períodos de frustração[...]”. A partir desse discurso, Lucía aponta três colocações elencadas às mulheres cientistas: cripto-domésticas; interlocutoras ou criadoras.

Em referência ao livro *Economics and the Public Purpose* de John Kenneth Galbraith, Lucía considera que há uma tendência em converter as mulheres em cripto-domésticas, sendo este um acontecimento econômico importante, na medida em que o homem pôde se dispor de uma esposa-criada que se ocupa – dentre muitas tarefas – da gestão do consumo, e que adquire uma importância vital para a expansão do parceiro na economia moderna. Além disso, ela seria responsável por gerir a infraestrutura doméstica e criar um ambiente acolhedor, que libertaria o homem de toda a preocupação relativa ao funcionamento do lar e do cuidado e à educação dos filhos, possibilitando assim a canalização de suas faculdades mentais para objetivos mais transcendentais.

No entanto, o papel da mulher, segundo Lucía (1979), não se resumia unicamente ao de cripto-domésticas, agente de consumo e provedora de infraestrutura de apoio. Citando o exemplo de Janet, Lucía afirma que se ela ainda dedicasse seu tempo integralmente à atividade de pesquisa, provavelmente não estaria disponível para escutar pacientemente seu marido. Assim, a mulher do criador tem outra função não tão óbvia: a de interlocutora inteligente e privilegiada.

Lucía finaliza o artigo refletindo sobre a mulher enquanto criadora fazendo os seguintes questionamentos: Por que tantas dotadas de talento e imaginação se resignam a desempenhar o papel de servidoras? de meras interlocutoras? Por que não realizam uma atividade criadora por conta própria? Por fim, ela defendeu que muitas das respostas para tais perguntas podem ser encontradas nos discursos ideológicos e nas representações sobre as mulheres.

Nesse sentido, Lucía (1979) afirma que o conhecimento científico nas ciências sociais é parte orgânica do sistema cultural. Participa do desenvolvimento dessa cultura e, não apenas

de modo passivo, contribui para fomentar certas tendências. Se as mulheres não desenvolvem plenamente suas potencialidades intelectuais e não realizam atividades criadoras, é porque a sociedade que vivem não esperam que o façam. Ponderando ser verdade que existem obstáculos como o cuidado com os filhos, com o lar e a ausência de apoio e estímulo, mas isso seria apenas capaz de desviá-las, sendo na verdade estas normas de comportamento veiculadas por meio dos discursos de quem dita as regras da sociedade que condiciona as mulheres nesse lugar subalterno. Portanto, no plano das representações, o feminino de gênio não existiria. Poderia existir algumas com inteligência inigualável, mas o gênio criador sempre foi no masculino.

Em outros textos, Lucía Tosi (1998) questiona a dicotomia existente entre o saber feminino e o saber masculino a partir da idade média, da caça às bruxas e da revolução científica. Nesse sentido, enquanto os homens eram relacionados a santidade ao conhecimento religioso, às mulheres eram atribuídas à bruxaria e à imagem do demônio. Em inúmeras culturas, a imagem da mulher como descobridora do pecado (Eva, Pandora) permeia o ideário que relaciona a mulher à ciência. Lucía Tosi, considera que muito desse medo relacionado ao conhecimento das mulheres tinha a ver com o receio de atribuir poder às mulheres, assim seria aparentemente mais simples considerá-las todas discípulas do demônio e persegui-las, quando algumas exerciam na verdade atividade de curandeiras e parteiras.

Segundo Lucía Tosi (1994), a representação de mulheres como bruxas e como agente privilegiado do diabo, também teria origem na correlação da mulher com a natureza, ambas consideradas por vezes descontroladas. Pensando nessa relação, Lucía explora a longa servidão entre mulher e natureza, apontando que para muitas feministas, a exploração sem controle da natureza e o esgotamento dos recursos naturais, constitui um fenômeno característico da civilização industrial, com a qual a dependência e subordinação das mulheres estão estreitamente ligadas. Ela cita Carolyn Merchant que sustenta que a passagem da antiga cosmologia (geocentrismo) para a atual (heliocêntrica) deu a ideia de posse e domínio da natureza, o que acarretou a destruição dos recursos naturais e ao mesmo tempo intensificou a sujeição das mulheres. Esse fato marca também o início da Revolução Científica.

Nesse sentido, Lucía explica que na antiga cosmologia a terra era considerada o centro de tudo, um organismo vivo, vista como a mãe universal. Assim, a própria natureza perdeu muito de sua ascendência e poder ao ser elencada como apenas mais um elemento de um sistema complexo. A terra “passou a ser considerada por má mulher que podia ser seduzida e violada” (Tosi, 1994, p. 161).

Lucía Tosi (1994) continua explicando que a sujeição da mulher não decorreu necessariamente da Revolução Científica ou do “destronamento da mãe terra”. Mas, a sua identificação com a natureza adquiriu mais relevo e contribuiu ao progressivo confinamento da mulher na esfera familiar e à sua ausência nos espaços de poder. Assim, contrariamente a natureza, como terra, identificada com ela, era representada como uma mulher, a deusa mãe, doadora de vida. Frente a essa imagem, existia outra mais sombria que decorria da existência de catástrofes climáticas, pragas e doenças imprevisíveis, o que levava a uma outra representação da natureza como uma fêmea incontrolável e imprevisível.

Desse modo, a segunda representação da natureza implica no desejo de dominá-la e controlá-la. No outro lado dessa metáfora, a mulher que poderia ser vista como esposa e amante dedicada que proporciona conforto, alívio e bem-estar ao homem, tornava-se por fraqueza moral uma presa fácil de suas emoções. Lucía Tosi (1994, p. 163) destaca “como a natureza, a mulher também devia ser controlada, guiada, e até coagida para permitir o desenvolvimento do lado benéfico de sua personalidade e para refrear ou ainda suprir o seu lado nocivo”.

Seguindo o uso de metáfora, Lucía afirma que devemos à filosofia de Platão a noção de que a matéria perecível e cambiante é feminina, enquanto o reino da razão e das formas perfeitas, é masculino. Dando mais ênfase às noções que consideravam a mulher como um ser emotivo e irracional. Outra dicotomia relacionava o homem à cultura e a mulher à natureza. Lucía aponta que todas essas dicotomias foram utilizadas para reprimir as mulheres do desenvolvimento intelectual.

Por fim, questiona: “Qual deve ser, portanto, a nossa posição frente a essa suposta identidade mulher-natureza? Devemos aceitá-la? Continuar a nos conformar com ela? Rejeitá-la?” Lucía discorda das duas possíveis formas comuns de encarar esse problema, a primeira que não questiona esses dualismos, mas pretende integrar a mulher na cultura e na produção e, a segunda, chamada de “ecofeminismo”, que entende tais dicotomias como produto da própria cultura machista e escolhe conscientemente a identificação mulher-natureza como uma vantagem para criar outra cultura que integre o intuitivo e o racional. Na opinião de Lucía Tosi,

[...] nenhuma das duas orientações permite a mulher sair de seu confinamento milenar na família e no lar. Considero particularmente perversa a ideia de que a identidade mulher-natureza é uma vantagem. Por outro lado, a esta altura do desenvolvimento das sociedades humanas é muito difícil, por não dizer impossível, discernir o que é natural e o que é cultural. Essas noções só servem para perpetuar o velho mito da mulher

como um ser intuitivo e irracional, por oposição ao homem que seria racional e objetivo [...] (TOSI, 1994, p.167)

Lucía Tosi (1994, p. 167) concluiu afirmando que, para sair do nosso confinamento, será preciso, então, imaginar uma estratégia baseada no fato irrefutável de sermos todos nós, mulheres e homens, filhos da mesma mãe, a terra que nos deu vida, que devemos preservar, e com as mesmas potencialidades.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por meio desse trabalho foi possível mapear parte das contribuições da Lucía Tosi para os Estudos de Gênero e Ciência no Brasil. Ela possui publicações em periódicos de grande circulação nacional reconhecidos por divulgar histórias de mulheres nas ciências, por exemplo, os *Cadernos Pagu*. Em nossa abordagem, optamos por categorizar as principais ideias de Lucía, a partir de três dimensões propostas por Lima e Souza (2011, 2014): 1. Dimensão estrutural; 2. Dimensão epistemológica; 3. Dimensão de análise dos discursos e das representações sobre mulheres nas ciências.

Notamos que a maioria das publicações da Lucía se concentram na primeira categoria, a dimensão estrutural. Muitas de suas pesquisas concentravam-se em tratar da participação das mulheres nas ciências em diferentes épocas, países e contextos sociopolíticos. Apesar de ainda não utilizar o gênero como uma categoria de análise (instrumento já utilizado por contemporâneas como Fox Keller), fica claro o emprego de uma abordagem feminista nas suas escritas. Seu foco, sem dúvidas, se localiza em construir narrativas históricas subsidiadas em fontes tradicionais da história da ciência e fundamentada em argumentos concretos, mas para além disso, comumente ela utiliza-se de constructos da história, da história da ciência e até mesmo da filosofia e da sociologia para interpretar suas hipóteses.

Como vimos, Lucía escreveu sobre a trajetória de vida de várias mulheres cientistas, todavia, apesar de ser declaradamente uma interessada nos estudos e nos países latino-americanos não encontramos nenhuma publicação da Lucía em periódicos brasileiros sobre trajetórias de mulheres cientistas. Dos textos analisados, apenas em um, ela investiga a situação da mulher na universidade e na pesquisa científica brasileira, mas sem citar exemplos. Há ainda um trabalho que não fez parte do escopo desta pesquisa, por ter sido publicado em espanhol, em que ela apresenta a história da cientista argentina Héléne Metzger (TOSI, 2000).

Acreditamos que essa lacuna seja justificada por pelo menos dois aspectos. O primeiro deles localiza-se na própria história de Lucía Tosi, já que boa parte da sua vida ela viveu em Paris, na França e teve acesso a muitas fontes relacionadas a mulheres cientistas francesas, italianas e inglesas. O segundo, relaciona-se a agenda de gênero e ciência a qual Lucía se insere, como vimos autoras, tais como Holanda (2019), afirmam que no Brasil costumamos a olhar para nós, a partir de nós. E, apesar de transgressora para o seu tempo, Lucía Tosi viveu em um contexto em que as bases colonizadoras do conhecimento científico eram ainda mais inflexíveis.

Essa também pode ser uma justificativa plausível para a ausência em interseccionar gênero com outras categorias como raça, etnia, classe e sexualidade. Lucía fez parte de um feminismo essencialmente burguês que nasce de mulheres de classe média e alta, que estavam exiladas na França. Historicamente, há duplas avaliações sobre as contribuições positivas e negativas que esse tipo de feminismo trouxe para a diversidade de mulheres que compõem o nosso diverso país. Aqui, nos posicionamos entendendo que apesar de lacunas existentes, em um primeiro momento esse feminismo inaugurou agendas importantes. Além disso, a ausência dessa intersecção não é uma característica apenas das pesquisas de Lucía, como aponta Minella (2013), no Brasil, os estudos de gênero e ciência desenvolvem-se em torno da negligência a muitos corpos distintos.

Encontramos poucas ideias relacionadas à dimensão epistemológica, sendo que textos publicados por ela no início dos anos 1980, apresentam dicotomias em relação a textos dos anos 1990. Em uma primeira fase, Lucía parece apontar que existiriam características femininas que seriam úteis à ciência, não deixando claro se considera que tais características teriam origens genéticas ou sociais. Tal característica recorre a querela muito explorada pelas feministas norte-americanas a respeito de existir um jeito feminino de fazer ciência ou ainda, se o feminismo teria mudado a ciência. Anos mais tarde, Lucía explica melhor sua opinião a respeito do tema ao criticar a metáfora que relaciona a mulher a natureza e o homem a razão/cultura.

Na última categoria, percebemos que Lucía se alinha fortemente a um pensamento que analisa as questões de gênero a partir da ótica do discurso. Tal pensamento é comumente associado à emergência pós-estruturalista e ao feminismo dos anos 1990. Apesar disso, não encontramos indícios de que a cientista tenha seguido estritamente este paradigma. De qualquer modo, além de refletir sobre as inúmeras representações para a mulher intelectual, Lucía defende que os discursos hegemônicos têm grande poder de penetrar no imaginário social e ditar as regras sobre quem é sujeito da ciência. Seria esse mesmo discurso, por meio



das inúmeras ausências, negligências e metáforas que teriam aprisionado por décadas as mulheres na esfera privada.

Por fim, percebemos que Lucía Tosi trouxe uma vasta e variada contribuição para os estudos de Gênero e Ciência no Brasil. Não à toa, ela configura-se como pioneira nestes estudos, sendo frequentemente homenageada como uma das primeiras de nós a falar do assunto. Apesar disso, as lacunas e dúvidas evidenciadas em suas pesquisas especificam uma pesquisadora em constante construção e desconstrução, que ao passo que exercia o papel de ser uma das primeiras, refletia sobre sua própria trajetória enquanto mulher na ciência.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M.. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 553-572, 2013.
- ALVES, B. M.. **Ideologia & feminismo**. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980
- BARROSO, C. L.;MELLO, G; N. A participação da mulher no desenvolvimento científico brasileiro. **Ciência e Cultura**, 1975.
- BENCHIMOL, J. L.. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, p. 13-83, 2003.
- BLAY, E.. Como mulheres se constituíram como agentes políticas e democráticas: o caso brasileiro. In: BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. edUSP, 2019.
- BRUSCHINI, C.. Mulher e Trabalho: engenheiras, enfermeiras e professores. Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa (27), São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1978.
- BUITONI, D. H. Schroeder. **Imprensa feminina**. 1986.
- CAMPOI, I. C.. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História** (São Paulo), v. 30, p. 196-213, 2011.
- CARDOSO, I. Os tempos dramáticos da mulher Brasileira. **Coleção Mulher Brasileira**, nº2, São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1981.
- CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **cadernos pagu**, n. 15, p. 39-75, 2000.
- DUARTE, C. L.. Feminismo uma história a se contada. In:HOLANDA, H.. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.
- FOX KELLER, E.. Gender and science: Origin, history, and politics. **Osiris**, v. 10, p. 26-38, 1995.

- HOLANDA, H.. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.
- GARCÍA, M. G.; SEDENO, Eulália Perez. Ciência, tecnologia e gênero. **Revista Ibero-Americana de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação** , v. 2 p. 5, 2002.
- LIMA E SOUZA, Â. M. F.. Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. **Gênero, Mulheres e Feminismos**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011.
- LIMA E SOUZA, Â. M. F.. Apresentação. **Feminismos**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2014.
- LIMA, B. S.; LOPES, M. M.; COSTA, M.. Programa Mulher e Ciência: breve análise sobre a política de equidade de gênero nas ciências, no Brasil. **Revista Gênero**, 2016.
- LOPES, M. M.. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **cadernos pagu**, n. 10, p. 345-368, 1998.
- LOPES, M. M.; SOUZA, L. G. P.; OLIVEIRA, M. M.. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Revista gênero**, v. 5, n. 1, 2004.
- LOPES, M. M.. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. **cadernos pagu**, p. 35-61, 2006.
- LUTZ, B. Índice dos Archivos do Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional**, [S.l.], v. 26, p. 277-290, 1919.
- MINELLA, L. S.. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. **cadernos pagu**, p. 95-140, 2013.
- MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. **Direito e desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017.
- ROCHA, C. CARVALHO, M. As duas extremidades dos Sistemas de Informação (SI) e as questões relacionais de gênero. **Cadernos de Gênero e Tecnologia** (1), Curitiba-PR, Editora do CEFET, 2005.
- SCHIEBINGER, L. Getting more women into science: knowledge issues. **Harv. JL & Gender**, v. 30, p. 365, 2007.
- SOIHET, R. **Bertha Lutz e a ascensão social da mulher**. Mestrado em História. Departamento de História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, 1974.
- SOIHET, R. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 97-117, 2000.
- TOSI, L. Criatividade Científica da Mulher. **Cadernos de Opinião**, p. 127-138, 1975.
- TOSI, L. Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras? **Ensaio de Opinião**, São Paulo, p. 2-9, 1979.

TOSI, L. A mulher brasileira, a universidade e a pesquisa científica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 33(2), p. 167-177, 1980.

TOSI, L. Caça às bruxas: o saber das mulheres como obra do diabo. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 4, n. 20, p. 34-42, set./out. 1985.

TOSI, L. As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas? **Impressões**, São Paulo, n. 0, p. 9-20, 1987.

TOSI, L. Uma longa servidão. **Mulher & meio ambiente**, v. 3, p. 41, 1994.

TOSI, L. Marie Meurdrac, Química Paracelsiana e Feminista do Século XVII. **Química Nova** 1996, 19, 440.

TOSI, L. Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, 1998, 10, 369.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrar aspectos inerentes a trajetória de vida da Lucía Tosi, percebemos o quanto sua complexa história pode oferecer de reflexão sobre aspectos que dizem respeito a história da ciência no Brasil, à proeminência dos estudos de gênero e ciência, às nuances de ser mulher cientista na segunda metade do século XX e a ausência de fontes historiográficas para tratar de mulheres. Enquanto produto dos últimos anos de pesquisa, essa tese apresenta-se em constante construção, bem como artistas, escolhemos as tintas e traços que compõem essa obra e a cada olhar, temos mais certeza da incompletude ao tratar da história de vida de alguém como Lucía Tosi.

A lente biográfica utilizada, tomando *gênero* como uma categoria analítica, nos permitiu mapear os obstáculos e estratégias de Lucía Tosi para alcançar sucesso em uma ciência aculturada por perspectivas misóginas, como a química. Se por um lado ela custou para alcançar uma carreira efetiva e vivenciou o “Efeito Camille Claudel”, tendo sua carreira encaixada a do seu marido, por outro, ela tornou-se reconhecida internacionalmente atuando em importantes centros de pesquisas. Nesse sentido, percebemos a importância que o feminismo teve na vida de Lucía e na sua proeminência na atividade científica.

A própria Lucía fala que sempre foi feminista desde os tempos de estudante. Isso refletia na sua vida pessoal, nos relacionamentos afetivos e na sua atividade doméstica. Uma mãe dedicada, uma cozinheira excelente e uma exímia dona de casa, que desempenhava todas essas atividades convictas da condição social imposta a mulher que muitas vezes a aprisiona ao lar. Ela decide romper essas barreiras e, obviamente que sua classe social e os privilégios de raça, a colocavam em um lugar mais confortável, ou melhor, menos danoso, para exercer uma dupla jornada de trabalho atuando na atividade científica com dedicação.

Apesar dessa convicção nata de ser feminista, dois momentos são decisórios para uma maior tomada de consciência por parte da Lucía.

Primeiro, durante o exílio em Paris, a participação no Grupo de Mulheres Latino-americanas na cidade, aponta ferramentas para que ela possa problematizar suas próprias relações na esfera privada, mas também para questionar a própria ciência, a qual dedicou décadas de sua vida. Quanto a isso, os primeiros ensaios de Lucía relacionando feminismo e ciência podem ser encontrados nas páginas do periódico *Nosotras*. De maneira

intuitiva, certa e revolucionária, ela utilizou as páginas da revista para questionar os mitos que colocavam a mulher em um lugar de desvantagem para desempenhar atividades científicas.

Ela vai além, em contramão a um feminismo bem-comportado que surgia no Brasil, toca em pontos sensíveis para época, como sexualidade, orgasmo feminino, aborto e métodos contraceptivos, sempre imprimindo um olhar científico. Ela ainda se soma às demais colaboradoras nos anseios de inaugurar uma agenda feminista na América Latina, questionando, inclusive, as bases de direita e de esquerda desses países, como ideologias esterilizantes que rendiam pouco ou nenhum apoio para às pautas feministas. Para além disso, Lucía foi também membro ativo na luta em prol da retomada democrática dos países latinos, defendendo o papel das mulheres na atividade econômica e criticando os intelectuais norte-americanos enquanto coniventes com os impactos do golpe militar ao desenvolvimento científico.

O segundo momento de grande impacto para Lucía foi o Ano Internacional da Mulher, em 1975. Pela primeira vez, Lucía percebe que seu ativismo político poderia e deveria tomar rumos teóricos e acadêmicos, publicando em revistas científicas a respeito. A partir de então, ela dedica-se a explorar períodos históricos como a caça às bruxas e trajetórias de mulheres cientistas. Além disso, investiga a condição da mulher cientista no seu tempo presente, percebendo como as metáforas e as condições sociais e discursivas aprisionavam as mulheres em determinadas situações.

Assim, dialeticamente, o pessoal, o privado e o doméstico de quem foi Lucía Tosi, encontra-se com o político, o científico e o acadêmico em uma verdadeira catarse intelectual. Lucía foi problematizadora, questionadora e ativista de histórias de outras que a antecederam, mas, acima de tudo, criou um espaço estratégias e ferramentas para que hoje sua história pudesse ser contada. Ao final desta tese, apenas desejamos, assim como Lucía Tosi, que possamos inaugurar mais espaços para mulheres. Que consigamos romper cada vez mais com estruturas, discursos e crenças que nos aprisionam e nos negligenciam. E que a luta de Lucía Tosi, que décadas depois, em outros tons, é ainda a nossa luta, seja a luta de cada vez mais pessoas.